



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PORTO NACIONAL - TO  
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM HISTÓRIA DAS POPULAÇÕES  
AMAZÔNICAS (PPGHISPAM)**

**FLÁVIO ALEXANDRE MARTINS XAVIER**

**AS INFLUÊNCIAS DO CONCÍLIO VATICANO II (1962-1965) NO FESTEJO DO  
DIVINO ESPÍRITO SANTO EM ARRAIAS, TO**

Porto Nacional, TO

2024

**FLÁVIO ALEXANDRE MARTINS XAVIER**

**AS INFLUÊNCIAS DO CONCÍLIO VATICANO II (1962-1965) NO FESTEJO DO  
DIVINO ESPÍRITO SANTO EM ARRAIAS, TO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em  
História das Populações Amazônicas da Universidade Federal  
do Tocantins – Campus de Porto Nacional.

**Orientador:** Prof. Dr. Vitor Hugo Abranche de Oliveira  
**Coorientador:** Prof. Dr. Alexandre da Silva Borges

Porto Nacional, TO

2024

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Sistema de  
Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

M386i Xavier, Flávio Alexandre Martins.

As influências do Concílio Vaticano II (1962-1965) no Festejo do Divino Espírito Santo em Arraias, TO. / Flávio Alexandre Martins Xavier. – Porto Nacional, TO, 2024.  
144 f.

Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) Profissional em História das Populações Amazônicas (PPGHSPAM), 2024.

Orientador: Vitor Hugo Abranche de Oliveira

Coorientador: Alexandre da Silva Borges

1. Festejo Popular. 2. Festa do Divino. 3. Religiosidade. 4. Arraias. I. Título

**CDD 901**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizada desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo s is tema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

**FLÁVIO ALEXANDRE MARTINS XAVIER**

**AS INFLUÊNCIAS DO CONCÍLIO VATICANO II (1962-1965) NO FESTEJO DO  
DIVINO ESPÍRITO SANTO EM ARRAIAS, TO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História das Populações Amazônicas da Universidade Federal do Tocantins – Campus de Porto Nacional, como requisito à obtenção de grau de Mestre em História.

Data da Aprovação \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Alexandre da Silva Borges - Presidente  
PPHISPAM-UFT

---

Prof. Dr. Vasni de Almeida – Membro Efetivo  
PPGHISPAM-UFT

---

Profa. Dra. Andrisa Kemel Zanella – Membro Efetivo  
UFPel

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, minha família e a todos os arraianos, em especial a todos as pessoas que contribuíram direta e indiretamente para realização deste trabalho.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por ter me proporcionado a vida e ser meu refúgio, pela oportunidade e determinação na busca de ser aquilo que escolhi, por ter conseguido vencer todos os obstáculos que encontrei ao longo desses anos que exigiu de mim muita dedicação.

Aos meus pais, José Xavier e, em especial, a minha mãe Eva Martins, pelo incentivo aos estudos, apoio em minha vida, por ser meu exemplo em determinação e coragem, uma pessoa maravilhosa, que sou eternamente grato pela dedicação, amor e cuidados nesta minha caminhada em busca do saber.

Aos meus irmãos, Ana Paula, Elisângela, Fernando, Maria Domingas, Natalia, Rosângela e Rubia Patrícia. Aos meus familiares, os Martins e os Xavier, pelas orações, pelas palavras de otimismo.

À minha esposa Janaina da Conceição, pelo amor, carinho, dedicação, compreensão dedicados a mim, e principalmente pela paciência.

Às minhas filhas, Fernanda Martins e Mariana Martins, os amores da minha vida.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Vitor Hugo Abranche de Oliveira, e ao coorientador, Prof. Dr. Alexandre da Silva Borges, obrigada por contribuir com tantos ensinamentos, conhecimentos, palavras de força e incentivo.

Aos meus amigos conquistados durante este curso, em especial à Angéla Maria e Dhambrya Morgana. Hoje tenho certeza de que ao longo desses anos nossa amizade só cresceu, obrigada por me ouvir, por compartilhar minhas alegrias e angústias, por estar sempre comigo e me dedicar sua amizade, Agradeço a vocês pela oportunidade de tê-las em meu coração, serei sempre grato pelos ótimos momentos vivenciados juntos, saibam que levarei comigo ótimas lembranças de cada um e espero que nossa amizade se estenda muito além dos limites da universidade.

Quero aqui agradecer aos professores do Mestrado, em especial ao Prof. Dr. George Leonardo S. Coelho e a Profa. Dra. Thálita Maria F. da Silva, por acreditar em mim, fazendo com que eu não desistisse. Gratidão por tudo, que Deus lhes abençoe sempre. E aos demais professores do Programa de Pós-Graduação em História das Populações Amazônicas, por compartilharem comigo seus conhecimentos.

E a todas as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho, meus sinceros agradecimentos.

A cultura de um povo é o seu maior patrimônio. Preservá-la é resgatar a história, perpetuar valores, é permitir que as novas gerações não vivam sob as trevas do anonimato.

Nildo Lage

Perseverar é não desistir, é insistir mesmo que tudo seja contrário. Só persevera quem tem fé, só tem fé quem tem Deus, quem tem Deus não luta sozinho. Perseverar é atitude de forte, de corajoso, e determinado, pois leva no coração a certeza de que por mais difícil que seja a situação, se perseverar Deus irá o honrar e recompensar por seus esforços.

Yla Fernandes

## RESUMO

Nesta pesquisa discutiremos a seguinte dissertação, intitulada *As influências do Concílio Vaticano II (1962-1965) no Festejo do Divino Espírito Santo em Arraias, TO*. O presente trabalho tem por objetivo analisar quais foram as influências das conferências do Concílio Vaticano II no Festejo do Divino Espírito Santo em Arraias, Tocantins, no período em que o bispo da Diocese de Porto Nacional era Dom Alano Marie Du Noday. A pesquisa consistiu em realizar uma revisão bibliográfica, através da análise e estudos em artigos e publicações acadêmicas sobre as temáticas relacionadas ao festejo do divino, religiosidade popular e cultura popular. Para isso, foi utilizada a metodologia de pesquisa qualitativa, por valorizar o método de pesquisa bibliográfico, pesquisa documental, representação fotográfica e a pesquisa participante, levando em conta que ela é indispensável para fundamentar e desenvolver este estudo, enfatizando os seguintes autores: Appolinário (2004), Delgado (2010), Minayo (1994), Triviños (1987) e Vergara (2000). Partiu-se, também, das análises em torno do conceito de cultura popular na História e na Antropologia. Nessa perspectiva, sistematizam-se aqui algumas teorias quanto à religiosidade popular. Conclui-se que o Concílio Vaticano II contribuiu para a popularização da Igreja Católica e seus ritos, como no caso do festejo em questão. Esta pesquisa pode contribuir com os estudos na área de História das Religiões e Religiosidade, bem como com os estudos da cultura regional e da memória coletiva da comunidade de Arraias, Tocantins.

**Palavras-chave:** Festejo Popular. Festa do Divino. Religiosidades. Arraias. Tocantins.



## **ABSTRACT**

In this research, we will discuss the following dissertation titled "The Influences of the Second Vatican Council (1962-1965) on the Festival of the Holy Spirit in Arraias, TO". This study aims to analyze the influences of the Second Vatican Council's conferences on the Festival of the Holy Spirit in Arraias, Tocantins, during the period when Bishop Dom Alano Marie Du Noday was overseeing the Diocese of Porto Nacional. The research involved conducting a literature review through the analysis and study of articles and academic publications related to the themes of the Holy Spirit festival, popular religiosity, and popular culture. To achieve this, a qualitative research methodology was employed, emphasizing bibliographic research, documentary research, photographic representation, and participant observation. This approach is essential for grounding and developing this study, with a focus on the following authors: Appolinário (2004), Delgado (2010), Minayo (1994), Triviños (1987), and Vergara (2000). The analysis also draws on the concept of popular culture in History and Anthropology. From this perspective, some theories concerning popular religiosity are systematized. It is concluded that the Second Vatican Council contributed to popularizing the Catholic Church and its rites, as exemplified by the festival in question. This research can contribute to studies in the History of Religions and Religiosity, as well as to studies on regional culture and the collective memory of the Arraias community in Tocantins.

**Keywords:** Popular Festival. Holy Spirit Festival. Religiosity. Arraias. Tocantins.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - O Museu Histórico e Cultural de Arraias (MHCA).....	38
Figura 2 - Gestores municipais e o presidente da Adetuc acompanharam a apresentação de música regional.....	41
Figura 3 - O presidente da Adetuc e professores e representantes do Curso de Turismo .....	41
Figura 4 - Dom Alano Maria Du Noday (1899 – 1985).....	43
Figura 5 - Participação de Dom Alano no Concílio Vaticano II .....	50
Figura 6 - Evolução da postura da Igreja em relação ao mundo moderno .....	63
Figura 7 - Documento de 1741, fazendo referência de Arraias.....	66
Figura 8 - Ruínas da Chapada dos Negros .....	67
Figura 9 - Vista Panorâmica da Cidade .....	68
Figura 10 - Rua Brigadeiro Filipe .....	68
Figura 11 - Localização de Arraias no mapa do Estado Tocantins .....	69
Figura 12 - Vista aérea da cidade Adm. 2001/2004 .....	70
Figura 13 - Mapa dos Potenciais Turísticos do Município de Arraias/TO.....	71
Figura 14 - Programação do Projeto de Vida .....	72
Figura 15 - Evento do Projeto de Vida .....	72
Figura 16 - Cartaz de Programação .....	73
Figura 17 - Levantamento do mastro.....	73
Figura 18 - Cartaz da programação .....	74
Figura 19 - Missa de Nossa Senhora das Candeias .....	74
Figura 20 - Cartaz da programação .....	74
Figura 21 - Missa do Tríduo de São José .....	74
Figura 22 - Subindo o morro da Cruz, minha filha Fernanda .....	75
Figura 23 - Subindo o morro da cruz, minha filha Mariana .....	75
Figura 24 - Cartaz da Programação .....	76
Figura 25 - Via Sacra.....	76
Figura 26 - Caretas no centro da cidade .....	77
Figura 27 - Caretas no Distrito de Canabrava .....	77
Figura 28 - Homenagem do Templo Flores do Amanhecer .....	77
Figura 29 - Missa Solene 2023 .....	78
Figura 30 - Programação do evento.....	78

Figura 31 - Evento do dia do Evangélico .....	78
Figura 32 - Programação da Romaria.....	79
Figura 33 - Novenário da Romaria.....	79
Figura 34 - Cartaz da programação da Festa .....	80
Figura 35 - Missa de Santa Luzia .....	80
Figura 36 - Bandeira do Divino Espírito Santos da senhora Eva Martins.....	82
Figura 37 - Festa do Divino no Tocantins (1935) .....	87
Figura 38 - Os instrumentos utilizados na Folia.....	89
Figura 39 - Cronograma dos Pousos da Folia do “Sertão da Terra Nova”.....	90
Figura 40 - Bênção do jantar .....	91
Figura 41 - Saída da Folia.....	92
Figura 42 - Chegada da Folia na Igreja .....	93
Figura 43 - Bênção dos Foliões .....	93
Figura 44 - Organização do Bagageiro.....	93
Figura 45 - Acendimento da fogueira.....	93
Figura 46 - Chegada da Folia do “Sertão de Governo” .....	94
Figura 47 - Bênção dos moradores .....	95
Figura 48 - Beijo da Bandeira .....	95
Figura 49 - Altar do pouso.....	96
Figura 50 - A Bandeira é entregue ao morador .....	96
Figura 51 - Jantar para Foliões .....	97
Figura 52 - Rodas e cantorias animadas .....	97
Figura 53 - 1º Bendito do Dia.....	98
Figura 54 - Despedida do Pouso.....	98
Figura 55 - Cruzamento das Bandeiras 2018.....	99
Figura 56 - Chegada da Folia na Igreja 2017 .....	99
Figura 57 - Ato de Fé e Devoção.....	100
Figura 58 - Estrutura da física anterior.....	101
Figura 59 - Atual estrutura física da Igreja.....	101
Figura 60 - Ornamentação da Igreja .....	102
Figura 61 - Decoração do Mastro .....	102
Figura 62 - Saída da casa dos Mestres, 2016 .....	103
Figura 63 - Entrada dos Mestres, 2016 .....	103
Figura 64 - Referência à Bandeira, 2016.....	105

Figura 65 – Três voltas ao arredor da Igreja.....	105
Figura 66 - Levantada do Mastro .....	105
Figura 67 - Dança de Sússia .....	107
Figura 68 - Partilha de Alimentos.....	107
Figura 69 - Leilão das prendas .....	108
Figura 70 - Quermesse.....	108
Figura 71 - Missa de Cura .....	108
Figura 72 - Missa campal, 2017 .....	109
Figura 73 - Pãezinhos Simbolizando a Fartura.....	109
Figura 74 - Transformações Pós – Concílio Vaticano II.....	113
Figura 75 - Renovações após o CV II.....	114
Figura 76 - Em memória.....	114

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Estrofes e versos do bendito da mesa.....	92
Quadro 2 - Estrofes e versos do cântico para saudar o morador .....	94
Quadro 3 - Estrofes e versos da despedida ao sair de um pouso para outro.....	97
Quadro 4 - Estrofes e versos do encontro das folias na Igreja Matriz no dia da recolhida, o ponto final do giro das folias .....	100

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ADETUC	Agência do Desenvolvimento do Turismo, Cultura e Economia Criativa
CAN	Correio Aéreo Nacional
CAT	Central de Atendimento ao Turista
CF de 88	Constituição Federal Brasileira de 1988
CONSEPE	Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão
CV II	Concílio Vaticano II
FAB	Força Aérea Brasileira
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MHCA	Museu Histórico e Cultural de Arraias
MINC	Ministério da Cultura
PASCOM	Pastoral da comunicação
PMA	Prefeitura Municipal de Arraias
PPC	Projeto Pedagógico de Curso
PPGHISPAM	Programa de Pós-Graduação de História das Populações Amazônicas
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFT	Universidade Federal do Tocantins

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>2 A VALORIZAÇÃO DA CULTURA POPULAR COMO UMA VIA PARA LIDAR COM OS DESAFIOS DA MODERNIDADE .....</b>	<b>28</b>
2.1 O conceito de cultura popular na História e Antropologia .....	28
2.2 Religiosidades populares .....	32
2.3 A importância da história regional, local e a valorização do patrimônio cultural .....	34
<b>3 O CONCÍLIO VATICANO II (1962-1965) E SUA INFLUÊNCIA NAS PRÁTICAS RELIGIOSAS .....</b>	<b>43</b>
3.1 Dom Alano Marie Du Noday, o Missionário do Tocantins.....	43
3.2 Os desafios da Igreja Católica frente à modernidade e as motivações para a convocação do Concílio Vaticano II.....	50
<b>4 ARRAIAS: HISTÓRIA DE UM POVO RESILIENTE, FORTALECIDO PELA FORÇA, CORAGEM E FÉ.....</b>	<b>64</b>
4.1 Breve história de Arraias .....	64
4.1.1 As principais práticas culturais do município de Arraias, TO .....	70
4.2 Festa em honra ao Divino Espírito Santo: da sua origem ao pouso rasante nas terras de Arraias.....	81
4.3 Contextos da Folia e do Festejo do Divino Espírito Santo em Arraias, Tocantins.....	86
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>111</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>116</b>
<b>APÊNDICE A – PRODUTO FINAL .....</b>	<b>125</b>
<b>ANEXO A - O TRABALHO PASTORAL DE DOM ALANO REALIZADO EM ARRAIAS E CAMPOS BELOS.....</b>	<b>132</b>
<b>ANEXO B - PADRE PEDROCÍLIO SIVA GUEDES, VIGÁRIO DE ARRAIAS E REGIÃO.....</b>	<b>133</b>
<b>ANEXO C - “MUITA HISTÓRIA E POUCA PRESERVAÇÃO. PATRIMÔNIOS PÚBLICOS ESTÃO SENDO PERDIDOS NO MUNICÍPIO DE MAIS 200 ANOS” ...</b>	<b>134</b>
<b>ANEXO D - ARRAIAS: UMA CIDADE QUE RESPIRA HISTÓRIA, CULTURA E TRADIÇÃO .....</b>	<b>135</b>

<b>ANEXO E - “ARRAIAS 280 ANOS DE HISTÓRIA, CULTURA E TURISMO” .....</b>	<b>136</b>
<b>ANEXO F - SHOW DE PRÊMIOS DO DIVINO ESPÍRITO SANTOS 2023 .....</b>	<b>137</b>
<b>ANEXO G - BANDEIROLAS PARA ORNAMENTAÇÃO DO FESTEJO DO DIVINO ESPÍRITO SANTOS 2023 .....</b>	<b>138</b>
<b>ANEXO H - CONVITE PARA O FESTEJO 2024.....</b>	<b>139</b>
<b>ANEXO I - LEILÃO VIRTUAL.....</b>	<b>140</b>
<b>ANEXO J - CAMPANHA EM PROL DO PISO.....</b>	<b>141</b>
<b>ANEXO K - CAMPANHA SOU ADORADOR DO ESPIRITO SANTO.....</b>	<b>142</b>
<b>ANEXO L - ORAÇÃO AO ESPÍRITO SANTOS.....</b>	<b>143</b>
<b>ANEXO M - COVINTE PARA ALVORADA E LEVANTADA DO MASTRO .....</b>	<b>144</b>



## 1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação foi desenvolvida no Curso de Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação de História das Populações Amazônicas (PPGHISPAM) da Universidade Federal do Tocantins, no campus de Porto Nacional. Tendo Arraias, TO, em suas práticas religiosas, uma diversidade cultural, optou-se por pesquisar o Festejo do Divino. Originada dos cultos praticados em Portugal a partir do século XIV, é uma celebração que marca a presença do Espírito Santo, através de festividades e da tradicional folia. Esse evento, de natureza popular, transcende fronteiras históricas e preserva elementos religiosos, como adoração ao Santo, missas, novenas, celebrações e leilões. As tradições que permeiam os festejos culturais, como a Folia, o Batuque e a Dança da Sússia<sup>1</sup>, compõem parte integrante da programação da festa. Essas expressões enriquecem a celebração com suas performances musicais, danças e rituais, proporcionando uma experiência cultural rica e diversificada para os participantes.

A festa em honra ao Divino Espírito Santo é uma tradição do catolicismo, tendo como principal símbolo uma pomba branca. Essa festa celebra a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos de Cristo, ocorrendo 50 dias após o Domingo de Páscoa, o que corresponde ao dia de Pentecostes<sup>2</sup>. Essa celebração é oficialmente reconhecida no calendário católico e ocorre anualmente em diversos estados do Brasil. Sendo assim, para Borges (2022), o símbolo pode se manifestar de diversas formas, sendo visível no mito, na literatura e até mesmo na música e em outras formas de expressão artística. Ele também pode ser encontrado nas religiões e nas práticas religiosas, permeando os ritos e as festividades que celebram crenças e tradições espirituais.

A devoção ao Divino, com suas diversas manifestações de veneração ao santo, representa uma das práticas religiosas mais antigas do catolicismo no Brasil. Originada em São Paulo e na Bahia, essa devoção gradualmente se expandiu para as regiões sudeste e

---

<sup>1</sup> “‘Sússia, Súcía, Súça’ é uma rica mistura de influências culturais africanas e brasileiras, que se manifestam em formas de expressão como dança, música e festividades religiosas. O gingado africano, acompanhado por instrumentos musicais como viola, caixa, tambor e pandeiros, é uma parte importante dessas tradições culturais, e eles são frequentemente incorporados em celebrações religiosas, como os festejos do catolicismo popular e folias, especialmente na região do Tocantins” (Dias, 2021, p. 1).

<sup>2</sup> Pentecostes é destacado pela narrativa presente no livro dos Atos dos Apóstolos, capítulo 2, versículos 1-4, momento em que os apóstolos de Cristo recebem o Espírito Santo. “O Espírito gera a Igreja – Quando chegou o dia de Pentecostes, todos eles estavam reunidos no mesmo lugar. De repente, veio de céu um barulho como o sopro de um forte vendaval, e encheu a casa onde eles se encontravam. Apareceram então umas como línguas de fogo que se espalharam e foram pousar sobre cada um deles. Todos ficaram repletos do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem” (Bíblia, 1982, p. 1327). A Bíblia, neste trabalho, é usada como uma fonte histórica, mas também simbólica que dá sentido a uma mitologia cristã.

centro-oeste do país. No Tocantins, as celebrações estão presentes em várias localidades, com um calendário festivo que se estende de janeiro a julho. Essas festividades ocorrem em diversas cidades, principalmente nas regiões sudeste e central do estado.

Resende (2021) enfatiza que, para uma compreensão adequada da cultura religiosa de um grupo, é essencial realizar uma investigação cuidadosa, reunir informações e analisar os rituais e celebrações realizadas por ele. “Porém, é preciso conhecer primeiro a história, as memórias e suas práticas, simbólicas e culturais, elementos fulcrais que permitirão identificar especificidades do lugar e traçar a linha evolutiva da religiosidade, da fé presentes naquele espaço geográfico” (Rezende, 2021, p. 16).

Nesta perspectiva, Costa (2006) salienta que “a cidade de Arraias surgiu da luta e da labuta de um povo forte que mesmo em meio a tanto sofrimento não negou a sua força, a sua coragem e a sua fé”. Sua origem remonta ao período em que os portugueses buscavam expandir seu poder e domínio, desbravando o vasto sertão brasileiro. Com o crescimento da atividade mineradora no século XVII, a cidade de Arraias surgiu sob a influência do ciclo do ouro, quando foi descoberto um rico garimpo nas terras da Chapada dos Negros. Erguida nas encostas das colinas, a cidade testemunhou o florescimento de uma cultura vibrante, cujos vestígios podem ser encontrados nos muros de pedra construídos pelos escravizados e nas festividades populares que perduram ao longo dos anos.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), Arraias pertence a região sul do Tocantins, foi fundada em 1740, durante uma época em que o ouro era objeto de desejo. O garimpo na Chapada dos Negros era tão abundante que, em 1740, Dom Luís de Mascarenhas, governador da capitania de São Paulo, pessoalmente tomou posse das jazidas auríferas no arraial. Em 1º de agosto de 1914, Arraias foi elevada à categoria de cidade, e sua instalação oficial ocorreu em 19 de setembro do mesmo ano.

Para Resende (2021), a cidade de Arraias possui uma população majoritariamente composta por fiéis da fé católica, embora também haja espaço para outras manifestações religiosas. Com base nos dados do IBGE (2010), a população de Arraias, estimada em 10.645 habitantes, é predominantemente católica, com cerca de 8.447 habitantes declarados como tal. Além disso, a cidade abriga uma variedade de outras denominações religiosas, incluindo cinco indivíduos declarados como católicos ortodoxos, 13 como Testemunhas de Jeová, 1.858 como evangélicos, 160 adeptos de tradições esotéricas, 52 espíritas, sete sem determinação clara de filiação religiosa e aproximadamente 104 declarados como sem religião. Ter uma diversidade cultural religiosa em solo arraiano nos permitiu pesquisar a Folia e o Festejo do Divino Espírito Santo.

Em Arraias, o festejo é celebrado no 50º dia após o Domingo de Páscoa, o que equivale ao dia de Pentecostes e o tradicional giro da Folia. A folia do Divino é conduzida pelo encarregado, o alferes, o bagageiro e os foliões, e geralmente dura cerca de 15 a 20 dias, sendo recolhida no dia da Festa de Pentecostes. O encarregado da folia lidera grupos de cantadores que carregam a bandeira do Divino, adornada com a pomba que simboliza o Espírito Santo, enquanto cavalgam. Os bagageiros são responsáveis pela logística da comitiva, organizando os pontos de parada ao longo do trajeto. O alferes é encarregado de conduzir a bandeira sagrada e a própria folia. Os foliões são responsáveis pela execução de cânticos, orações, bênçãos, catiras e rodas de dança, utilizando instrumentos como caixas, violas e pandeiros. Esses elementos se unem para dar vida e significado ao Giro da Folia.

Compreendendo que a folia, juntamente com todos os seus participantes, desempenha um papel fundamental na composição e na vivacidade dessa festa, é relevante destacar que o festejo se tornou ainda mais expressivo em suas manifestações com a dedicação dos últimos padres que chegaram à região. Eles contribuíram para fortalecer e enriquecer as tradições religiosas e culturais associadas ao culto, uma vez que no período do Concílio as festividades ao Divino eram limitadas à celebração da missa de Pentecostes.

Hermogenes (2021) aponta que com a chegada do Padre Jones Ronaldo do Espírito Santos Pedreira, e com a colaboração de alguns moradores locais, a folia foi revivida. No entanto, essa celebração adquiriu novos aspectos ao ser integrada à tradicional Festa de Nossa Senhora dos Remédios. As folias agora ocorrem na véspera da festa da padroeira, distribuídas em três regiões distintas do município, seguindo assim o ritual estabelecido. Uma folia parte em direção ao Sertão do Governo, outra para a região conhecida como Sertão Terra Nova e outra para as Caatingas, todas elas passando pelas fazendas e residências dos moradores locais. No dia 7 de setembro, as três festas se encontram na Praça da Igreja Matriz com grande animação. Os foliões e romeiros que vêm dos sertões para ouvir o canto do Divino são recebidos pelas três bandeiras junto ao cruzeiro. Ao final, os hinos em louvor ao Divino Espírito Santo são entoados e uma folia por vez canta dentro da igreja, ao pé do altar.

Costa (2008) destaca que com a chegada do padre Jones Ronaldo do Espírito Santos Pedreira, um devoto fervoroso do Espírito Santo, a celebração do Divino adquiriu novos contornos na cidade. Especialmente após a construção de uma igreja com o mesmo nome, onde as festividades do Divino passaram a ser realizadas com novenas. Esse movimento foi tão significativo que o festejo foi oficializado e promovido na igreja Matriz, e a folia, que antes se restringia às comunidades rurais, agora percorre várias residências da cidade. Nessas

visitas, são entoados cânticos em louvor ao Divino, seja pedindo alguma graça ou agradecendo por alguma bênção recebida.

Com as novas modificações, a tradicional festa do Divino atualmente é comemorada com novenas e missas na própria Capela do Divino Espírito Santo, situada no setor Arnaldo Prieto. Essa mudança trouxe uma centralização das celebrações religiosas em torno da capela dedicada ao sagrado, oferecendo um espaço dedicado exclusivamente para essas práticas de devoção.

De acordo Alves ([2020]), o referido festejo começa nove dias antes da festa de Pentecostes, sendo inaugurado com uma alvorada no primeiro dia da novena. A celebração tem início às 5h da manhã, ao som do sino. A comunidade se reúne em frente à igreja e percorre a principal avenida da cidade, seguindo um carro de som que toca músicas tradicionais da festa. Logo, mais à noite, tem o início da novena, o grupo de devotos, portando estandartes do Divino, parte da residência dos mestres<sup>3</sup>, os principais organizadores do festejo, acompanhados pelos festeiros e outros devotos, em uma procissão que entoa cânticos de louvor até a igreja. Os fiéis já estão dentro da igreja, aguardando a entrada dos estandartes conduzidos pelos mestres, festeiros, ministros da Eucaristia e pelo pároco.

Durante o novenário, são realizados leilões com doações da comunidade, quermesses com diversas opções gastronômicas regionais e bênçãos diárias para grupos da sociedade. Além disso, há um dia reservado para a Missa de Cura. Durante o período da novena, também ocorrem batizados e casamentos. A missa em honra e louvor ao Divino Espírito Santo é celebrada 50 dias após o domingo de Páscoa, às 19h30, na frente da igreja, devido ao grande número de fiéis. Após a missa, os nomes dos festeiros e mestres do próximo ano são anunciados. Após a bênção final, o padre convoca todos os festeiros a trazerem pães para serem abençoados diante do altar. Os pães abençoados são então distribuídos à comunidade, simbolizando a bênção do Divino para que nunca falte o alimento diário. Esses pães são armazenados em latas de alimentos por um ano, sendo substituídos por novos pães no ano seguinte.

Este estudo tem por objetivo responder à seguinte situação-problema: “Quais foram as influências das conferências do Concílio Vaticano II no Festejo do Divino Espírito Santo em Arraias, Tocantins, no período em que o bispo da Diocese de Porto Nacional era Dom Alano Marie Du Noday?”

---

<sup>3</sup> Mestre escolhido por meio de sorteio, pessoa encarregada de organizar o festejo. A organização da festa acontece após o sorteio, onde o mestre e os festeiros começam o seu planejamento para a Festa no próximo ano.

Os objetivos específicos deste estudo são: compreender as influências das conferências nas novas características festivas do Divino Espírito Santo em Arraias; identificar as principais mudanças e adaptações ocorridas no festejo do Divino Espírito Santo em Arraias em decorrência das diretrizes do Concílio Vaticano II; e analisar como as novas características festivas do Divino Espírito Santo refletem as influências do Concílio Vaticano II na religiosidade e cultura local de Arraias.

As mudanças sociais, culturais, políticas e religiosas ocorridas nos séculos XIX e XX desempenharam um papel significativo na convocação do Concílio Vaticano II. Essa reunião, realizada entre 1962 e 1965, foi um marco na história da Igreja Católica, reunindo bispos de todo o mundo em diversas conferências com o propósito de modernizar a igreja e responder aos desafios enfrentados pela sociedade contemporânea. Uma das principais motivações por trás da assembleia foi reconquistar os fiéis que estavam se distanciando da igreja devido às mudanças culturais e sociais em curso.

Um ponto de atenção deste trabalho foi a atuação de Dom Alano Marie Du Noday à frente da diocese de Porto Nacional, a qual fora marcante e deixou um legado significativo na região. Ao longo dos 37 anos de seu episcopado, ele se destacou como o "Missionário do Tocantins", sendo lembrado pelo povo por suas visitas pastorais que cobriam toda a extensão da diocese, desde o norte até o sul e de leste a oeste. Durante essas visitas, Dom Alano conheceu de perto as dificuldades enfrentadas pelo povo local, incluindo os povos indígenas, e a pobreza dos habitantes do antigo norte de Goiás, região que agora compreende parte do Tocantins. Sua dedicação em compreender e atender às necessidades da comunidade contribuiu para fortalecer a fé e a união entre os fiéis, deixando um impacto duradouro na história da diocese e na vida das pessoas.

Para realizar esta pesquisa, foi necessário buscar em um acervo bibliográfico e consultar pesquisadores que contribuíram para a cultura religiosa do Tocantins, especialmente em relação a Arraias e a Festa do Divino. Foram examinadas pesquisas e estudos que abordam a história da cidade e a relação de seus habitantes com a festividade católica. Além disso, foi realizada uma pesquisa documental dos documentos conciliares, incluindo o *Gaudium et Spes* (sobre a Igreja no mundo) e o *Sacrosanctum Concilium* (sobre a Liturgia). Essa abordagem permitiu uma compreensão mais ampla das influências do Concílio Vaticano II na festividade do Divino Espírito Santo em Arraias, Tocantins.

Para dar andamento a este trabalho, e conhecendo grande parte da vivência da comunidade religiosa, busquei utilizar no estudo a metodologia de pesquisa qualitativa por

valorizar o método de pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, representação fotográfica e observação na pesquisa participante.

Neste caso, a pesquisa qualitativa foi utilizada para investigar as influências das conferências na festividade do Divino em Arraias, Tocantins. Ela permitiu uma análise detalhada das mudanças ocorridas na celebração religiosa, explorando as percepções, crenças e experiências dos participantes e líderes religiosos locais. Envolveu observações participantes em profundidade, grupos focais e estudos históricos e culturais para compreender as transformações ocorridas ao longo do tempo.

Na visão de Triviños (1987), diversos teóricos compartilham a perspectiva de que a pesquisa qualitativa tem suas origens nas práticas inicialmente desenvolvidas por antropólogos e, posteriormente, por sociólogos, em seus estudos sobre a vida em comunidades. Delgado (2010) enfatiza que a pesquisa qualitativa valoriza a singularidade dos dados e contextos, não sendo adequada para generalizações universais. Isso significa que os resultados obtidos em um estudo qualitativo são específicos para o contexto em que foram coletados e não podem ser extrapolados para toda a população. Appolinário (2004) destaca que a pesquisa qualitativa é uma modalidade na qual os dados são coletados por meio de interações sociais, observações participantes e grupos focais. Essas interações permitem ao pesquisador capturar as experiências, percepções e significados dos participantes de maneira mais rica e profunda. Além disso, ele ressalta que os dados qualitativos são analisados de forma subjetiva pelo pesquisador, o que significa que o pesquisador interpreta os dados com base em sua própria compreensão, experiência e perspectiva teórica. Essa análise subjetiva permite uma compreensão mais profunda e contextualizada dos fenômenos estudados na pesquisa qualitativa.

Em colaboração com essa ideia, Minayo (1994) destaca que por intermédio da abordagem qualitativa o pesquisador consegue responder a questões particulares e trabalhar com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes de indivíduos ou comunidade. Essa abordagem permite uma exploração aprofundada e contextualizada dos fenômenos sociais, possibilitando ao pesquisador entender as nuances e complexidades presentes nas experiências e percepções dos participantes. Ao invés de buscar respostas generalizáveis, a pesquisa qualitativa busca compreender a diversidade e a singularidade das experiências humanas, contribuindo para uma análise mais rica e abrangente dos fenômenos estudados.

No entanto, foram utilizados os recursos bibliográficos para explorar a história da festividade, a cultura religiosa da região e as influências do Concílio Vaticano II. Livros,

artigos acadêmicos, teses, dissertações e outros materiais acadêmicos puderam fornecer uma base sólida de conhecimento sobre o assunto. Vergara (2000) destaca que a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído de livros e artigos científicos. Nesse sentido, esse tipo de pesquisa se baseia em fontes secundárias, ou seja, em informações já publicadas por outros autores. No contexto do trabalho, foram utilizados registros da historiografia e memorialista regional, ou seja, fontes que documentam e analisam a história e a cultura da comunidade, já existentes anteriormente. A pesquisa bibliográfica se torna valiosa para embasar e contextualizar estudos, fornecendo uma base sólida de conhecimento e interpretação dos dados coletados.

Já a realização de uma pesquisa documental sobre os documentos conciliares, com destaque para o *Gaudium et Spes* e o *Sacrosanctum Concilium*, proporciona uma visão pertinente das influências do Concílio Vaticano II na festividade ao Divino. Esses documentos ofereceram uma compreensão sobre as mudanças litúrgicas, pastorais e sociais promovidas pelo concílio, as quais tiveram um impacto direto nas práticas e na organização das celebrações religiosas na comunidade.

O *Gaudium et Spes* trata da relação entre a Igreja e o mundo moderno, enfatizando o engajamento da Igreja com questões sociais e culturais contemporâneas. A Constituição Pastoral foi relevante para entender como o festejo se adaptou ao responder aos desafios e oportunidades do mundo moderno. O *Sacrosanctum Concilium*, por sua vez, aborda a reforma litúrgica da Igreja, destacando a importância da participação ativa dos fiéis na liturgia. A Constituição Conciliar propiciou o esclarecimento sobre como a celebração da festa do Divino é organizada e entendida pelos participantes.

Em conjunto, a análise desses documentos conciliares ajudou a enriquecer a compreensão das influências do Concílio Vaticano II na solenidade ao Divino e como essa celebração continua a se adaptar e evoluir em resposta aos desafios e oportunidades do mundo contemporâneo.

Em relação à representação fotográfica, foram utilizadas fotografias para capturar visualmente a atmosfera, os rituais, as tradições e a participação da comunidade nas comemorações ao Divino. As fotografias poderão complementar os dados coletados através de pesquisa bibliográfica e documental, fornecendo uma perspectiva visual das práticas religiosas e culturais em Arraias. Muitas fotografias foram cedidas por outras pessoas que participam do Festejo, sendo colocada a fonte de quem cedeu a imagem nas ilustrações desta pesquisa.

Nesse contexto, a pesquisa participante contribuiu para a avaliação comparativa do desenvolvimento e da participação da comunidade católica na preparação e organização da festa tanto durante o período do Concílio quanto após o Concílio. Borges (2009) salienta que, na pesquisa participante, a observação é conduzida de maneira direta. O observador não apenas registra, mas também se envolve ativamente na dinâmica do grupo em estudo. Posto isso, implica que o pesquisador se mergulhe no contexto do grupo, analisando-o a partir de uma perspectiva interna, através de vivências e interações do dia a dia.

Portanto, a metodologia de pesquisa qualitativa, aliada aos métodos de pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, representação fotográfica e a pesquisa participante, é de fato uma escolha pertinente e eficaz para o estudo sobre a cultura religiosa em Arraias. Essa abordagem possibilitou capturar a essência e a complexidade da vida religiosa local, contribuindo para uma compreensão mais completa e significativa do tema.

A pesquisa desempenhou um papel crucial na expansão do conhecimento histórico. Acredito que examinar e entender uma expressão tão significativa da cultura popular, especialmente para uma comunidade, proporcionou gerar discernimentos valiosos para projetos e estudos que visam enaltecer os saberes culturais locais. Essas iniciativas não apenas promovem a valorização da comunidade, mas também contribuem na compreensão dos diversos grupos sociais, incluindo aqueles ligados a diferentes tradições religiosas. E, além disso, para reconhecer o atual momento como uma oportunidade para valorizar a cultura como uma ferramenta para lidar com os desafios da era moderna. Entendo que a democratização da cultura é essencial para envolver as pessoas em atividades educativas e formativas, promovendo a valorização do ser humano e impulsionando a transformação da sociedade.

Frente ao exposto, este estudo justifica-se por sua contribuição para o fortalecimento dos aspectos pedagógicos e históricos, bem como pela valorização dos saberes históricos, culturais e religiosos da cidade de Arraias. Ao promover uma perspectiva de fortalecimento e valorização cultural religiosa, também colabora para enriquecer a vida da comunidade e preservar suas tradições para as gerações futuras.

Este trabalho insere-se na Linha de Pesquisa 2: “Ensino e fontes das diversidades culturais amazônicas”<sup>4</sup>. Segundo o Edital n° 001/2021 PPGHISPAM/UFT, tem definida como

---

<sup>4</sup> A linha se ocupa dos saberes docentes acerca de pesquisas em fontes primárias sobre a educação pública e das potencialidades dos acervos institucionais (Inkra, Funai, Iphan, Tribunal de Justiça, bibliotecas públicas e privadas) e suas contribuições para a reconstituição das formas de ensino envolvendo as populações amazônicas; com a formação de profissionais envolvidos em salas de aula, em direções e coordenações escolares, com a formação de trabalhadores em arquivos, bibliotecas, museus, assessores de movimentos sociais; e, finalmente,



área de concentração: História e Cultura das Populações Amazônicas. A linha de pesquisa destaca a relevância da composição das fontes para a identificação, interpretação e escrita da história.

Este estudo teve início nos anos de 2016 e 2017, quando participei e observei a Festa do Divino como parte do trabalho de pesquisa, com o objetivo de registrar o desenvolvimento e a participação da comunidade católica na preparação e organização do evento. O trabalho foi continuado no ano de 2018 como parte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) no Curso de Licenciatura em Educação do Campo: Artes Visuais e Música da UFT, no Câmpus Universitário Professor Dr. Sérgio Jacintho Leonor.

Continuamos com a pesquisa cujo tema abarca o título que aqui reiteramos, *As influências do Concílio Vaticano II (1962-1965) no Festejo do Divino Espírito Santo em Arraias, TO*, trabalho que surge da minha preocupação em trazer para o ambiente acadêmico, entre outras questões, a pergunta: "Quais foram as influências das conferências do Concílio no Festejo do Divino Espírito Santo em Arraias, Tocantins, durante o episcopado de Dom Alano Marie Du Noday na Diocese de Porto Nacional?". O interesse foi motivado pela falta de documentos que registrassem a origem e a história das práticas religiosas dos habitantes nesse contexto. A partir desse questionamento, surgiu o desejo de investigar e compreender o processo de elaboração do Festejo do Divino Espírito Santo em Arraias, Tocantins, durante o período do Concílio e após o Concílio.

Nesse contexto, acredita-se que esta pesquisa terá um papel significativo nos estudos das festividades religiosas que deixaram uma marca na memória coletiva da comunidade católica. Conforme Maurice Halbwachs (2004) argumenta, toda memória é coletiva e, como tal, desempenha um papel fundamental na formação da identidade e na percepção de si mesmo e dos outros.

Matos e Senna (2011) destacam que podemos compreender a memória como a manifestação do passado, uma construção psicológica e intelectual de fragmentos representativos desse passado. Esses fragmentos são selecionados de forma parcial devido aos estímulos que os influenciam. A memória não se resume apenas às lembranças de um indivíduo específico, mas sim de um indivíduo inserido em um contexto familiar ou social. Portanto, suas lembranças são influenciadas por inferências coletivas, que podem ser moralizantes ou não.

---

com as instituições públicas e privadas compromissadas com as populações tradicionais. Por se tratar de uma linha que visa a formação de profissionais que organizam espaços de memória e ensinam, uma primeira preocupação é a centralidade do ensino na formação professor/pesquisador voltado para os saberes atinentes às diversidades culturais amazônicas. públicos, bibliotecas municipais e estaduais e preservação de arquiteturas.

Para Delgado (2006), a memória é entendida como uma construção sobre o passado, que é atualizada e renovada no tempo presente. Isso significa que a memória é formada a partir de eventos passados, que ao serem lembrados no presente são reinterpretados e recebidos de forma restaurada por diferentes indivíduos que os ouvem. Por outro lado, para Halbwachs (1990), a memória é percebida como uma reconstrução do passado com base em eventos presentes, cujas narrativas de outras pessoas confirmam essa reconstrução. Assim, além dos fatos passados, a memória é reconstruída também por meio de eventos presentes narrados pelas histórias das pessoas, o que contribui para a organização e a lembrança dessa memória em reconstrução.

Para compreensão deste estudo, a pesquisa foi estruturada nos seguintes capítulos descritos a seguir, após a introdução. No segundo capítulo, abordo o tema "A valorização da cultura popular como uma via para lidar com os desafios da modernidade". Durante essa análise, mergulhei na compreensão do conceito de cultura popular ao longo da história e na antropologia. Além disso, investiguei o conceito de religiosidade popular, destacando sua relevância nos estudos da memória local. Ao examinar a cultura popular, procurei entender as tradições, práticas e expressões culturais que emergem das camadas mais amplas da sociedade, refletindo a identidade e os valores do povo. Por meio de uma análise antropológica, adentrei nas complexidades e diversidades dessa cultura, reconhecendo sua importância como uma forma de resistência, preservação da identidade e adaptação às mudanças sociais. A religiosidade popular, por sua vez, surge como uma faceta essencial da cultura popular, refletindo as crenças, práticas e rituais que permeiam a vida cotidiana das comunidades. Explorei como essas expressões religiosas são fundamentais para a construção da identidade e coesão social, proporcionando um senso de pertencimento e significado para os indivíduos e grupos. Destaquei a importância dos estudos da memória local para compreendermos a relação entre a cultura popular e a história de uma comunidade.

No capítulo terceiro, intitulado "O Concílio Vaticano II (1962-1965) e sua influência nas práticas religiosas", discorro sobre as contribuições do bispo Dom Alano Maria Du Noday, que liderou a Diocese de Porto Nacional, destacando sua abordagem inovadora e sua visão progressista em lidar com as questões sociais, culturais e religiosas. Aludo os desafios enfrentados pela Igreja Católica diante do processo de modernização. Nesse contexto, destaco as Conferências do Concílio Vaticano II (1962-1965) como um marco crucial na compreensão da posição da Igreja em relação ao mundo moderno, chamando atenção para as mudanças e reformas promovidas pelo Concílio, que buscaram atualizar e adaptar a doutrina e a prática da Igreja aos desafios e realidades contemporâneas.

No quarto capítulo deste estudo, intitulado "Arraias: a história de um povo resiliente, fortalecido pela força, coragem e fé", relato a contextualização da história da cidade de Arraias, suas origens, desenvolvimento e as principais características culturais. Ressalto a importância da Festa do Divino Espírito Santo dentro do contexto cultural de Arraias. Exploro as origens históricas dessa festividade, sua chegada ao Brasil durante o período de colonização pelos portugueses e sua subsequente disseminação por diferentes regiões do estado. Além disso, contextualizo a organização da Folia e do Festejo em Arraias, Tocantins, as tradições e práticas associadas a essa celebração, bem como seu significado e importância para a comunidade local. Ao longo deste capítulo, busquei fornecer uma visão abrangente e informativa sobre a história e as práticas culturais de Arraias, destacando especialmente a relevância da Festa do Divino Espírito Santo como uma expressão significativa da identidade e da espiritualidade do povo dessa região.

Nas considerações finais deste estudo, busco uma análise crítica do desempenho dos objetivos estabelecidos e da verificação da hipótese inicial da pesquisa. Ao longo deste trabalho, procuro contribuir para a área da Educação não formal, explorando os principais aspectos culturais do Festejo em Arraias, Tocantins. Como produto final deste estudo, desenvolvemos um folder educativo que destaca os principais aspectos culturais do Festejo. Esse material foi concebido com o objetivo de divulgar, valorizar e fortalecer as manifestações da religiosidade popular presentes nesta celebração tradicional. Espero que esse folder educativo possa servir como uma ferramenta eficaz para promover o entendimento e a apreciação das tradições culturais locais, tanto dentro da comunidade de Arraias quanto em outros contextos educacionais e culturais.

## **2 A VALORIZAÇÃO DA CULTURA POPULAR COMO UMA VIA PARA LIDAR COM OS DESAFIOS DA MODERNIDADE**

No presente capítulo são abordadas as principais questões conceituais relacionadas à cultura popular na História e Antropologia, fornecendo um contexto para o estudo da religiosidade popular. Os conceitos apresentados aqui servem como base para as discussões sobre a relevância da preservação da história regional e local, bem como para a valorização do patrimônio cultural. Esses fundamentos teóricos embasam a pesquisa em questão, fornecendo direcionamento e sustentação para as análises e conclusões apresentadas.

### **2.1 O conceito de cultura popular na História e Antropologia**

A palavra "cultura" é rica em significados e interpretações, o que tem levado diversos estudiosos a continuarem analisando seu conceito. Essa complexidade decorre da diversidade de aspectos que a cultura abrange, incluindo valores, crenças, práticas, expressões artísticas, tradições e muito mais. Essa amplitude de significados torna a cultura ampla, vasta e em constante evolução, exigindo abordagens multidisciplinares e perspectivas diversas para ser compreendida em sua totalidade.

Edward Tylor (2005, p. 25) oferece uma definição de cultura como "[...] um conjunto complexo que engloba conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou quaisquer outras capacidades ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade". Nessa visão, cultura é vista como um fenômeno social. De forma semelhante, Santos (2006) destaca que há várias perspectivas sobre o que constitui a cultura, sendo que essas podem ser resumidas em duas concepções fundamentais. A primeira concepção abrange todos os aspectos de uma realidade social, compreendendo tudo o que caracteriza a existência social de um povo ou nação. Já a segunda concepção foca mais especificamente no conhecimento, nas ideias e crenças de um grupo, sendo denominada como cultura alternativa, que engloba as tendências de pensamento sobre a vida e a comunidade.

Santos (2006) ressalta a importância de reconhecer a diversidade cultural presente dentro da nossa coletividade, enfatizando que compreender essa diversidade é fundamental para uma compreensão mais profunda do país em que vivemos. Ele observa que essa diversidade não se limita apenas a ideias, mas também se manifesta nas formas de interação na vida social, sendo um elemento intrínseco às relações sociais no país.

Laraia (2005) menciona alguns teóricos neo-evolucionistas, como Leslie White, Sahlins, Harris, Caneiro, Pappaport, Vayda e outros, concebem a cultura como um sistema adaptativo. Apesar das divergências entre eles, esses estudiosos sustentam que

culturas são sistemas de padrões de comportamento socialmente transmitidos, que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos. Esse modo de vida das comunidades inclui tecnologias e modos de organização econômica, padrões de estabelecimento, de agrupamento social e organização política, crenças e práticas religiosas, e assim por diante (Laraia, 2005, p. 59).

Sendo assim, Maia (2011) argumenta que a cultura é passada de uma geração para outra e a descreve como as diversas maneiras de vida de um grupo humano, permitindo que cada comunidade reconheça sua identidade como semelhante e diferente.

O modo de falar, as crenças, o saber e o artesanato representam a forma do homem se relacionar em sociedade. É essa identidade que possibilita cada grupo social reconhecer-se simultaneamente semelhante e diferente de outro grupo, ao revelar as ações do homem para viver em sociedade no correr da história (Maia, 2011, p. 1).

Claval (2001) reforça que a cultura abrange a totalidade das práticas, conhecimentos, técnicas e valores que indivíduos acumulam no decorrer de suas vidas, assim como a soma dos grupos sociais dos quais fazem parte. É transmitida de geração em geração. Longe de ser estática, a cultura está sujeita a mudanças, tanto por meio dos contatos entre diferentes grupos culturais quanto pelas inovações internas. Embora os encontros entre culturas diversas possam gerar conflitos, também representam uma fonte de enriquecimento mútuo.

A cultura transforma-se, também, sob o efeito das iniciativas ou das inovações que florescem no seu seio. O conteúdo de cada cultura é original, mas alguns componentes essenciais estão presentes. Os membros de uma civilização compartilham códigos de comunicação. Seus hábitos cotidianos são similares. Eles têm em comum um estoque de técnicas de produção e de procedimentos de regulação social que asseguram a sobrevivência e a reprodução do grupo (Claval, 2001, p. 63).

Para Thompson (1998), a cultura é um conceito complexo, que ao abarcar tantas atividades e atributos em um único conjunto pode acabar confundindo ou obscurecendo distinções que precisam ser feitas.

Será necessário desfazer o feixe e examinar com mais cuidado os seus componentes: ritos, modos simbólicos, os atributos culturais da hegemonia, a transmissão do costume de geração para geração e o desenvolvimento do costume sob formas historicamente específicas das relações sociais e do trabalho (Thompson, 1998, p. 22).

Na concepção de Thompson (1998), esses são elementos característicos da cultura de um povo, que se forma misturando vários aspectos. No contexto do Festejo do Divino, a cultura se revela em uma complexa teia de símbolos que refletem os aspectos religiosos,

sociais e culturais da comunidade. O mastro, por exemplo, simboliza a presença de Jesus Cristo entre as pessoas, enquanto a bandeira e o estandarte do Divino representam a descida do Espírito Santo sobre os fiéis. Turner (2000, p. 46) refere que a “cultura é um sistema de símbolos que uma população cria e usa para organizar-se, facilitar a interação e para regular o pensamento”. Dessa forma, elementos, como a dança da sússia, os leilões das prendas, as quermesses e as procissões, adquirem significados simbólicos profundos, promovendo momentos de intensa emoção e comunhão entre os participantes. Além disso, conforme salientado por Andrade (2011), é crucial compreender a inter-relação dessas práticas populares dentro do contexto cultural mais amplo. A cultura tem ganhado destaque nas pesquisas de Antropologia, Sociologia e História, pois é por meio dela que os grupos humanos se unem e se diferenciam.

Thompson (1998) propõe que a partir de uma abordagem antropológica que exerce forte influência sobre os historiadores sociais, surge uma visão amplamente aceita sobre a cultura.

entendida como “sistema de atitudes, valores e significados compartilhados, e as formas simbólicas (desempenho e artefatos) em que se acham incorporados”. Mas uma cultura é também um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole; é uma arena de elementos conflitivos, que somente sob uma pressão imperiosa – por exemplo, o nacionalismo, a consciência de classe ou a ortodoxia religiosa predominante – assume a forma de um “sistema. E na verdade o próprio termo “cultura”, com sua invocação confortável de um consenso, pode distrair nossa atenção das contradições sociais e culturais, das fraturas e oposições existentes dentro do conjunto (Thompson, 1998, p. 17).

A consideração de Thompson amplia a compreensão da cultura popular, inserindo-a em um contexto mais amplo, resultante das dinâmicas sociais e das oposições presentes nas relações. Hall (1997, p. 33) sugere que "não se trata de que 'tudo é cultura', mas sim que toda prática social é permeada pelo significado: portanto, a cultura é uma das condições essenciais para a existência dessa prática, sendo que toda atividade social possui uma dimensão cultural". Nessa perspectiva, Abreu (2003, p. 2) destaca que, "desde o final do século XIX, no Brasil, a expressão cultura popular tem sido abordada por uma corrente intelectual composta por folcloristas, antropólogos, sociólogos, educadores e artistas, interessados na construção de uma identidade cultural específica". Assim, a cultura popular é fundamentada na crescente tendência dos historiadores em explorar a cultura como um elemento central na construção da história social.

Como indicado por Chartier (1995, p. 183), durante um longo período, a visão convencional e predominante da cultura popular na Europa, e, possivelmente, nos Estados

Unidos, era baseada em três concepções principais: a definição da cultura popular em contraste com o que não era, ou seja, a cultura letrada e dominante; a capacidade de identificar como "popular" o público de certas produções culturais; e a consideração de algumas expressões culturais como socialmente puras, sendo algumas inerentemente populares.

Cesar (1976, p. 7) explica que, por volta do século XIX, a concepção de "popular" estava associada a elementos considerados supersticiosos, grosseiros, curiosos ou vulgares, atribuindo-lhe, em parte, uma conotação negativa. Segundo Saraiva (2010, p. 148), o termo "popular" é frequentemente utilizado em relação às camadas sociais menos privilegiadas ou aos indivíduos em posições periféricas na estrutura de um grupo específico. Assim, refere-se às expressões da memória coletiva, incluindo aspectos como linguagem e religiosidade. Nessa perspectiva, a cultura popular engloba diversas facetas do corpo social, sendo a religiosidade uma delas.

Consequentemente, percebe-se que, ao longo do tempo, a interpretação do termo "popular" tem evoluído e se adaptado às transformações sociais e culturais. Pelegrini (2008, 2008, p. 1) define a cultura tradicional e popular como o "conjunto de expressões originadas de uma comunidade cultural enraizada na tradição, manifestadas por um massa ou por indivíduos e que são reconhecidas pela comunidade como representativas de sua identidade cultural e social".

Assim, a História desempenha um papel crucial, pois a compreensão dos eventos sociais requer a consideração dos fatores culturais e sociais que os influenciaram. Por outro lado, a Antropologia busca entender o ser humano em sua totalidade, explorando suas crenças, comportamentos, desenvolvimento social e aspectos culturais, com o objetivo de atribuir significados além do contexto cotidiano. Não se trata apenas de preservar tradições culturais, mas também de compreendê-las em novos contextos, à medida que interagem com a modernidade e a pós-modernidade. No que se refere à definição de cultura popular, pode-se associá-la ao folclore, entendido como a soma de tradições culturais de uma nação ou região.

Além disso, a cultura popular abarca aspectos relacionados ao povo, especialmente às pessoas comuns, com pouca ou nenhuma instrução. Dessa forma, a cultura emerge como o principal mediador nas interações sociais, refletindo-se em diversas formas que caracterizam a coletividade e suas ações. Essas diferenças culturais se manifestam por meio de símbolos, valores materiais e imateriais, como crenças, rituais, objetos, linguagem e lendas. Em resumo, a cultura é definida como um conjunto que inclui linguagem, crenças, hábitos, pensamento e arte de um povo, constituindo um estilo característico de cada região e transmitido de geração

em geração, moldando identidades que se renovam ao longo do tempo.

## 2.2 Religiosidades populares

Se entender o termo "popular" já é uma tarefa complicada, definir a religiosidade popular de forma que todos os teóricos concordem é ainda mais desafiador. Isambert (1992) e Saraiva (2010) ressaltam a importância de buscar bases para compreender a vasta diversidade de crenças e práticas religiosas encontradas no Brasil, pois a própria concepção de "religião popular" tem sido alvo de várias tentativas de definição.

Um aspecto importante está ligado à definição de "popular", visto que já é por demais polêmica ter tal definição, outro aspecto é definir religiosidade popular de uma forma tal que se obtenha unanimidade. Nesse sentido a própria noção de religião popular foi objeto de inúmeras tentativas de definição e de contestações freqüentemente renovadas, chegando até a dar a impressão de um recomeço indefinido dos mesmos equívocos. Porém, ao nos aprofundarmos, encontramos outras noções, designando os grandes componentes da noção-mãe: preces, devoções, peregrinações (Saraiva, 2010, p. 159).

Saraiva (2010) destaca que a compreensão de religiosidade popular surge do culto e está presente em todas as civilizações, fornecendo diversas análises que ajudam a compreender as relações humanas com suas crenças e a maneira como interagem na convivência. Por outro lado, Beozzo (1982, p. 745) propõe substituir a expressão "religiosidade popular" por "práticas religiosas das classes populares", argumentando que ela deveria ser exclusivamente associada ao "patrimônio das classes sociais exploradas e oprimidas". Câmara Neto (2002), no entanto, discorda dessa afirmação, sugerindo que Beozzo está desconsiderando o fato de que as manifestações de religiosidade popular não estão restritas a uma determinada classe social.

Conforme descrito no site Província Santa Cruz, na religiosidade popular as pessoas agem de forma espontânea e independente, utilizando uma linguagem simples e poética, impregnada de sabedoria popular. A fé em um Deus presente e vivo é central, expressa por meio de gestos corporais significativos. Além disso, há uma forte tradição oral, que inclui provérbios, rezas, cantigas e narrativas transmitidas oralmente ao longo do tempo. O respeito pelo sagrado e a devoção aos santuários são valores fundamentais. Atividades comunitárias, como procissões, penitências, leilões, mutirões e danças em círculo, são práticas comuns na vivência da religiosidade popular.

Conseqüentemente, Oliveira *et al.* (1976) oferecem uma visão mais aprofundada sobre a religiosidade popular. Segundo os autores, a religião



é o conjunto de atitudes, gestos e palavras, e o modo de um indivíduo ou uma coletividade se dirigir ao Ser Supremo para mostrar vassalagem, adoração, louvor, agradecimento e petições. Já “popular” é igual ao que pertence o povo; é a tradição, o folclore, mentalidade popular; popular como termo antitético no relacionamento rural e urbano, com enfoque político; popular e erudito na área cultural; sagrado e secular, na dimensão religiosa (Oliveira *et al.*, 1976, p. 69).

Nessa perspectiva, Brandão (1981, p. 141) aponta que, dentro das religiões populares, “[...] é a prática religiosa que confere ao crente e ao devoto, vivas, não só as formas pessoais de acesso à fração do mistério, como também a certeza da partilha do poder que sustenta a comunidade que invoca o seu sagrado, com os seus recursos”.

Segundo Vovelle (1991, p. 167), a religião popular, que é objeto de estudo, não se restringe a uma realidade estática e residual, que poderia ser vista como uma "outra religião" remanescente do paganismo e mantida nas áreas rurais. Pelo menos não apenas isso. Abrange todas as formas de assimilação ou contaminação e, principalmente, a interpretação popular do cristianismo após o Concílio de Trento, assim como as expressões de criatividade específicas da cultura popular.

Süss (1979, p. 28) destaca a relevância ao argumentar que o catolicismo popular serve como uma fronteira para a religiosidade popular em geral, pois "engloba todos os costumes e práticas religiosas do povo, sejam eles de origem africana, indiana, protestante, católica, espírita ou pagã". Dessa forma, Brandão (1980) afirma sobre o catolicismo popular:

Ao se reconhecerem indiscutivelmente como católicos, e no horizonte, subalternos à palavra do padre e ao domínio da Igreja, os sacerdotes populares, ao mesmo tempo, negam a legitimidade e a existência possível de uma igreja popular e paralela, na medida em que reproduzem um sistema religioso católico, comunitário e relativamente autônomo, nos limites da classe e do espaço camponês (Brandão, 1980, p. 122).

Dessa maneira, a religião popular é vista como a manifestação de devoção e entrega de uma multidão de pessoas a uma entidade divina. Dentro da perspectiva católica, a religiosidade popular se destaca pela intensa devoção aos santos da Igreja Católica e pela congregação das comunidades em ocasiões especiais para celebrar seus padroeiros, resultando em eventos que se caracterizam pela realização de festividades religiosas ou celebrações festivas.

Conclui-se que a definição do termo "popular" pode ser polêmica e desafiadora. Ele pode ser entendido de várias maneiras, desde pertencente ao povo até associado às classes sociais exploradas e oprimidas. A compreensão precisa desse termo é essencial para contextualizar adequadamente a religiosidade popular. O Brasil é um país de grande diversidade cultural e religiosa e isso se reflete na vasta gama de crenças e práticas religiosas

encontradas, o que significa reconhecer essa diversidade e buscar bases para entendê-la. Manifesta-se através de uma variedade de práticas e rituais, incluindo preces, devoções, peregrinações, procissões, penitências, entre outros. Essas práticas são muitas vezes espontâneas e refletem uma linguagem simples e poética, impregnada de sabedoria popular. E não se limita a uma realidade estática e residual, mas abrange todas as formas de assimilação, contaminação e interpretação popular do cristianismo. Ela incorpora as expressões de criatividade específicas da cultura popular e é uma fronteira para a religiosidade popular em geral. No contexto católico, é marcada pela intensa devoção aos santos da Igreja Católica e pela celebração comunitária em ocasiões especiais. Essas festividades religiosas e celebrações festivas são fundamentais para a vivência da fé e a coesão comunitária.

### **2.3 A importância da história regional, local e a valorização do patrimônio cultural**

A definição de patrimônio cultural passou por várias transformações devido à vasta diversidade cultural existente no Brasil. Isso ressalta a grande necessidade de conhecer, registrar, preservar e valorizar esse rico patrimônio, uma vez que grande parte dele tem se perdido ao longo dos anos devido à falta de consciência das pessoas.

Segundo Hobsbawn (1995, p. 13), “quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínua, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem”. A partir dessa desvalorização da história, os sujeitos perdem o elo com a memória e com a cultura local. A preservação e valorização dos lugares de memória contribuem efetivamente para que no futuro não se constitua um povo sem conhecimento de sua própria identidade cultural.

Moura (2013, p. 56) acentua que “a valorização do patrimônio imaterial na atualidade advém de alterações sofridas pelas acepções do conceito de cultura e patrimônio”. Está articulada às transformações dos traços do convívio social e aos padrões culturais que regem a existência da humanidade.

Murguia e Yssuda (2007, p. 67) reforçam que o patrimônio se originou da palavra *pater*, que significa pai ou paterno. O patrimônio representava os bens de herança que são transmitidos aos filhos. Segundo Oliven (2003, p. 77), “o termo ‘patrimônio’ – em inglês, *heritage* – refere-se a algo que herdamos e que, por conseguinte, deve ser protegido. A palavra é de origem romana: *patrimonium* e significa ‘bem de herança que é transmitido dos pais para os filhos por força da lei’”. Canani (2005, p. 164) conceitua patrimônio como “um conjunto

de bens, materiais ou não, diretos, ações, posse e tudo o mais que pertença a uma pessoa que seja suscetível de apreciação econômica”.

Oliven (2003, p. 79) afirma que há uma diferenciação entre bens materiais e imateriais: “a distinção entre bens materiais e imateriais não é pacífica. [...] uma bandeira é um pedaço de tecido, aos quais os habitantes de uma nação atribuem um significado igualmente sagrado, a comida é material, mas a culinária é imaterial”.

Existem duas categorias de patrimônio cultural: o material e o imaterial. Segundo a Unesco (*apud* Iphan, 2012), o patrimônio cultural imaterial engloba práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas, juntamente com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais associados, reconhecidos pelas comunidades, classes e, em alguns casos, pelos indivíduos como parte integrante de sua herança cultural. Por outro lado, o patrimônio material protegido, definido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) com base em legislação específica, consiste em um conjunto de bens culturais classificados em quatro categorias nos livros do tomo: arqueológicos, paisagísticos, bens individuais e móveis, que abrangem desde coleções arqueológicas até acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos.

No que se refere à legislação brasileira, a Constituição de 1988 apresenta, no Artigo 216, os elementos que integram o patrimônio cultural brasileiro:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (Brasil, 1988, p. 123).

A Constituição ressalta a importância da preservação dos bens patrimoniais brasileiros, conforme o parágrafo 1º do Artigo 216:

O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação (Brasil, 1988, p. 123).

Em conformidade com a Constituição, Neves (2003) aborda o patrimônio cultural como

um conjunto de bens materiais e imateriais representativos da cultura de um grupo ou de uma sociedade. Para que se entenda esse conceito e sua relação com as identidades, torna-se necessário, antes de tudo, refletir acerca do conceito de “cultura”. O senso comum identifica cultura como o domínio de certos conhecimentos e habilidades que permitem a algumas pessoas compreender e

usufruir de bens ditos superiores, como obras de arte, literatura erudita, espetáculos teatrais, etc. Para muitos, culto é aquele que tem informações e conhecimentos formais (Neves, 2003, p. 21).

Nessas perspectivas, compreende-se que o patrimônio cultural brasileiro consiste em vários elementos, constituindo a memória da sociedade. Ghirardello e Spisso (2008) afirmam que o patrimônio cultural é a totalidade de bens, de natureza material e/ou imaterial, que guarda em si referências à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos sociais. É um elemento fundamental para o avanço sustentado, a promoção do bem-estar social, a participação e a cidadania.

Funari e Pelegrini (2008) salientam que a conceituação de patrimônio é abordada a partir da perspectiva da alteridade, destacando-se os movimentos dinâmicos culturais que deram origem à discussão sobre a salvaguarda do patrimônio imaterial e a historicidade dos conceitos associados a ele. Afinal, o patrimônio se manifesta de maneiras diversas e representa mais uma arena para os embates sociais.

Segundo Messias (2012, p. 41),

a concepção de patrimônio cultural [...] define ser tudo aquilo cuja perda empobrece a humanidade. Nesse sentido, patrimônio é sinônimo de preservação, pois tudo aquilo que não se protege desaparece, o que constitui perda irreparável para os valores da vida social. Quando preservamos um patrimônio estamos preservando vários aspectos dele, como por exemplo, às mãos que o fizeram e como fizeram. Ou seja, os saberes e os fazeres.

Para Rodrigues (1996, p. 195), o patrimônio histórico “é uma vertente particular da ação desenvolvida pelo poder público para a instituição da memória social”, que abrange um grande universo relevante de sua cultura. Portella (2012, p. 20) refere o patrimônio cultural como “elo entre o passado e o presente de um grupo ou de uma nação que permite a identificação e a continuidade de sua história”. Sobre essa concepção, Castro (2008, p. 12) diz que a “preservação [...] do patrimônio constituem-se (*sic*) como empreendimentos culturais direcionados a prolongar a vida útil dos objetos materiais e, assim, possibilitar a relação dialógica com estes bens culturais portadores de múltiplas significações”.

Nessa visão, a instituição federal Iphan, vinculada ao Ministério da Cultura (MinC), compreende a educação patrimonial como sendo:

os processos educativos formais e não-formais que têm como foco o patrimônio cultural apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, com o objetivo de colaborar para o seu reconhecimento, valorização e preservação (Iphan, 2014, p. 1).

Segundo Horta *et al.* (1999), a abordagem educacional contínua e sistemática, concentrada no patrimônio cultural, é descrita como um meio fundamental de aprendizado e

crescimento. Essas expressões culturais e fontes, que podem se manifestar tanto em elementos materiais quanto imateriais, individualmente ou em conjunto, carregam consigo referências à identidade, ação e memória dos grupos sociais que compõem a sociedade, conforme estipulado no artigo 216 da Constituição brasileira. Esse processo educacional é considerado um instrumento de "alfabetização cultural", capacitando os indivíduos a interpretar o mundo ao seu redor e compreender o universo sociocultural e a trajetória histórica em que estão inseridos.

A concepção de patrimônio cultural está em constante evolução, sendo percebida como um processo histórico e uma forma específica de memória social. Nos órgãos responsáveis pela preservação desse patrimônio, há uma clara indicação de que o passado é continuamente reinterpretado a partir do presente. Atualmente, a sociedade demonstra um interesse crescente em explorar o passado fazendo uso da representação de sua memória social – na qual o patrimônio desempenha um papel significativo –, evidenciando que os indivíduos não são apenas espectadores, mas sim participantes ativos em um campo de disputa simbólica, que é a memória social.

Nessa perspectiva, a abertura do Museu Histórico Cultural em Arraias, em colaboração com o Governo Estadual, em 1º de agosto de 2013, marca um momento significativo na preservação da história local. Esse projeto não apenas se destina a conservar o patrimônio histórico da região, mas também tem o intuito educacional de fomentar as atividades culturais no município. Essa iniciativa conjunta demonstra o comprometimento das autoridades locais com a valorização da história e da cultura da comunidade, promovendo o desenvolvimento cultural e social da região.

Sobre a caracterização de museu, Santos (2003) salienta que:

Os museus caracterizam-se por coletar objetos que não pertencem mais à compreensão da vida, estranhos ao tempo e à história que envolve. No entanto, essas instituições, além de contar a história do passado por meio de seus fragmentos, são essencialmente história (Santos, 2003, p. 111).

Paula (2012) frisa que os museus não apenas proporcionam um ambiente de aprendizado, descoberta e experimentação, mas também funcionam como locais onde a memória e a história são preservadas ao longo do tempo. Eles servem como uma fonte valiosa de informações, permitindo uma compreensão mais profunda do passado e estabelecendo conexões significativas com o presente.

O museu é um espaço que abriga a informação em formato de artefatos, documentos e que pode propiciar uma relação com estes elementos, sendo neste momento de interação, o de construção do conhecimento. Logo, ele é um espaço de informação e

conhecimento, bem como de mediação, basta ver a sua participação na história (Paula, 2012, p. 14).

Dessa forma, atendendo a parceria entre a ONG Viva Arraias e a Fundação Cultural, foi adquirido em 2008 um imóvel localizado na Praça Dr. João De Abreu, nº 01, Centro, conforme representada na Figura 1. Posteriormente, em 2009, a 14ª Superintendência Regional do Iphan providenciou recursos para a restauração e adaptação do prédio, culminando na celebração do Termo de Cessão de Uso do Imóvel em 18 de julho de 2013. Esse esforço conjunto envolveu a comunidade, a Prefeitura Municipal e o Governo do Estado, representado pela Secretaria de Educação e Cultura. Como resultado, em 1 de agosto de 2013, o Museu Histórico Cultural de Arraias foi oficialmente inaugurado. Posteriormente, em 1 de agosto de 2017, o Museu Histórico e Cultural de Arraias (MHCA) foi reinaugurado para a comunidade, fruto de uma parceria entre a Prefeitura Municipal, Secretaria de Educação e Cultura e a Universidade Federal do Tocantins (UFT).

Figura 1 - O Museu Histórico e Cultural de Arraias (MHCA).



Fonte: Flávio (2024).

A educação patrimonial desempenha um papel crucial na interpretação e preservação da cultura, tanto material quanto imaterial. Ao abordar o museu como um ambiente dinâmico que não apenas conserva, mas também fortalece as histórias e tradições de uma comunidade, estamos contribuindo para enriquecer sua cultura e conhecimento. Valorizar e preservar os bens culturais e a herança, tanto tangíveis quanto intangíveis, vai além de sua importância física. Essa prática também promove a compreensão das raízes históricas e identidade cultural de uma sociedade, fortalecendo seu sentido de pertencimento e conexão com o passado.

Educar é promover a autonomia do ser consciente que somos - capazes de proceder a escolhas, hierarquizar alternativas, formular e guiar-se por valores e critérios éticos, definir conveniências múltiplas e seus efeitos, reconhecer erros e insuficiências, propor e repropor direções [...]. É com a formação crítica que os museus deveriam comprometer-se ao trabalhar com as questões de identidade e da história (Meneses, 1979, p. 94).

Nessa ocasião, o curso de Turismo Patrimonial e Socioambiental de Arraias foi concebido em 2011, após estudos realizados ao longo de três anos, finalizados apenas em 2013. Levando em consideração as riquezas socioambientais e socioculturais da região, a comissão responsável pela elaboração do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) identificou a necessidade de criação de um curso de turismo. Conforme previsto na Resolução n.º 13, de 24 de novembro de 2006, o curso tem como principal foco a sustentabilidade do patrimônio sociocultural e socioambiental, estruturando-se em três núcleos de formação interligados: núcleo de formação básica, núcleo de formação específica e núcleo de formação teórico-prática. Posteriormente, a Resolução n.º 06/2015 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Consepe), de 15 de abril de 2015, aprovou o Projeto Pedagógico do Curso Superior de Tecnologia em Turismo Patrimonial e Socioambiental (Campus de Arraias).

A justificativa para a implantação do curso de Turismo Patrimonial e Socioambiental, modalidade tecnólogo na Universidade Federal do Tocantins/Campus de Arraias, é a de atender não somente a aquisição do conhecimento, mas também o desenvolvimento de competências e habilidades da área do turismo. A atividade turística representa uma alternativa relevante no cenário nacional e internacional, como fator impulsionador social, econômico e cultural de uma determinada localidade. Desta forma a UFT busca inserir o Estado na conjuntura econômica da Amazônia Legal, assim como no contexto nacional, propondo, por meio da implantação do curso de Turismo Patrimonial e Socioambiental, formar profissionais habilitados e capazes de desenvolver atividades com competência, ética, e responsabilidade, pautada não somente no fator socioeconômico, mas também nos fatores ambientais, culturais e patrimoniais. E neste enfoque que deve estar a pedra fundamental do planejamento e organização das atividades turísticas que propõe este Campus (UFT, 2015, p. 23).

O PPC do Curso de Turismo Patrimonial e Socioambiental se baseia na formação humana e no desenvolvimento sustentável, buscando conciliar o crescimento econômico, a equidade social e a preservação do patrimônio natural. Isso significa atender às necessidades das gerações atuais sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atenderem suas próprias necessidades. O turismo é compreendido como uma atividade de grande importância para a sociedade, promovendo interação humana e integração política, cultural e econômica em um mundo cada vez mais globalizado.

Nesse contexto, surge a proposta de extensão para a instalação da Central de Atendimento ao Turista (CAT) nas dependências do Museu Histórico e Cultural de Arraias. O objetivo é capacitar os alunos do curso de turismo patrimonial e socioambiental da

Universidade de Arraias para atuarem na gestão dessa central. As atividades incluem fornecimento de informações turísticas, atendimento aos turistas, gestão de agenda cultural e preservação do patrimônio. Esse projeto de extensão é uma colaboração entre o Curso de Turismo Patrimonial e Socioambiental e a Prefeitura Municipal de Arraias, através da Secretaria Municipal de Cultura. A central funcionará nas dependências do Museu Histórico e Cultural de Arraias, servindo também como laboratório para os acadêmicos da universidade e do curso de Turismo. Segundo Xavier (2017, p. 12):

O projeto está vinculado às ações do projeto de pesquisa que visa mapear o Patrimônio Cultural e Natural das Serras Gerais, na perspectiva de inventariar e contribuir para criação de políticas de preservação, de criação de roteiros turísticos e culturais, na geração de renda e no desenvolvimento de pesquisa e extensão que potencialize a socialização Patrimônio Cultural e Natural, da região das Serras Gerais que corresponde aos municípios do Sudeste do Tocantins e do Nordeste Goiano.

A partir dessas iniciativas, tornou-se evidente a importância de valorizar a educação patrimonial e incentivar a visitação aos museus, além de aprimorar o compromisso dessas instituições com a promoção da educação.

O museu é um potencial para visitação turística, é um espaço que recebe visitas de escolas e de pessoas que visitam a cidade, sendo extraoficialmente um centro de atendimento ao turista, pois concentra informações a respeito da cidade, dos seus pontos com potenciais turísticos, telefones de hotéis e serve como uma ponte entre o turista e o que ele deseja conhecer na cidade de Arraias (Ribeiro, 2021, p. 132).

No ano de 2021, uma parceria foi estabelecida entre a Agência de Desenvolvimento do Turismo, Cultura e Economia Criativa (Adetuc), a UFT e a Prefeitura Municipal de Arraias (PMA), conforme ilustradas nas Figuras 2 e 3. O objetivo dessa parceria é fortalecer o turismo na região, reconhecendo o grande potencial dos roteiros turísticos tocantinenses, especialmente com foco na rica cultura local e na região das Serras Gerais.



Figura 2 - Gestores municipais e o presidente da Adetuc acompanharam a apresentação de música regional



Fonte: Governo do Tocantins (Lopes, 2021).

Figura 3 - O presidente da Adetuc e professores e representantes do Curso de Turismo



Fonte: Governo do Tocantins (Lopes, 2021).

O patrimônio histórico e cultural de uma cidade é a expressão da sua identidade, refletindo seus hábitos, costumes, tradições e todos os elementos que caracterizam sua vida, história e valores culturais. Estudar e documentar a festividade do Divino Espírito Santo em Arraias é uma forma significativa de contribuir para a preservação e valorização das tradições culturais locais. Essa iniciativa é fundamental para manter viva a identidade cultural da região e fortalecer o senso de pertencimento dos habitantes locais à sua comunidade. Além disso, ao explorarmos essa festividade, podemos promover uma maior compreensão dos diversos grupos sociais que compõem a sociedade, incluindo aqueles de diferentes culturas religiosas. Além do mais, pode fomentar o diálogo intercultural, a tolerância religiosa e o respeito pela diversidade não apenas dentro de Arraias, mas também em outras comunidades.

Aliás, ao destacar a cultura como um meio de enfrentar os desafios da modernidade, estamos defendendo a democratização da cultura como uma ferramenta para integrar as

peças e promover o desenvolvimento educacional e formativo. Isso pode incluir a realização de atividades culturais acessíveis e inclusivas que envolvam toda a comunidade. Ao valorizar a cultura, valorizamos também as experiências, os conhecimentos e as habilidades de cada indivíduo, reconhecendo a importância da diversidade de perspectivas e contribuindo para a construção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária. Ao promover a valorização da cultura, podemos catalisar mudanças positivas na sociedade, inspirando novas formas de pensar, agir e interagir, levando a uma transformação social mais ampla, baseada na criatividade, na colaboração e na empatia, bem como promover uma maior inclusão social, garantindo que as vozes de todas as comunidades sejam ouvidas e respeitadas. Isso é especialmente relevante para comunidades marginalizadas ou minoritárias.

Portanto, este capítulo ofereceu uma análise abrangente e profunda sobre a valorização da cultura popular e da religiosidade popular como recursos fundamentais para lidar com os desafios da modernidade, fornecendo uma visão preciosa para compreender a dinâmica cultural e social da cidade.

A seguir, no capítulo segundo, intitulado "O Concílio Vaticano II (1962-1965) e sua influência nas práticas religiosas", destacaremos também as contribuições do Bispo Dom Alano Maria Du Noday à Diocese de Porto Nacional e abordaremos os desafios enfrentados pela Igreja Católica diante da modernização, examinando as Conferências do Concílio Vaticano II (1962-1965) e a compreensão da Igreja sobre sua presença no mundo moderno.

### 3 O CONCÍLIO VATICANO II (1962-1965) E SUA INFLUÊNCIA NAS PRÁTICAS RELIGIOSAS

Neste capítulo, irei examinar as contribuições do Bispo Dom Alano Maria Du Noday junto à Diocese de Porto Nacional. Destacarei sua abordagem inovadora e progressista no tratamento de questões sociais, culturais e religiosas. Abordarei os desafios enfrentados pela Igreja Católica diante do processo de modernização, com ênfase nas Conferências do Concílio Vaticano II (1962-1965) como um marco iminente na evolução da postura da Igreja em relação ao mundo moderno. Darei destaque às mudanças e reformas promovidas pelo Concílio, que buscaram atualizar e adaptar a doutrina e a prática da Igreja às exigências e realidades contemporâneas.

#### 3.1 Dom Alano Marie Du Noday, o Missionário do Tocantins

Figura 4 - Dom Alano Maria Du Noday (1899 – 1985)<sup>5</sup>



Fonte: Facebook “Memórias Fotográficas de Arraias TO e Campos Belos GO”.

<sup>5</sup> Diocese Porto Nacional (Dom Alano Maria Du Noday).

Jean Hubert Antoine Du Noday veio ao mundo em 2 de novembro de 1899, na pitoresca região da Bretanha, situada ao norte da França. Ele foi o terceiro filho do nobre casal formado pelo Conde Arthur Rolland Du Noday e pela Condessa Antoinette R. Du Noday. Contudo, o destino reservou-lhe uma trajetória singular, pois, lamentavelmente, seus dois irmãos mais novos encontraram um fim precoce em nova idade, deixando-o como o único herdeiro da linhagem familiar.

Na França, a pátria das liberdades e dos Direitos do Homem, nasceu Dom Alano, no dia 02 de novembro de 1899, no castelo de “la Grand Ville”, em Saint Servant, na Bretanha. Era filho dos nobres Arthur Rolland Du Noday e Antoninette R. Du Noday. Foi batizado na Igreja de Saint d’ Araray, tendo recebido o nome de Jean Hubert Antoine. Na hierarquia genealógica de seus maiores, ele era conde; o conde Du Noday. Cresceu sob os desvelos de sua ilustre família recebendo, desde a infância, rígida educação moral, seguida de aprimorada instrução (Braga, 1994, p. 48).

Jean, desde nova idade, experimentou a dor dilacerante da separação de seus entes mais queridos, testemunhando-os partir prematuramente para a eternidade. Sua primeira e mais marcante perda ocorreu na infância, quando seu pai, aos 33 anos de idade, sucumbiu a uma impiedosa tuberculose, uma enfermidade então considerada incurável. A tragédia não cessou por aí. Dez anos após a partida de seu pai, foi a vez de Marthe, sua irmã mais velha, deixar este mundo aos 14 anos de idade. Esta foi uma cruel provação para a família Noday, que enfrentou mais um golpe com o falecimento de seu irmão Henri.

Henri, motivado pelo chamado ao dever e ao patriotismo, ingressou no exército e se voluntariou para uma missão na Primeira Guerra Mundial em 1915, quando tinha apenas 17 anos. No campo de batalha, foi ceifado por balas germânicas, enquanto defendia sua pátria com bravura e sacrifício. Para completar o círculo de dor, a Condessa Antoinette R. Du Noday enfrentou a derradeira provação de sua existência. Torturada por um câncer implacável e incurável, ela sucumbiu ao seu sofrimento, partindo desta vida.

Braga (1994) destaca que, em sua trajetória militar, Jean ascendeu ao posto de tenente no exército francês. Sua dedicação e bravura o levaram a servir na Légion Française na África, onde demonstrou habilidades excepcionais e conquistou o respeito e a estima de todos os seus superiores. Seu desempenho exemplar e sua promissora carreira militar prenunciavam um futuro brilhante. Jean era reconhecido não apenas por suas habilidades táticas, mas também por sua integridade e comprometimento com o serviço militar. Ele era verdadeiramente um líder entre seus pares, destacando-se como um dos mais promissores talentos de sua geração na hierarquia militar francesa.

Piagem e Sousa (2000) enfatizam que, diante de um chamado interior irresistível, Noday tomou a decisão corajosa de renunciar à sua promissora carreira militar para seguir a vida religiosa. Em maio de 1922, ele deu o primeiro passo em direção a esse novo caminho ao ingressar na Ordem Dominicana, escolhendo o Convento de São Maximino, uma instituição de renome na região da Provença, sul da França, como seu lar espiritual. No ambiente tranquilo e dedicado do convento, Noday mergulhou nas disciplinas espirituais e nos ensinamentos da Ordem Dominicana, preparando-se para abraçar plenamente sua nova vocação. Em 10 de junho de 1922, ele formalizou sua entrega ao serviço de Deus ao receber o hábito dominicano e adotar o nome religioso de Frei Alano Maria Du Noday. Esse momento marcou o início de sua jornada como um dedicado membro da Ordem Dominicana, comprometido com os ideais de serviço, estudo e contemplação.

Ao desembarcar no Brasil em 23 de junho de 1933, Frei Alano Maria Du Noday embarcou em uma nova jornada de serviço e dedicação. Durante três anos, ele residiu no Rio de Janeiro, imergindo no estudo da língua portuguesa e, paralelamente, envolvendo-se em atividades pastorais que prepararam o terreno para seu futuro apostolado. Em 19 de março de 1936, Frei Alano recebeu uma nomeação de grande importância e responsabilidade, foi designado como Segundo Bispo da Diocese de Porto Nacional. Essa nomeação refletia o reconhecimento de suas habilidades e devoção à missão da Igreja. Sua ordenação episcopal ocorreu em 1º de maio do mesmo ano, marcando o início de uma nova fase em sua vida religiosa. Aos 37 anos de idade, Dom Alano Maria Du Noday alcançou um marco significativo em sua jornada espiritual e eclesial. Tornou-se o bispo mais jovem do Brasil naquela época, uma distinção que destacava não apenas sua juventude, mas também sua maturidade espiritual e liderança excepcional. Esse era apenas o começo de sua notável contribuição para a Igreja no Brasil e além.

Em 1936, Dom Alano embarcou em uma jornada pastoral de proporções épicas, que o levou a percorrer toda a extensão de sua vasta Diocese, desde o norte até o sul e de leste a oeste. Durante essa grande viagem, ele mergulhou profundamente na realidade do povo que estava sob seus cuidados pastorais. Ao longo de sua jornada, Dom Alano testemunhou em primeira mão as diversas facetas da vida em sua Diocese. Ele entendeu as lutas e os desafios enfrentados pelos indígenas, compartilhou a dor da pobreza e das dificuldades enfrentadas pelos sertanejos do antigo norte de Goiás. Sua viagem não foi apenas uma exploração geográfica, mas uma imersão completa na vida e nas realidades das comunidades que ele estava destinado a servir. Essa experiência marcante moldou profundamente sua compreensão e sua abordagem como líder espiritual. Dom Alano emergiu dessa jornada não apenas com um

conhecimento mais profundo de sua Diocese, mas também com um compromisso renovado de dedicar sua vida ao serviço e ao cuidado do povo de Deus em sua vasta e diversificada região.

Piagem e Sousa (2000) destacam que Dom Alano, com o firme propósito de conhecer profundamente sua vasta diocese, empreendeu uma série de visitas pastorais que abrangeram toda a extensão geográfica da região. Essas visitas foram estrategicamente divididas em diferentes fases, cada uma delas oferecendo a oportunidade de um contato próximo e pessoal com as comunidades locais. Na primeira etapa de suas visitas, o bispo embarcou em uma jornada pelo norte da diocese, explorando a região conhecida como Bico do Papagaio. Utilizou as águas do Rio Tocantins como sua via fluvial, encontrando e interagindo com as comunidades ao longo de seu curso. Já durante essa primeira viagem, ele iniciou o trabalho de recrutamento de vocações sacerdotais, reconhecendo a necessidade vital de líderes espirituais locais. Após retornar do norte, ele dedicou-se rapidamente a uma segunda jornada, desta vez rumando para o sul da diocese. Durante essa fase, visitou uma série de comunidades essenciais, incluindo Natividade, Chapada, Paranã, Conceição, Arraias, Campos Belos, Monte Alegre, Taguatinga, Duro e Almas. Essas visitas não apenas permitiram que ele se familiarizasse com a diversidade e as necessidades das comunidades locais, mas também fortaleceram os laços entre o bispo e seu rebanho.

Em uma terceira fase de suas viagens, Dom Alano, demonstrando sua adaptabilidade e determinação, optou por explorar a parte oeste da diocese, dessa vez montando um humilde burro. Essa escolha simbólica ecoou suas origens na Cavalaria Francesa e refletiu sua disposição de se conectar com as comunidades mais remotas e isoladas, incluindo a Ilha do Bananal e Conceição do Araguaia. A última parte de sua visita pastoral envolveu uma jornada pelo "alto sertão do leste e do centro", completando assim seu abrangente reconhecimento da realidade e das necessidades de toda a sua diocese. Essas viagens não apenas permitiram que Dom Alano visse em primeira mão as realidades e desafios enfrentados por seu povo, mas também reforçaram sua dedicação em servir e cuidar das ovelhas confiadas a ele pela providência divina.

Sendo um homem de vasta cultura, enriquecida por seus estudos em Paris e Londres, Dom Alano dedicou uma atenção especial à educação como uma prioridade central em seu episcopado. Consciente do papel transformador da educação na vida das pessoas e na sociedade, ele empreendeu esforços significativos para promover o acesso à instrução e ao conhecimento em toda a sua diocese. Seguindo essa visão, Dom Alano trouxe para sua diocese institutos religiosos que estabeleceram colégios e assumiram a responsabilidade pela

educação de crianças e jovens. Esses colégios, como o Colégio Cristo Rei de Pedro Afonso, o Colégio João de Abreu de Dianópolis, o Colégio Estadual de Cristalândia, o Colégio Assunção de Miracema e o Colégio Bernardo Sayão de Gurupi, entre outros, ofereceram oportunidades educacionais de qualidade para as comunidades locais. Em Porto Nacional, suas iniciativas foram especialmente impactantes, resultando na criação de escolas que se tornaram pilares da educação na região. O Colégio Estadual e a escola Irmã Aspásia foram apenas alguns exemplos do compromisso incansável de Dom Alano com o desenvolvimento educacional de sua diocese. Por meio dessas ações, Dom Alano não apenas proporcionou acesso à educação para crianças e jovens, mas também promoveu o desenvolvimento intelectual, moral e espiritual daqueles que seriam os futuros líderes e cidadãos de sua região. Seu legado na área da educação continua a inspirar e beneficiar as gerações presentes e futuras.

Dom Alano se dedicou, também, a iniciativas inovadoras que visavam facilitar a comunicação e a conexão dentro de sua vasta diocese. Reconhecendo a importância do transporte e da comunicação para a expansão e a unidade da região, ele empreendeu esforços para implantar uma rota do Correio Aéreo Nacional (CAN) em parceria com a Força Aérea Brasileira (FAB). Essa rota proporcionou um meio mais rápido e eficiente de transporte de correspondências e suprimentos, ajudando a superar as distâncias geográficas e a conectar as diversas comunidades da diocese. Além disso, coordenou o envio de congregações religiosas para diversas cidades dentro de sua diocese, fortalecendo a presença da Igreja e ampliando os serviços pastorais oferecidos às comunidades locais. Os Orionitas se estabeleceram em Tocantinópolis, os Franciscanos em Cristalândia, os Redentoristas em Pedro Afonso e as Irmãs Dominicanas na região de Arraias, contribuindo significativamente para o crescimento espiritual e social dessas áreas.

No ano de 1950, Dom Alano demonstrou sua visão estratégica e seu compromisso inabalável com a expansão e fortalecimento da presença da Igreja Católica na região ao lançar um ambicioso plano para criar novas paróquias no norte de Goiás. Esse projeto ousado envolveu o desmembramento de áreas da Diocese de Porto Nacional para estabelecer novas estruturas eclesiais que atendessem as necessidades espirituais das comunidades locais. Essa iniciativa não apenas refletiu o profundo zelo pastoral de Dom Alano, mas também sua compreensão da importância vital das paróquias como centros de vida espiritual e comunitária.

Sem dúvida, o seu legado é marcado por sua incansável dedicação ao serviço de sua diocese e seu povo. Suas múltiplas iniciativas e projetos refletiram sua profunda paixão e

compromisso com o bem-estar espiritual e material daqueles a quem servia. Ao promover a educação, estabelecer novas paróquias, facilitar a comunicação e fortalecer a presença da Igreja em áreas anteriormente negligenciadas, Dom Alano deixou uma marca indelével no desenvolvimento espiritual e social de sua região. Seu trabalho não apenas proporcionou acesso aos sacramentos e à orientação espiritual, mas também ajudou a elevar o padrão de vida e promover o progresso das comunidades que ele tanto amava. O legado é uma inspiração e um exemplo de serviço abnegado e dedicação ao próximo. Sua vida e obra continuam a ser lembradas e celebradas como um testemunho do poder transformador do amor e da fé em ação.

O desmembramento da Diocese de Porto Nacional deu origem a um novo capítulo na história da organização da Igreja Católica na região do Tocantins. Sob o episcopado de Dom Alano, várias novas circunscrições eclesiais foram estabelecidas no norte de Goiás, refletindo o crescimento e a expansão da fé católica na área. Em 1952, surgiu a Prelazia de Tocantinópolis, seguida, em 1956, pela criação da Prelazia de Cristalândia. Essas novas circunscrições eclesiais não apenas permitiram uma administração mais eficaz da Igreja Católica na região, mas também proporcionaram um acompanhamento mais próximo e personalizado das necessidades espirituais das comunidades locais. O ano de 1966 marcou outro marco significativo com o estabelecimento da Prelazia de Miracema do Norte. Essa expansão da presença da Igreja Católica refletiu o compromisso contínuo de Dom Alano com o crescimento e o fortalecimento da fé católica na região. O legado de Dom Alano como líder religioso é indissociável desses desenvolvimentos na organização da Igreja Católica no Tocantins. Seu episcopado foi caracterizado por sua visão estratégica e seu compromisso inabalável com o bem-estar espiritual das pessoas a quem servia, deixando uma marca duradoura na história da Igreja na região.

Por isso, seu episcopado foi marcado não só pela atuação eclesial. Dom Alano promoveu um trabalho significativo de renovação pastoral, mas cuidou, também, do desenvolvimento social de sua diocese. Criou escolas, hospitais, postos de saúde, agências bancárias e outros serviços que contribuíssem na melhoria da qualidade de vida do povo da diocese. Foi o grande responsável pela criação de outras dioceses no antigo norte de Goiás, reconfigurando a presença da Igreja Católica nessa região. Tanto que Dom Alano é reconhecido como o “Missionário do Tocantins” (Bressanin, 2015, p. 165).

Além de suas contribuições para a expansão da estrutura eclesial na região, Dom Alano também liderou uma vigorosa renovação pastoral socioreligiosa e uma série de melhorias na infraestrutura física da diocese. Ele dedicou seus esforços para reformar e ampliar diversas paróquias mais antigas, incluindo Tocantinópolis, Filadélfia, Paranã, Peixe,



Arraias, Dianópolis, Taguatinga, Natividade e a própria catedral de Porto Nacional. O compromisso de Dom Alano com a renovação pastoral também se manifestou na resposta às necessidades das novas cidades e comunidades que surgiram na região. Com o crescimento demográfico e o desenvolvimento socioeconômico, surgiram demandas por novas igrejas e capelas. Dom Alano não apenas supervisionou a construção dessas estruturas, mas também fez questão de visitá-las regularmente, oferecendo apoio moral, incentivando a população e, às vezes, contribuindo com seu próprio trabalho físico. Sua presença ativa e seu envolvimento pessoal em cada projeto demonstraram seu compromisso genuíno com o bem-estar espiritual e material de seu povo. Dom Alano não apenas liderou a renovação da infraestrutura física da diocese, mas também inspirou e fortaleceu a fé e a comunidade de seus fiéis através de seu exemplo de liderança e serviço humanitário.

À medida que o tempo avançava, Dom Alano sentia o peso dos anos, do cansaço e da doença se tornando cada vez mais opressivos. Consciente da necessidade de um auxiliar para continuar seu trabalho pastoral, ele começou a considerar a busca por um sucessor adequado. Em 1972, com a chegada de Dom Celso Pereira de Almeida, Dom Alano viu a oportunidade de fazer a transição de liderança na Diocese de Porto Nacional. Ele tomou a decisão de renunciar ao cargo de bispo, entregando os cuidados da diocese a Dom Celso, que assumiu o papel de Bispo Auxiliar. Apesar de sua renúncia, Dom Alano permaneceu comprometido com o serviço à comunidade, assumindo a responsabilidade pela pequena e negligenciada paróquia de Campos Belos. Ao se retirar da liderança diocesana, Dom Alano se instalou em Campos Belos, a cidade mais distante da sede episcopal, onde se dedicou ao trabalho como sacerdote naquela comunidade até 1984. No entanto, com sua saúde debilitada pela idade e pela enfermidade, ele foi reconduzido à Porto Nacional, onde passou seus últimos anos de vida. Dom Alano faleceu em 14 de dezembro de 1985, deixando para trás um legado de serviço, dedicação e amor à sua comunidade e à Igreja. Sua vida e obra continuam a inspirar aqueles que o conheceram e a impactar as gerações futuras de fiéis.

Figura 5 - Participação de Dom Alano no Concílio Vaticano II



Fonte: Santana (2021).

A participação de Dom Alano na conferência, fortaleceu ainda mais o seu trabalho perante a Igreja em serviço à comunidade cristã. A sua convocação veio por meio do Papa João XXIII para discutir a presença da Igreja Católica no mundo moderno, foi um marco significativo em sua trajetória como líder religioso. O documento que registra a participação de Dom Alano no Concílio está preservado na Cúria Diocesana de Porto Nacional, testemunhando sua contribuição para esse solene evento ecumênico, conforme ilustrado na Figura 5. Embora tenha sido uma exceção, Dom Alano retornou à Europa durante a I Sessão da Assembleia, que ocorreu de outubro a novembro de 1962. Sua participação nesse encontro histórico é um testemunho de seu compromisso com a unidade da Igreja e sua busca por uma abordagem contemporânea e relevante da fé católica.

### 3.2 Os desafios da Igreja Católica frente à modernidade e as motivações para a convocação do Concílio Vaticano II

No âmbito histórico e teológico, para uma compreensão mais profunda das transformações litúrgicas que se desdobraram durante o Concílio Vaticano II, é fundamental lançar um olhar retrospectivo sobre a Reforma de Trento e o cenário que a envolveu. A reforma tridentina, conduzida pelo Concílio de Trento no século XVI, teve repercussões significativas no panorama da Igreja Católica Romana. O contexto da época era marcado por desafios teológicos, políticos e sociais, impulsionados pela Reforma Protestante e pelas mudanças culturais da Renascença. Em resposta a esses desafios, o Concílio de Trento

promoveu uma série de reformas, incluindo a litúrgica, que buscavam reafirmar e fortalecer a identidade e a autoridade da Igreja Católica.

com a crise da Cristandade medieval e a emergência do mundo moderno, tempos difíceis sobrevieram para a instituição Católica. As tentativas de reforma, paradoxalmente, enfrentaram a relutância e a resistência interna a mudanças profundas, particularmente, no que dizia respeito à autocompreensão de uma Igreja que não mais coincidia com a “extensão do mundo” e os rumos do esclarecimento iluminista (Aufklärung) (Mendes, 2012, p. 140-145).

Para Venard (1995), o Concílio de Trento (1545-1563) foi convocado pelo Papa Paulo III, contando com a participação de nove cardeais, 39 patriarcas e arcebispos, 236 bispos e 17 abades ou líderes de ordens religiosas, embora nem todos estivessem presentes simultaneamente. Esse concílio foi convocado em resposta direta à Reforma Protestante de 1517, que desafiou os fundamentos da fé católica. Com o intuito de enfrentar esses desafios, o concílio promulgou legislações destinadas a corrigir abusos e reafirmar a unidade dentro da Igreja Católica. Iniciado em dezembro de 1545, foi marcado pela predominância italiana em suas deliberações individuais. Dividido em três períodos distintos, o concílio se reuniu de 1545 a 1548, de 1551 a 1552 e de 1562 a 1563. Durante esses encontros, suas decisões eram cuidadosamente registradas e preservadas para as sessões subsequentes.

Os documentos resultantes do concílio abordavam uma variedade de temas centrais para a fé católica. Entre esses, destacavam-se a proclamação dos sete sacramentos, a reafirmação da doutrina da transubstanciação e a ênfase na obediência ao Papa como autoridade suprema na Igreja. Além disso, o concílio consolidou a teologia escolástica medieval como dogma definitivo, estabelecendo uma base sólida para a compreensão da fé católica. No campo litúrgico, o concílio reiterou a importância da celebração da missa em latim, um elemento tradicional e central da liturgia católica. Além disso, enfatizou que a interpretação das Escrituras permanecesse sob a autoridade exclusiva do Magistério Católico, garantindo assim a coesão doutrinária e preservando a rica tradição teológica desenvolvida ao longo da Idade Média. Uma das preocupações centrais do Concílio de Trento foi a resposta à crescente ameaça do protestantismo.

A Reforma Protestante sinaliza o rompimento interno da cristandade medieval. Ocupando a primeira metade do século XVI, este acontecimento provocou um grande desgaste na vida interna da Igreja e o desfecho final, com a ruptura definitiva, significou o marco histórico da quebra na unidade católica. Por sua vez, este fato já é, por si mesmo, a confluência de múltiplos fatores sociais que em situação anterior, dados os movimentos que se faziam presentes na vida cultural, pressionavam a Igreja na urgência de realizar mudanças e reformas (Mendes, 2012, p. 140-145).

Nesse sentido, as deliberações conciliares buscaram romper qualquer vínculo com o movimento reformista, reafirmando os princípios fundamentais da doutrina católica e fortalecendo a identidade da Igreja.

No espírito de Contra-Reforma ou Reforma Católica, o Concílio de Trento (1545-1563), apresentava-se como um lento despertar em meio aos assombros de um terremoto. Em sua forma reativa, o que parecia de início a busca de proteção, logo se transformou em defesa e intento explícito de “frear” a sublevação que se havia constituído, em visível pretensão de reforma-restauração (Mendes, 2012, p. 140-145).

Dezoito anos após seu início, o Concílio de Trento chegou ao seu término, deixando como legado um influente documento: o *Catechismus, Ex Decreto Concilii Tridentini, ad Parochos Pii Quinti Pont. Max. Iussu editus ad, editionem Romae A. D. MDLXVI publici iuris factam accuratissime expressus*. Esse catecismo, publicado em Roma no ano de 1566, sob a autoridade do Papa Pio V, foi meticulosamente elaborado com uma abordagem didática para ensinar os dogmas da fé católica. Esse documento representou um marco na história da catequese, pois ofereceu uma estrutura clara e acessível para transmitir os princípios fundamentais da doutrina católica aos fiéis. Com sua linguagem simples e direta, o *Catechismus* procurava não apenas informar, mas também educar e inspirar os cristãos em sua vida de fé e prática religiosa.

Mendes (2012) destaca que a era moderna é definida pelo rompimento com a Cristandade medieval, um processo que se desdobrou em dois momentos cruciais da história: a Reforma Protestante, que teve início em 1521, e a Revolução Francesa, ocorrida em 1789. Esses eventos foram pontos de virada significativos que deixaram uma marca profunda no cenário político, social e religioso da época. Eles deram origem a novas ideias, instituições e sistemas de crenças que desafiaram as estruturas estabelecidas da sociedade.

[...] Sem de fato ter conseguido restabelecer a unidade da Igreja, e incapaz de conter o avanço de sua perda de prestígio junto à sociedade, a debilidade crescente da presença pública da Igreja no mundo foi novamente abalada no contexto do século XVIII. O desenvolvimento do movimento iluminista que culminou na Revolução Francesa (1789), tornou-se a referência fundamental do rompimento externo da Cristandade (Mendes, 2012, p. 140-145).

No contexto do século XVIII, a Igreja foi confrontada por uma série de desafios e turbulências que abalaram significativamente sua influência e posição global. A era moderna teve seu início na Europa, marcada pelo surgimento e crescimento do movimento iluminista, que atingiu seu ápice durante eventos como a Revolução Francesa em 1789 e a Revolução de 1848. Esses acontecimentos foram marcos atuantes na história, refletindo a busca por liberdade, igualdade e fraternidade, bem como mudanças radicais nas estruturas políticas,

sociais e culturais da época. Essa era de transformações se estendeu até o século XX, testemunhando mudanças significativas na sociedade, economia, política e cultura não apenas na Europa, mas em todo o mundo. A Igreja Católica, como uma instituição poderosa e influente, viu-se desafiada a responder a essas mudanças de maneira significativa. Enfrentou debates internos e externos sobre questões como secularização, modernização e o papel da religião na sociedade em rápida evolução. Esses desafios levaram a mudanças na própria estrutura e abordagem da Igreja, à medida que ela buscava manter sua relevância e significado em um mundo em constante transformação. A Igreja Católica viu-se obrigada a convocar um novo Concílio para responder às mudanças frenéticas da modernização ao redor do mundo.

Passados 300 anos desde a última assembleia de Trento, “em dezembro de 1864, em reunião às portas fechadas com vários cardeais, o Papa Pio IX externou o seu desejo de convocar um novo concílio” (Caldeira, 2023, p. 275). Em 1869 foi convocado o novo Concílio I, considerado por muitos seguidores da tradição católica como um dos eventos mais determinante do século XIX para a Igreja. O concílio teve início em 8 de dezembro de 1869, com a presença de 764 pontífices na basílica de São Pedro, e quatro foram as sessões públicas do Concílio I.

Segundo Aquino (2023)<sup>6</sup>, na terceira sessão, realizada em 24/04/1870, foi promulgada a Constituição Dogmática *Dei Filius*, aprovada por unanimidade. Já na quarta sessão, em 18/07/1870, definiu-se a infalibilidade do Papa e seu primado de jurisdição sobre toda a Igreja. O debate sobre o texto proposto aos padres conciliares ocorreu de março a julho e foi nesse ponto, especialmente sobre a infalibilidade papal, que surgiram divergências entre os tradicionalistas e os neoconservadores. De acordo com a teologia católica, todo discurso proferido pelo Pontífice *ex cathedra*, literalmente "da cadeira de São Pedro", sobre assuntos de fé é considerado infalível. No entanto, mesmo no início de suas atividades e com mais de 51 projetos de decreto para trabalhar, o Concílio foi interrompido devido à guerra franco-alemã, obrigando muitos dos presentes a regressar às suas pátrias. O Concílio Vaticano II (1962-1965) estava destinado a completar seus trabalhos.

Segundo a Revista IHU (2012), o Concílio Vaticano II marcou uma mudança significativa na postura da Igreja Católica em relação à modernidade, representando uma reconciliação após um longo período de conflitos e resistência. Essa transição da Igreja da contra reforma e da Cristandade para a modernidade foi precedida por uma série de

---

<sup>6</sup> Prof. Felipe Aquino é doutor em Engenharia Mecânica pela UNESP e mestre na mesma área pela UNIFEI. Foi diretor geral da FAENQUIL (atual EEL-USP) durante 20 anos e atualmente é Professor de História da Igreja do “Instituto de Teologia Bento XVI” da Diocese de Lorena e da Canção Nova.

movimentos teológicos que se desenvolveram nas décadas que antecederam o Concílio. Entre esses movimentos, destacam-se: o movimento Patrístico, que buscou resgatar os ensinamentos dos Padres da Igreja e aplicá-los aos desafios contemporâneos; o movimento Litúrgico, que promoveu uma renovação na liturgia e na participação dos fiéis nas celebrações; o movimento Bíblico, que enfatizou a importância das Escrituras Sagradas na vida da Igreja e dos fiéis; o movimento leigo, que reconheceu o papel e a participação dos leigos na missão da Igreja; e o movimento Teológico, que buscou uma abordagem mais aberta e dialógica em questões teológicas. Esses movimentos contribuíram para uma postura mais receptiva e dialógica por parte da Igreja em relação às grandes transformações socioculturais em curso na época do pré-Concílio. Eles prepararam o terreno para as discussões e decisões tomadas durante o Concílio Vaticano II, permitindo que a Igreja respondesse de maneira mais eficaz e relevante aos desafios do mundo moderno.

Contiero (2017) destaca que a sociedade passou por transformações significativas em um curto período de tempo:

A sociedade do final do século XVIII e início do século XIX fora profundamente transformado em um curto período de tempo ao longo do século XIX e a igreja não acompanhou esse processo. Não há como negar que o avanço das máquinas gerou uma nova sociedade que pareceu ser ignorada pela Igreja. Entretanto, mesmo que timidamente, os católicos foram tomando consciência não apenas dos problemas sociais, mas das transformações irreversíveis da sociedade moderna (Contiero, 2017, p. 9).

Para Camurça (2013), as mudanças na sociedade moderna provocaram transformações na Igreja Católica:

mudança na sua postura e relação com a sociedade moderna em direção aos momentos de maior tensão dos períodos pré-Concílio Vaticano II. Com o advento daquele grande acontecimento na história do catolicismo – o Concílio – em resposta à conjuntura interpeladora dos anos 1960, a Igreja procurou buscar uma estratégia de adaptação à modernidade. Isto se deu por meio de uma renovação litúrgica, de um maior reconhecimento das instâncias autônomas dos domínios laicos do Estado, da ciência e da secularização dos costumes na sociedade maior, além da iniciativa para o diálogo inter-religioso e, por fim, um voltar-se para o social, que na América Latina significou a “opção pelos pobres” (Camurça, 2013, p. 117).

As transformações sociais, culturais, políticas e religiosas que marcaram os séculos XIX e XX desempenharam um papel fundamental na convocação do Concílio Vaticano II. Durante esse período, uma série de eventos moldou profundamente a trajetória de muitos países ao redor do globo, exigindo da Igreja Católica uma resposta condizente com os desafios e questões modernas que surgiam. Ao longo do século passado, ocorreram mudanças significativas em várias esferas da vida humana, desde avanços tecnológicos até movimentos sociais e políticos. Diante desse cenário dinâmico e em constante evolução, a Igreja

reconheceu a necessidade imediata de se adaptar e renovar suas práticas e doutrinas para melhor atender às demandas e aspirações da sociedade contemporânea. Assim, o Concílio Vaticano II foi convocado como uma resposta a essas mudanças, buscando promover uma atualização e uma abertura da Igreja aos desafios e realidades do mundo moderno. Esse evento representou um marco na história da Igreja Católica, marcando o início de uma era de renovação e diálogo com o mundo contemporâneo.

O Concílio Vaticano II marcou o vigésimo primeiro encontro ecumênico na extensa história da Igreja Católica. Realizado ao longo de um período de três anos, de 1962 a 1965, esse concílio é amplamente reconhecido como um dos eventos mais significativos do século XX para a Igreja Católica. Suas deliberações abordaram uma série de questões complexas e sensíveis, que tiveram um profundo impacto na compreensão da Igreja sobre sua relação com o mundo moderno. Convocado pelo Papa João XXIII, o concílio reuniu bispos de todo o mundo em uma série de reuniões, debates e votações realizadas no Vaticano. Os temas discutidos foram diversos e abrangentes, incluindo os ritos litúrgicos da missa, os deveres do clero, a liberdade religiosa, a relação da Igreja com os fiéis e até mesmo os padrões morais da época.

De acordo com Piagem e Sousa (2000), a Igreja estava passando por um período de revisão, renovação e mudanças de estilo pastoral.

Na Igreja houve grandes transformações, a partir dos anos 60, mais precisamente a partir do Concílio Vaticano II (1962-1965), determinando-se uma revisão e atualização do sentido, da estrutura e dos métodos da Igreja, com uma consequente renovação e mudanças de estilo pastoral, em nossos tempos (Piagem; Sousa, 2000, p. 135).

Durante o período do Concílio Vaticano II, as festividades do Divino Espírito Santo em Arraias eram relativamente limitadas, com o enfoque principal voltado para a celebração da missa de Pentecostes. Esse evento, que simboliza a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos, era tradicionalmente um momento significativo de devoção e celebração na comunidade. É interessante notar que, durante esse período, as Missas eram celebradas em latim, seguindo a tradição litúrgica estabelecida desde os tempos do Concílio de Trento. Essa prática incluía o posicionamento do padre de costas para os fiéis, elementos que eram considerados centrais na liturgia católica da época.

No entanto, diante do cenário de mudanças sociais, culturais, políticas e religiosas em constante evolução, a Igreja sentiu a necessidade de se adaptar e renovar suas práticas e doutrinas para melhor atender às demandas e aspirações da sociedade contemporânea. Uma das principais motivações por trás do Concílio Vaticano II foi, de fato, reconquistar os fiéis

que estavam se distanciando da Igreja devido às mudanças culturais e sociais em curso.

Assim, o Concílio Vaticano II foi convocado como uma resposta a essas mudanças, buscando promover uma atualização e uma abertura da Igreja aos desafios e realidades do mundo moderno. Segundo o site A12 (2019)<sup>7</sup>, em 1958, a Igreja estava em luto pela morte de Pio XII, cujo papel foi crucial, especialmente no período após a Segunda Guerra Mundial. A expectativa era que o Cardeal Angelo Roncalli, eleito como Papa João XXIII, mantivesse a estabilidade e a continuidade na liderança da Igreja como um pontífice de transição. No entanto, ele surpreendeu a todos ao convocar o Concílio Vaticano II, dando início a uma revolução significativa dentro da instituição eclesial. Apesar de seu pontificado breve, João XXIII deixou um legado duradouro ao convocar o Concílio, aproximando a Igreja do coração do povo. Seu sucessor, Paulo VI, deu continuidade às reformas propostas pelo Concílio, aprofundando ainda mais as transformações na instituição.

Rodrigues (2010) reflete sobre o processo de secularização e o Concílio Vaticano II:

O grande mérito do Concílio Vaticano II é que ele comporta, nele mesmo, uma audácia essencial já que não se ocupa apenas em sentenciar a secularização como um processo de isolamento da modernidade do aparato eclesial. Ele é compreendido sob uma nova perspectiva, capaz de abordar a secularização como possibilidade de se entender a autonomia temporal que busque integrar a religião e a sociedade em seu tempo e em sua história. O Concílio Vaticano II buscou reforçar a necessidade que a Igreja teve de se situar no mundo em que se encontra. E mais do que apenas construir muralhas capazes de resistir às mudanças propiciadas pela secularização em seu processo de multiplicidade, a Igreja buscou aproveitar-se dessas reflexões, a fim de aprofundar a sua própria missão, voltada para o mundo e no mundo (Rodrigues, 2010, p. 108).

A primeira sessão do concílio começou no dia 11 de outubro de 1962, enfrentando algumas dificuldades. Pouco tempo depois da morte de João XXIII, houve um momento de crise. Em 21 de junho de 1963, Paulo VI foi eleito Papa e em sequência anunciou a intenção de retomada do Concílio. O papa então prosseguiu com o Concílio, que teve mais três sessões.

Segundo o site “A Santa Sé”<sup>8</sup>, o Concílio II produziu quatro constituições, nove decretos e três declarações. Dentre os documentos conciliares mais notáveis destacam-se o “*Lumen Gentium*”, que aborda a identidade e missão da Igreja, o “*Dei Verbum*”, que versa sobre a Revelação Divina, o “*Gaudium et Spes*”, focalizando a presença da Igreja no mundo, o “*Sacrosanctum Concilium*”, tratando da Liturgia, o “*Unitatis Redintegratio*”, dedicado ao ecumenismo e diálogo cristão, o “*Ad Gentes*”, discorrendo sobre a missão da Igreja, e o “*Inter Mirifica*”, abordando os meios de comunicação social. Esses documentos, elaborados durante o Concílio Vaticano II, desempenharam um papel crucial na orientação da prática e

<sup>7</sup> A12 – Conectados pela fé – Concílio Vaticano II transformou Igreja Católica.

<sup>8</sup> A Santa Sé (Documentos do Concílio Vaticano II).



pensamento da Igreja Católica desde então (Martins, 2018).

A Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, um dos principais documentos do Concílio Vaticano II, aborda a identidade e missão da Igreja Católica. Esse documento destacou a natureza do povo de Deus, a hierarquia eclesial, os leigos, a santidade da Igreja e sua ligação com Maria, entre outros temas relevantes para a compreensão da fé católica, publicado no dia 11 de outubro de 1964.

A Declaração *Unitatis Redintegratio*, aprovada durante o Concílio Vaticano II, trata do ecumenismo e do diálogo entre as diferentes tradições cristãs. Esse documento enfatiza a importância da busca pela unidade entre os cristãos e encoraja o diálogo fraterno entre as diversas comunidades cristãs, reconhecendo os elementos de verdade e santidade presentes nelas publicada no dia 21 de novembro de 1964.

A Constituição Dogmática *Dei Verbum*, promulgada durante o Concílio Vaticano II, trata da Revelação Divina na Igreja Católica. Esse documento enfatiza a importância da Sagrada Escritura e da Tradição como fontes da Revelação, além de abordar questões relacionadas à interpretação das Escrituras e à autoridade do Magistério da Igreja na sua interpretação autêntica, publicado no dia 28 de outubro de 1965.

A Constituição Pastoral *Ad Gentes*, promulgada durante o Concílio Vaticano II, aborda a missão da Igreja no mundo contemporâneo. Esse documento ressalta a importância da evangelização e da missão da Igreja em levar a mensagem do Evangelho a todas as nações e culturas. Ele oferece diretrizes para a ação missionária da Igreja, destacando a necessidade de adaptar os métodos de evangelização às diferentes realidades culturais e sociais, foi publicado no dia 7 de dezembro de 1965.

A declaração *Inter Mirifica*, uma das célebres produções do Concílio Vaticano II, focaliza nos meios de comunicação social. Ela reconhece a importância e o impacto dos meios de comunicação na sociedade contemporânea e destaca a responsabilidade da Igreja em utilizar esses meios para promover os valores do Evangelho e a dignidade humana. Além disso, oferece orientações sobre como os membros da Igreja podem utilizar os meios de comunicação de forma ética e eficaz, visando o bem comum e a promoção da verdade e da justiça, publicada no dia 4 de dezembro de 1966.

Os documentos conciliares *Gaudium et Spes* e *Sacrosanctum Concilium* desempenharam um papel crucial na evolução da jurisdição eclesial de Arraias, no estado de Tocantins. *Gaudium et Spes*, que aborda a relação da Igreja com o mundo moderno, proporcionou uma base para a reflexão sobre questões sociais, culturais e políticas relevantes para a comunidade de Arraias. Por outro lado, *Sacrosanctum Concilium*, centrado na Liturgia

e na forma como os fiéis participam nela, influenciou diretamente a maneira como as celebrações religiosas eram conduzidas na região, incluindo Arraias. Ambos os documentos forneceram orientações que moldaram a prática e o pensamento da Igreja local, adaptando-se aos desafios e às necessidades do contexto contemporâneo.

A constituição pastoral *Gaudium et Spes*, promulgada em 7 de dezembro de 1965 durante o Concílio Vaticano II, representa um marco significativo na história da Igreja Católica. Seu objetivo principal era abordar a relação entre a Igreja e o mundo contemporâneo, reconhecendo os desafios e as oportunidades enfrentadas pela instituição diante das transformações sociais, culturais e políticas em curso.

73. Profundas transformações se verificam nos nossos dias também nas estruturas e instituições dos povos, em consequência da sua evolução cultural, económica e social; pois todas estas transformações têm uma grande influência na vida da comunidade política, especialmente no que se refere aos direitos e deveres de cada um no exercício da liberdade cívica, na promoção do bem comum e na estruturação das relações dos cidadãos entre si e com o poder público (Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, 1965).

Essa constituição pastoral enfatiza a importância da participação ativa da Igreja nas questões sociais, políticas e culturais da época, incentivando um diálogo aberto e construtivo com a sociedade. “Em primeiro lugar, que, reconhecendo toda a legítima diversidade, promovamos na própria Igreja a mútua estima, respeito e concórdia, em ordem a estabelecer entre todos os que formam o Povo de Deus, pastores ou fiéis, um diálogo cada vez mais fecundo” (Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, 1965). Igualmente, busca promover uma sociedade mais justa, solidária e fraterna, refletindo os valores do Evangelho e o compromisso da Igreja com o bem comum. *Gaudium et Spes* reforçou o papel da Igreja como agente de transformação social, estimulando o engajamento dos fiéis em questões relevantes para a comunidade e para o mundo em geral.

89. Quando a Igreja, em virtude da sua missão divina, prega a todos os homens o Evangelho e lhes dispensa os tesouros da graça, contribui para a consolidação da paz em todo o mundo e para estabelecer um sólido fundamento para a fraterna comunidade dos homens e dos povos, a saber: o conhecimento da lei divina e natural. É, portanto, absolutamente necessário que a Igreja esteja presente na comunidade das nações, para fomentar e estimular a cooperação entre os homens; tanto por meio das suas instituições públicas como graças à inteira e sincera colaboração de todos os cristãos, inspirada apenas pelo desejo de servir a todos (Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, 1965).

Além disso, contribuiu para o diálogo inter-religioso e para o ecumenismo, promovendo a unidade e a colaboração entre diferentes tradições religiosas: “Que se deve fazer para que os frequentes contactos entre culturas, que deveriam levar os diferentes grupos

e culturas a um diálogo verdadeiro e fecundo, não perturbem a vida das comunidades” (Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, 1965).

O *Sacrosanctum Concilium*, ou Constituição sobre a Sagrada Liturgia, foi um dos documentos mais valoroso produzidos durante o Concílio Vaticano II. Promulgado em 1963, esse documento teve como objetivo principal a reforma e renovação da Liturgia na Igreja Católica, reconheceu a necessidade de atualizar e adaptar a Liturgia aos tempos modernos, tornando-a mais acessível e significativa para os fiéis.

O sagrado Concílio propõe-se fomentar a vida cristã entre os fiéis, adaptar melhor às necessidades do nosso tempo as instituições susceptíveis de mudança, promover tudo o que pode ajudar à união de todos os crentes em Cristo, e fortalecer o que pode contribuir para chamar a todos ao seio da Igreja (Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium*, 1963).

Julga, por isso, dever também interessar-se de modo particular pela reforma e incremento da Liturgia. Uma das mudanças mais marcantes foi a permissão para o uso das línguas vernáculas nas celebrações litúrgicas, em vez do latim, que era utilizado de forma predominante: “54. A língua vernácula pode dar-se, nas missas celebradas com o povo, um lugar conveniente, sobretudo nas leituras e na «oração comum» e, segundo as diversas circunstâncias dos lugares, nas partes que pertencem ao povo, conforme o estabelecido no art. 36 desta Constituição” (Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium*, 1963).

36. § 1. Deve conservar-se o uso do latim nos ritos latinos, salvo o direito particular.  
 § 2. Dado, porém, que não raramente o uso da língua vulgar pode revestir-se de grande utilidade para o povo, quer na administração dos sacramentos, quer em outras partes da Liturgia, poderá conceder-se à língua vernácula lugar mais amplo, especialmente nas leituras e admoções, em algumas orações e cantos, segundo as normas estabelecidas para cada caso nos capítulos seguintes.  
 § 3. Observando estas normas, pertence à competente autoridade eclesiástica territorial, a que se refere o artigo 22 § 2, consultados, se for o caso, os Bispos das regiões limítrofes da mesma língua, decidir acerca do uso e extensão da língua vernácula. Tais decisões deverão ser aprovadas ou confirmadas pela Sé Apostólica.  
 § 4. A tradução do texto latino em língua vulgar para uso na Liturgia, deve ser aprovada pela autoridade eclesiástica territorial competente, acima mencionada.  
 D. Normas para a adaptação da Liturgia à índole e tradições dos povos (Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium*, 1963).

O documento destacou ainda a importância da participação ativa dos fiéis na Liturgia, promovendo uma abordagem mais inclusiva e participativa nas celebrações religiosas. Essa ênfase na participação ativa reflete uma mudança significativa na maneira como a Igreja Católica entendia e praticava a Liturgia, buscando envolver os fiéis de forma mais profunda e significativa nas experiências de adoração e comunhão. Essa abordagem visava não apenas fortalecer a vivência da fé individual, mas também promover uma maior coesão e comunhão dentro da comunidade cristã, reconhecendo a importância vital da participação ativa dos fiéis

no culto litúrgico.

48. É por isso que a Igreja procura, solícita e cuidadosa, que os cristãos não entrem neste mistério de fé como estranhos ou espectadores mudos, mas participem na acção sagrada, consciente, activa e piedosamente, por meio duma boa compreensão dos ritos e orações; sejam instruídos pela palavra de Deus; alimentem-se à mesa do Corpo do Senhor; dêem graças a Deus; aprendam a oferecer-se a si mesmos, ao oferecer juntamente com o sacerdote, que não só pelas mãos dele, a hóstia imaculada; que, dia após dia, por Cristo mediador, progredam na unidade com Deus e entre si, para que finalmente Deus seja tudo em todos (Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium*, 1963).

Com a participação ativa dos fiéis na Liturgia, a Igreja buscou encorajar a comunidade a se envolver mais profundamente nos rituais e celebrações eclesiais. Essa ênfase na participação ativa refletiu uma mudança significativa na maneira como a Igreja Católica entendia e praticava a liturgia, buscando promover uma experiência mais vívida e significativa de adoração para os membros da comunidade. “Na reforma e incremento da sagrada Liturgia, deve dar-se a maior atenção a esta plena e activa participação de todo o povo porque ela é a primeira e necessária fonte onde os fiéis hão-de beber o espírito genuinamente cristão” (Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium*, 1963).

Ao incentivar os fiéis a se envolverem ativamente nos ritos litúrgicos, a Igreja visava não apenas fortalecer a fé individual, mas também promover um senso mais profundo de comunhão e pertencimento dentro da comunidade cristã. Essa abordagem refletiu o desejo da Igreja de tornar a Liturgia mais acessível e relevante para a vida cotidiana dos fiéis, incentivando uma participação mais ativa e engajada nas práticas religiosas.

Além disso, a Igreja promoveu uma maior ênfase na Palavra de Deus, incentivando a leitura e a reflexão das Escrituras durante as Liturgias. Essa ênfase refletiu um desejo de aproximar os fiéis da mensagem divina contida na Bíblia, buscando enriquecer sua compreensão da fé cristã e sua relação pessoal com Deus. “11. Para assegurar esta eficácia plena, é necessário, porém, que os fiéis celebrem a Liturgia com rectidão de espírito, unam a sua mente às palavras que pronunciam, cooperem com a graça de Deus, não aconteça de a receberem em vão” (Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium*, 1963).

Ao incentivar a leitura e a reflexão das Escrituras durante as celebrações litúrgicas, a Igreja buscava fortalecer a espiritualidade dos fiéis e promover uma maior intimidade com a Palavra de Deus. Essa abordagem também visava capacitar os fiéis a aplicar os ensinamentos das Escrituras em suas vidas diárias, tornando a fé uma parte mais integrante e significativa de sua jornada espiritual.

Em 8 de dezembro de 1965 foi concluído um marco histórico para a Igreja Católica: o encerramento do Concílio Vaticano II, uma convocação iniciada pelo Papa João XXIII em

1962 com o propósito de modernizar a instituição para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo. Durante as sessões do concílio foram abordados vários temas, incluindo doutrina, liturgia, ecumenismo, entre outros, resultando na formulação de documentos cruciais que direcionaram as práticas e pensamentos da Igreja.

As transformações sociais, culturais, políticas e religiosas que caracterizaram os séculos XIX e XX foram cruciais na convocação do Concílio Vaticano II (1962-1965). No entanto, paralelamente a esse período, uma série de eventos moldou profundamente a trajetória de muitos países ao redor do mundo. Embora não haja uma relação direta de causa e efeito entre o Concílio Vaticano II e o golpe militar no Brasil, é possível identificar conexões indiretas e influências mútuas entre esses eventos históricos. O golpe militar é resultado de uma articulação política golpista realizada por civis e militares na transição de 1961 para 1962, que culminou na concretização do regime militar vigente entre 1964 e 1985, representou uma ruptura democrática e instaurou um regime autoritário que perdurou por mais de duas décadas.

No dia 31 de março de 1964, o Brasil testemunhou um dos eventos mais marcantes de sua história recente, que resultou na deposição do presidente João Goulart, conhecido como Jango. Esse golpe marcou o início de uma ditadura que perdurou por 21 anos, instaurando um regime autoritário e repressivo no país. Apesar das promessas de mudanças estruturais proclamadas pelos militares, as elites políticas, econômicas e sociais mantiveram seus privilégios, enquanto a democracia foi drasticamente restringida. Durante os anos de regime militar, o Brasil viveu sob um clima de constante censura e repressão. A perseguição política era uma realidade para aqueles que ousavam se opor ao governo, resultando em exílios, prisões arbitrárias, torturas e até mesmo assassinatos de opositores políticos. Esse período sombrio deixou marcas profundas na sociedade brasileira, gerando traumas que ainda reverberam até os dias de hoje.

Durante o período do golpe militar e da subsequente ditadura no Brasil, a Igreja Católica desempenhou um papel complexo e multifacetado na sociedade brasileira. Enquanto alguns setores da hierarquia eclesiástica apoiaram ativamente o regime militar, outros líderes religiosos e bispos progressistas se tornaram vozes determinantes na resistência e na defesa dos direitos humanos.

Em 1985 ocorreu uma eleição indireta para presidente, com Paulo Maluf representando o lado dos militares e Tancredo Neves como o candidato da oposição. Esse momento marcou o fim da ditadura militar no Brasil e o início de um novo período democrático na história do país.

Com o fim da ditadura militar, diversos documentos que orientavam a prática e o pensamento da Igreja passaram a vigorar no Brasil, incluindo em Arraias. Entre esses documentos, destacam-se as diretrizes estabelecidas pelo Concílio Vaticano II, como a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* e o Decreto *Sacrosanctum Concilium* sobre a Liturgia. Esses documentos influenciaram diretamente a forma como a Igreja Católica se relacionava com os fiéis e como celebrava seus rituais. Eles enfatizavam uma maior participação dos leigos na vida da Igreja, a valorização da Palavra de Deus e a renovação da Liturgia.

Após o Concílio Vaticano II, Lindberg (2008) aponta que a Igreja passou por uma transformação significativa, caracterizada por uma maior participação dos leigos nas atividades eclesiais e um engajamento mais intenso em questões sociais. Essa mudança na percepção da Igreja como o "povo de Deus" refletiu uma comunidade de fé, entrega, oração e caridade mais inclusiva e participativa. Uma das mudanças mais marcantes foi a modernização da Liturgia, que passou a incluir o uso das línguas locais em vez do latim, que anteriormente era obrigatório. Isso permitiu uma maior compreensão e participação dos fiéis nas celebrações religiosas, tornando-as mais acessíveis e significativas para a comunidade. Além disso, houve uma ampliação na participação dos fiéis nas cerimônias, inclusive permitindo que leigos tocassem no cálice durante a comunhão, simbolizando uma maior proximidade e envolvimento dos membros da congregação com os ritos sagrados.

De fato, as mudanças conciliares do Concílio Vaticano II ocorreram após o fim da ditadura militar, com a chegada do Padre Monsenhor Jones Ronaldo do Espírito Santo Pedreira em Arraias. Como um devoto fervoroso do Espírito Santo, ele trouxe uma nova dinâmica ao festejo na cidade, revivendo a tradicional Folia do Divino Espírito Santo. Além disso, introduziu novos aspectos na organização das festas religiosas, promovendo uma maior participação dos fiéis e estabelecendo uma conexão mais profunda entre o sagrado e a religiosidade popular. Essas mudanças refletiram os princípios do Concílio Vaticano II, que enfatizavam a importância da participação ativa dos leigos na vida da Igreja e a renovação das práticas litúrgicas para torná-las mais acessíveis e significativas para o povo.

A Figura 6 ilustra a evolução na postura da Igreja Católica ao longo dos séculos, desde o Concílio de Trento até as conferências que incorporam os princípios do Concílio Vaticano II. Essa evolução reflete a adaptação da Igreja aos desafios e realidades do mundo moderno, ao mesmo tempo em que preserva sua identidade e missão espiritual.

Figura 6 - Evolução da postura da Igreja em relação ao mundo moderno



Fonte: Flávio (2024).

No terceiro capítulo será apresentada uma breve contextualização da Festa do Divino Espírito Santo. Será abordada a origem dessa festividade, bem como sua chegada ao Brasil durante o período de colonização pelos portugueses. Destacaremos, também, o contexto histórico da cidade de Arraias, suas principais práticas culturais e faremos uma contextualização específica da Folia e do Festejo nesta localidade. Ao final do capítulo, espera-se fornecer uma visão abrangente e contextualizada da Festa do Divino, conectando sua história, práticas culturais locais e as expressões populares que a tornam uma celebração única dentro do panorama cultural brasileiro.

## **4 ARRAIAS: HISTÓRIA DE UM POVO RESILIENTE, FORTALECIDO PELA FORÇA, CORAGEM E FÉ**

Neste capítulo, fornecerei uma breve contextualização da história de Arraias, TO, e suas principais práticas culturais. Destacaremos o contexto da Festa do Divino Espírito Santo, abordando sua origem e sua chegada ao Brasil durante o período de colonização portuguesa. Além disso, apontarei as localidades no Tocantins onde as festividades são manifestadas. Também contextualizarei a Folia e o Festejo em Arraias, explorando sua importância cultural e histórica. Este capítulo apresentará a essência da pesquisa, fornecendo um panorama das tradições e celebrações na região.

### **4.1 Breve história de Arraias**

Arraias é um símbolo de resiliência, onde sua comunidade enfrentou diversas adversidades sem jamais perder a força, coragem e fé. Esses valores fundamentais moldaram a identidade do povo arraiano e o capacitou a superar desafios ao longo da história. Mesmo perante aos problemas, a cidade permanece como um exemplo de determinação e esperança, inspirando não apenas seus habitantes, mas também aqueles que conhecem sua história.

Em suma, de acordo com o Blog História com Gosto (2017)<sup>9</sup>, Arraias começou a ser povoada após a descoberta de jazidas auríferas no alto das colinas, localizada a cerca de 3 km do município. A partir desse momento, uma rica cultura começou a se desenvolver ao longo dos séculos. A história da região foi revelada através dos muros de pedra construídos pelos escravizados, das festas populares e da bela arquitetura colonial dos antigos casarões datados dos séculos XIX e XX, que são testemunho tocável do passado da cidade e de sua importância durante o período ouro. A preservação desses casarões e a convivência entre o presente e o passado colaboram para a identidade única de Arraias e para sua conexão com sua história e herança cultural.

O ciclo do ouro foi um período influente na história do Brasil, especialmente durante os séculos XVII e XVIII, quando houve uma corrida frenética a procura de ouro nas áreas auríferas recém-descobertas. Isso levou à formação de diversos povoados e vilas ao redor das minas em diferentes regiões do país. Resende (2021) reforça que “a data do descobrimento das minas em Arraias é incerta. Não há registros cronológicos precisos como exige a

---

<sup>9</sup> História com Gosto é um Blog de divulgação de assuntos históricos relevantes que podem ser percebidos de uma maneira agradável.



historiografia”. No entanto, os registros dos historiadores indicam que a descoberta das ricas jazidas de ouro na Chapada dos Negros foi por volta de 1730, o que marcou o início de sua história.

Conforme Paternostro (1945), Arraial surgiu

nos fins do Século XVIII, quando as últimas minas descobertas naquele sertão estavam situadas entre os rios Paranã e Palma, onde se encontra hoje o município. Essas minas marcaram o fim daquela turbulenta atividade mineradora com um conflito entre o Ouvidor de Jacobina, na Bahia, e o Governador de Goiás, Tristão da Cunha (Paternostro, 1945, p. 168).

Segundo diz a tradição popular da comunidade, antes de ser povoada pelos mineradores brancos, essa chapada era núcleo de negros aquilombados. Segundo Apolinário (2000, p. 57), esses negros era escravizados fugitivos das áreas mineradoras de outros arraiais, por esse motivo ficou conhecida como "Chapada dos Negros". Gualberto (2017) ressalta que Arraiais foi originalmente habitada por afrodescendentes e africanos que foram escravizados durante o período da mineração, mas também recebeu diversos grupos étnicos, tais como os Akroás, Xakriabá, Xavante, Xerente, Krahô, Apinayé, Javaé, Xambioá e Karajá.

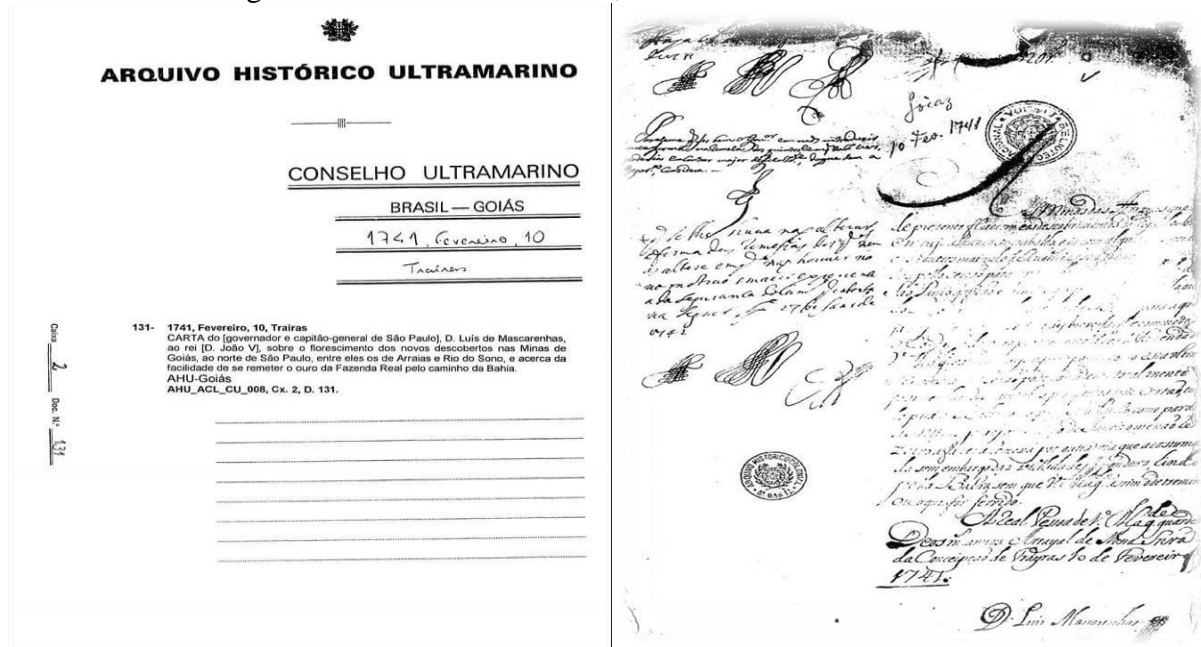
Cordeiro (1991) salienta que essa região foi explorada por bandeirantes, paulistas e jesuítas, que chegaram a esse local com o intuito de converter os nativos por meio de atividades missionárias. Durante esse período, aproximadamente dez mil garimpeiros da região de Minas Gerais migraram para a Chapada, sendo a maioria deles de origem africana. No entanto, de acordo com Gualberto (2017), o processo de catequização resultou em consequências negativas, contribuindo para o desaparecimento de muitas comunidades indígenas que eram anteriormente numerosas na região.

Segundo Costa (2008), a cidade é cercada por montanhas, o que lhe conferiu o título de "cidade das colinas", com uma história que contém mais de dois séculos, sendo reconhecida por sua tradição e importância histórica. A descoberta do ouro na região em 1730 atraiu os exploradores e, sob a liderança do Capitão Domingos Antônio Cardoso, foi organizada a formação do primeiro povoado, que teve início no topo da serra da Chapada dos Negros, aproveitando-se da mão de obra escrava. No entanto, à medida que os escravizados desciam a serra para pegar água potável, os senhores perceberam que a parte inferior oferecia melhores condições de vida.

O garimpo da região era tão próspero que, em 1740, Dom Luís de Mascarenhas, governador da capitania de São Paulo, visitou pessoalmente o arraial para assumir o controle das minas de ouro. Com a assistência do capitão Felipe Antônio Cardoso, natural da cidade, e o apoio dos escravizados, o arraial foi relocado para uma nova localidade. Em colaboração

com Domingos Pires, foi delineado o traçado das ruas e fundado o arraial de Nossa Senhora dos Remédios de Arraias (Prefeitura de Arraias, 2008).

Figura 7 - Documento de 1741, fazendo referência de Arraias



Fonte: Facebook “Memórias Fotográficas de Arraias”.

No coração das ruínas da Chapada dos Negros<sup>10</sup>, a memória de um povo resiliente ressurge, destacando sua perseverança diante de inúmeras adversidades (Guadalberto, 2017). Essa comunidade, mesmo enfrentando desafios inimagináveis, nunca abandonou sua determinação, bravura e fé. Para Costa (2004, p. 149), a Chapada dos Negros mantém um valioso patrimônio histórico-cultural: "Sua paisagem preserva ruínas de igrejas, canais de captação de água, vestígios de residências particulares e coletivas, reservatórios de água construídos para auxiliar nas atividades de garimpo, e escavações profundas de até 30 metros de profundidade", conforme ilustradas na Figura 8. Em torno da sua área é possível encontrar uma diversidade de objetos e artefatos que revelam a memória dos escravizados e dos senhores de escravizados, tal como os traços culturais da época, as técnicas de garimpo, os conflitos, os momentos de lazer e os costumes.

<sup>10</sup> 1º - Muro de pedra para a passagem de água; 2º - casa do ouro; 3º - Igreja Nossa Senhora do Rosário; e 4º - Regos para a passagem de água.

Figura 8 - Ruínas da Chapada dos Negros



Fonte: Gualberto (2017).

Para Cordeiro (1991, p. 11), o Arraial “nasceu em braço de ouro, tendo por Padroeira Nossa Senhora dos Remédios, a Virgem Mãe de Deus, que a protege. Assim, não fraquejam, quaisquer que sejam as dificuldades que se lhe apresentam”. Assim emergiu um novo centro urbano. A topografia acidentada teve um papel significativo na configuração das ruas, as quais adquiriram um caráter sinuoso e estreito, com casas geminadas. O crescimento do povoado ocorreu em torno da igreja, que preserva a maior parte do legado arquitetônico da cidade, enfatizado nas Figuras 9 e 10.

Organizadas a partir do edifício religioso, caracterizavam-se por estruturas lineares, que se desenvolviam geralmente ao longo das estradas. [...] Diferentemente da concepção anterior, escolhia-se um sítio próximo a boas águas, onde se marcava a praça, agora o elemento gerador e de expansão do novo núcleo urbano, auxiliada pela antiga e prática do arruamento, como fizeram Mascarenhas e seu auxiliar Domingos Pires ao escolher a arrumar um lugar para fundar o Arraial de Arraias (Boaventura, 2007, p. 26).

Segundo o IBGE (2010), em 16 de agosto de 1807, o arraial de Nossa Senhora dos Remédios de Arraias recebeu o status de Julgado. Posteriormente, em 18 de março de 1809, foi mencionado no Alvará de D. João VI, que estabeleceu a criação da Comarca do Norte, representado na Figura 1. No dia 1º de abril de 1833, foi promovido à categoria de vila, sendo oficialmente instalado em 3 de fevereiro de 1834. No entanto, em meados do século XIX, perdeu seu status de vila e passou a fazer parte de Cavalcante e, posteriormente, de Monte Alegre de Goiás. Foi somente em 31 de julho de 1861 que recuperou sua condição de vila,

desmembrando-se de Monte Alegre, que então se tornou um povoado subordinado a Arraias. Finalmente, em 1º de agosto de 1914, Arraias foi elevada à categoria de cidade, com sua instalação oficial ocorrendo em 19 de setembro do mesmo ano.

Figura 9 - Vista Panorâmica da Cidade



Figura 10 - Rua Brigadeiro Filipe



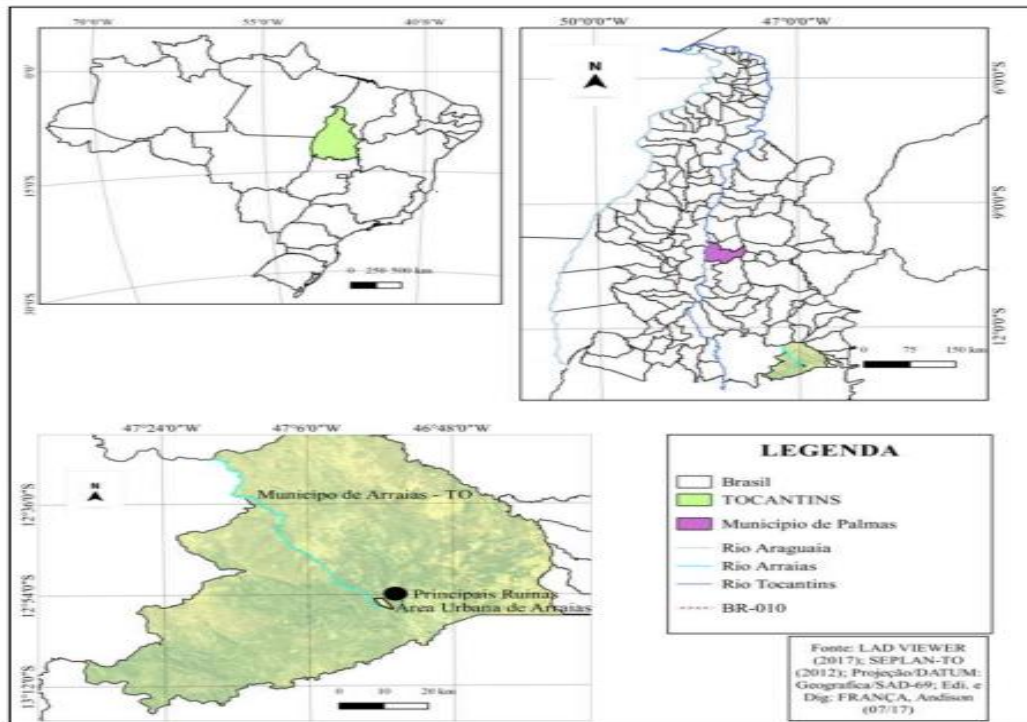
Fonte: IBGE ([2010]).

Costa (2008) destaca que o município passou por profundas transformações geopolíticas ao ser incorporado ao novo estado em 1989, após fazer parte do território goiano por aproximadamente um século e meio. Localizada no extremo sul do Tocantins, Arraias é delimitada pelos municípios tocantinenses ao norte (Conceição do Tocantins, Taipas, Ponte Alta do Bom Jesus e Taguatinga), ao leste (Novo Alegre, Combinado, Lavandeira e Aurora do TO), ao oeste está à cidade de Paranã, e, ao sul, delimita-se com as cidades de Campos Belos e Monte Alegre já pertencendo ao estado de Goiás.

O município está situado a 413 quilômetros de Palmas e 430 km de Brasília, capital federal. Conforme o último censo do IBGE (2022), a população conta com aproximadamente 10.287 habitantes, o que indica uma redução de -3,36% em relação ao censo de 2010, com a área territorial do município de 5.803,085 km<sup>2</sup>, o que o posiciona como o nono maior entre os 139 municípios do estado e o 255º maior entre todos os 5.570 municípios do Brasil. Sua localização geográfica é caracterizada pela latitude 12°55'53" sul e longitude 46°56'18" oeste. É reconhecida como a cidade mais elevada do Tocantins e a segunda mais alta de toda a região norte do Brasil, com uma altitude média de 722,40 metros.



Figura 11 - Localização de Arraias no mapa do Estado Tocantins



Fonte: Gualberto (2017).

Segundo Xavier (2018), Arraias é uma cidade que fica localizada numa posição geográfica estratégica. Por via terrestre é caminho para quem se desloca de Goiás e Brasília para o Tocantins e vice-versa, com uma distância de 413 km de Palmas, capital, e 430 km de Brasília, capital federal. Isso propicia um fluxo de visitantes frequente, colaborando com a economia formal e informal da região, resultando na geração de renda e emprego para a população local.

Arraias se destaca por sua deslumbrante beleza natural, situada em uma região de planalto coberta por serras, conforme ilustrados nos vídeos<sup>11</sup>. Conhecida como a cidade de belas colinas, a região é cercada por numerosas elevações que contornam todo o município. Sua paisagem é marcada por serras, muralhas de pedra e grutas, conferindo-lhe uma atmosfera única. Os casarões históricos, as ladeiras íngremes e as ruas estreitas pavimentadas com pedras compõem a cidade, cujas origens datam ao período colonial. Apesar dos desafios enfrentados pela sociedade local ao longo dos anos, Arraias preserva muitas de suas tradições culturais e religiosas.

<sup>11</sup> Os vídeos podem ser conferidos nos links a seguir: <https://www.youtube.com/watch?v=x1e5-LCzsw> (Drone em Arraias, TO - Cinematics - DJI Mavic Mini); e <https://www.youtube.com/watch?v=qn8DZjQezng&t=181s> (Programa Belezas do Tocantins – Arraias).

Figura 12 - Vista aérea da cidade Adm. 2001/2004



Fonte: Museu Histórico e Cultural de Arraias (2013).

#### 4.1.1 As principais práticas culturais do município de Arraias, TO

A região sudeste do Tocantins é reconhecida por sua abundância cultural e belezas naturais, e Arraias se destaca especialmente por sua rica história e suas festas folclóricas e religiosas, que remontam à era colonial e à fase do ouro. Considerada uma das cidades mais antigas da região do Tocantins, é repleta de histórias fascinantes, costumes enraizados, tradições ancestrais, lendas cativantes e eventos históricos que resistem ao teste do tempo.

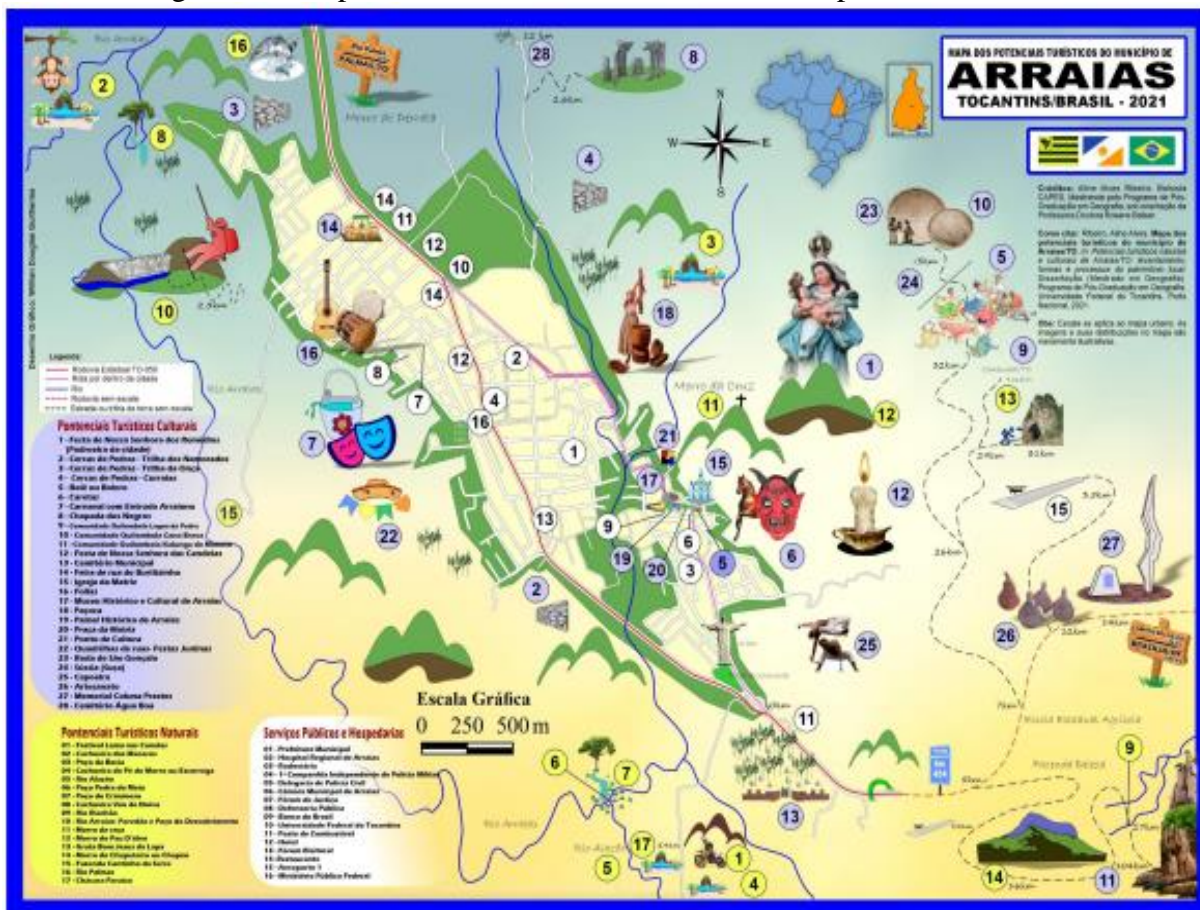
Elaborado por Ribeiro (2021), o Mapa dos Potenciais Turísticos do Município de Arraias/TO, representado na Figura 13, é uma representação pictórica que visa destacar os atrativos turísticos presentes no território de Arraias.

É relevante ressaltar que existem diversas manifestações culturais populares que merecem ser recuperadas e preservadas. Entre essas manifestações, destacam-se as festas culturais e religiosas e os pontos culturais de interesse histórico, tal e qual as danças tradicionais e folclóricas. Esses elementos são essenciais para compor o acervo cultural do Museu Histórico Cultural de Arraias, enriquecendo-o e proporcionando aos visitantes uma experiência mais completa e imersiva na rica história e cultura local.

O município possui um grande potencial turístico e histórico ainda pouco explorado. Lugares como a Chapada dos Negros, que exhibe ruínas de casas, muralhas e galerias, e as Grutas da Lapa, um complexo com quatro grandes salões, são apenas alguns exemplos desse potencial. No que diz respeito ao patrimônio cultural, destaca-se o Painel Histórico, como também os tradicionais jarros brancos, típicos do artesanato local. O carnaval de Arraias pulsa

com o ritmo do entrudo, uma festa que encanta as pessoas com muita alegria. Além disso, as festas juninas celebradas em junho, a ExpoAgro de Arraias, o aniversário da cidade em 1º de agosto e as festividades religiosas também são eventos marcante na cultura local.

Figura 13 - Mapa dos Potenciais Turísticos do Município de Arraias/TO



Fonte: Ribeiro (2021).

Em Arraias, a cultura religiosa floresce através de uma variedade de eventos que preservam e celebram a fé por meio de práticas culturais religiosas. Entre os atrativos estão as festividades dedicadas aos santos, que reúnem a comunidade em atos de devoção e celebração. Procissões solenes, missas festivas e novenas são algumas das atividades que marcam essas ocasiões especiais, proporcionando aos fiéis a oportunidade de expressar sua devoção e fortalecer os laços comunitários. Além disso, é conhecida por suas tradições religiosas únicas, como os rituais folclóricos que agregam elementos da cultura local com a espiritualidade cristã.

A Festividade do Divino foi escolhida como foco da pesquisa. Explorar um ano de práticas religiosas em Arraias é como embarcar em uma jornada espiritual, onde cada evento e celebração oferece uma oportunidade única de conexão e reflexão, convidando o observador a mergulhar em um caminho de devoção e oração.



Desde o início da cidade, a presença religiosa tem sido uma parte fundamental de sua identidade, remontando às suas raízes cristãs, envolvendo tanto as igrejas católicas quanto as evangélicas e outras denominações locais. A vocação do povo é direcionada para o caminho da devoção e da construção da fé, onde a esperança em um único Deus, fonte de luz e caridade, é a expressão máxima dessa fé. Essa crença está profundamente ligada a uma vasta gama de experiências coletivas, que incluem rezas, benditos, folias, terços, cantos e festas. “Percorrer um ano de fé em solo arraiano permite ao observador vivenciar um itinerário orante” (Resende, 2021, p. 19).

No início do ano, em Arraias, temos o evento "Projeto de Vida", marcando o início do calendário comunitário do mês de janeiro. Esse evento é uma iniciativa colaborativa que envolve todas as igrejas evangélicas locais e da região. Trata-se de uma jornada espiritual que simboliza a união de esforços para proporcionar reflexões e atividades que visam o crescimento pessoal e espiritual dos participantes, como ilustrado nas Figuras 14 e 15.

Figura 14 - Programação do Projeto de Vida



Fonte: Elias Vaz (2018).

Figura 15 - Evento do Projeto de Vida



Fonte: Elias Vaz (2018).

Após os eventos do Projeto de Vida dos irmãos evangélicos, a comunidade católica se prepara para as comemorações em homenagem ao dia do Co-Padroeiro São Sebastião, celebrado em 20 de janeiro. As festividades são realizadas na capela localizada no setor Parque das Colinas, como evidenciado nas Figuras 16 e 17, é um momento de grande significado para os habitantes locais, marcado por manifestações de devoção, oração e união em torno da figura de São Sebastião.



Segundo Costa (2008), a Festa de São Sebastião é uma celebração religiosa que há muito tempo é realizada no município de Arraias, especialmente nas comunidades rurais. Nessas comunidades, a fé dos habitantes os leva a rezar para esse santo, acreditando que ele é o protetor de seus animais e plantações. Para os moradores rurais, São Sebastião é considerado o guardião dos animais, pois permaneceram ao seu lado na floresta durante seu martírio. De acordo com a crença dos mais velhos, os animais não se afastaram durante seu sofrimento, como se estivessem compartilhando da dor de São Sebastião. Apesar das feridas e do suplício, ele sobreviveu. A fé dos moradores rurais reside na convicção de que nenhum mal poderá atingir seus animais, e, mesmo se algo adverso acontecer, o santo os recuperará, assim como ele se recuperou daquela dor e sofrimento.

Figura 16 - Cartaz de Programação

**Festa em honra ao Co-Padroeiro São Sebastião**  
11 a 20 de Janeiro de 2019

**Programação**

Procissão de Abertura: 11/01 às 18:30hs

Novena e Missa: 11 a 19/01

Leilão: 12 a 19/01

Quermesse: 13, 16 e 19/01

Batizados: 19/01 às 09hs

Cavalgada: 20/01 às 07hs

Missa Solene: 20/01 às 08hs

Leilão de GADO: 20/01 ÀS 12:30hs

*São Sebastião, Interceda para que os sofrimentos da vida não nos impeçam de manter a fé em Deus!*

Diocese de Porto Nacional  
Paróquia Nossa Senhora dos Remédios Arraias - TO  
Capela São Sebastião  
Pároco: Padre Deusimar Correia Dias

Fonte: Pascom (2019).

Figura 17 - Levantamento do mastro



Fonte: Pascom (2019).

Em sequência aos eventos religiosos na comunidade, é chegada a tão esperada celebração da festividade de Nossa Senhora das Candeias, ocorrendo em 2 de fevereiro, um momento de profunda devoção e alegria, no qual os fiéis se reúnem para homenagear a Santa por meio de missas, procissões e outras manifestações religiosas. É caracterizada por uma procissão noturna, na qual utilizam tocheiro decorado e figura de anjos e pessoas trajadas de maneira tradicional percorrem um caminho iluminado por lanternas artesanais, acompanhadas pela queima de fogos, fortalecendo assim os valores da Igreja e da Fé Cristã, conforme representadas nas Figuras 18 e 19. Por sua vez, em Arraias, assim como em outras cidades do Brasil, essa tradição é renovada anualmente com seu próprio cerimonial, que consiste em acender e posicionar nas portas e janelas uma ou mais velas no dia 2 de fevereiro, conhecido como o dia da apresentação ao senhor (Resende, 2021).

Figura 18 - Cartaz da programação



Fonte: Pascom (2020).

Figura 19 - Missa de Nossa Senhora das Candeias



Fonte: Xavier (2019).

Anualmente, a Paróquia organiza o Tríduo em honra a São José, que ocorre entre os dias 17 e 19 de março. Durante esse período, também é observado o Dia de Guarda, conhecido como Dia de Preceito, que demanda a participação dos católicos na Santa Missa, representada na Figura 21. Essa celebração é um momento especial de veneração a São José, patrono da Igreja Universal e considerado um modelo de virtude e santidade. Os fiéis se reúnem para rezar e renovar seus votos em busca da intercessão de São José em suas vidas.

Figura 20 - Cartaz da programação



Fonte: Pascom (2024).

Figura 21 - Missa do Tríduo de São José



Fonte: Pascom (2024).



Durante a Semana Santa, em especial na sexta-feira da Paixão, ocorre a tradicional subida ao morro da cruz, uma prática considerada uma forma simbólica de remissão dos pecados. A subida ao morro da cruz é mais do que uma tradição, é uma oportunidade de transmitir valores e experiências de geração em geração. Mesmo diante dos desafios, decidi levar minhas filhas, Fernanda e Mariana, para experimentarem essa jornada, oferecendo-lhes uma oportunidade única de vivenciar esse momento especial, como retratado nas Figuras 22 e 23. Na Figura 23, podemos observar minha filha Mariana, de cinco anos, à frente, enquanto ao fundo está o tio Abílio, com 75 anos. É um retrato vivo da tradição sendo compartilhada entre diferentes gerações, cada uma vivenciando essa experiência de maneira única. Essa jornada não só fortalece os laços familiares, mas também transmite valores de fé, resiliência e união através das gerações.

Figura 22 - Subindo o morro da Cruz,  
minha filha Fernanda



Fonte: Xavier (2024).

Figura 23 - Subindo o morro da cruz,  
minha filha Mariana



Fonte: Xavier (2024).

Seguindo a programação da sexta-feira, conforme Figura 24, destacaremos uma das principais atividades religiosas: a encenação da Via Sacra, que simboliza a paixão e morte de Cristo. É realizada uma representação da jornada de Jesus até a crucificação. Essa apresentação ocorre anualmente em frente à igreja matriz da cidade e percorre a avenida principal, retornando à igreja ao final da representação. No desfecho da encenação, culmina-se com a crucificação e morte de Cristo, como representada na Figura 25.

Figura 24 - Cartaz da Programação



Fonte: Pascom (2024).

Figura 25 - Via Sacra



Fonte: Gabriella Freire (2024).

No final da tarde da sexta-feira da Paixão, os caretas saem pelas principais ruas da cidade com um boneco representando Judas, convidando a comunidade a participar da "Brincadeira dos Caretas" após a encenação da Via Sacra. Apesar de ocorrer durante esse período religioso, a brincadeira não tem caráter religioso, sendo considerada uma prática de cunho profano. Homens vestidos com roupas e máscaras artesanais montados em cavalos percorrem as ruas do centro durante a madrugada, chicoteando aqueles que se aproximam da figura de Judas, proporcionando alegria e entretenimento à comunidade. Essa tradição é uma forma de celebrar e preservar a cultura local, como representado na Figura 26.

A "Brincadeira dos Caretas" se estende ao Distrito de Canabrava, em Arraias. Especialmente no Sábado de Aleluia, essa prática cultural ganha vida nas ruas do distrito. Os participantes, vestidos com trajes de palha e as características máscaras de couro, dançam aos sons tradicionais da região, proporcionando alegria aos moradores locais. Uma característica marcante dessa brincadeira é que os caretas também atuam como guardiões das mulheres, utilizando chicote para afastar os homens que se aproximam delas durante a dança, como retratado na Figura 27. Essa tradição inclui ainda uma encenação simbólica, como a leitura do testamento do Judas, seguida pela queima do boneco.



Figura 26 - Caretas no centro da cidade



Fonte: Gazeta do Cerrado (2022).

Figura 27 - Caretas no Distrito de Canabrava



Fonte: Xavier (2024).

As festividades do Vale do Amanhecer também continuam sendo um evento religioso de relevância para a cidade. Conforme Costa (2006), o Vale do Amanhecer foi criado por Neiva Chaves Zelaya, também conhecida como Tia Neiva, com o intuito de praticar e promover o Mediunismo Espiritual e os princípios do Kardecismo, fundamentados nos ensinamentos de Allan Kardec. Esse espaço está aberto a todos, independentemente de sua religião, acolhendo aqueles que desejam ouvir. Em Arraias, foi fundado em 27 de julho de 1988 e está situado na Rua Dois Irmãos, s/n°. O Dia do Doutrinador é celebrado em 1º de maio.

Figura 28 - Homenagem do Templo Flores do Amanhecer



Fonte: Facebook "Flores do Amanhecer" (2020).

A Festa do Divino, uma tradição profundamente enraizada na cultura local, é celebrada entre os meses de maio e junho, com uma data móvel, ocorrendo 50 dias após a Páscoa. Durante dois anos consecutivos, a tradicional festividade foi celebrada na Igreja Matriz. As novenas e a missa solene de Pentecostes foram conduzidas pelos Padres Deuslí Evangelista e Mário de Formosa, contando ainda com a participação de outros padres da diocese. Na festa de 2022 e 2023, foi introduzida a figura da Imperatriz e do Folião, conforme ilustrada na Figura 29.

Figura 29 - Missa Solene 2023



Fonte: Pascom (2023).

Em Arraias, é celebrado o Dia do Evangélico. Essa data foi instituída pela Lei Municipal n.º 842, de 9 de fevereiro de 2012, e a comemoração ocorre anualmente no penúltimo sábado do mês de agosto como um momento especial de celebração para os evangélicos locais. Promovem-se eventos, como carreatas, conforme ilustrada na Figura 31, e celebrações que reúnem o segmento evangélico da população, com livre acesso a toda a comunidade.

Figura 30 - Programação do evento



Fonte: Elias Vaz (2018).

Figura 31 - Evento do dia do Evangélico



Fonte: Elias Vaz (2018).



A celebração da Romaria de Nossa Senhora dos Remédios, padroeira da cidade de Arraias, é a principal festa religiosa realizada anualmente na cidade, sendo uma tradição desde 1835. A Romaria é a segunda maior celebração religiosa do Tocantins, sendo uma expressão significativa da fé católica que perdura por mais de 180 anos. Segundo Costa (2008), dentre todas as celebrações em Arraias, a de maior grandiosidade é a da Padroeira Nossa Senhora dos Remédios. Essa festividade adquire essa magnitude porque atrai os mais diversos grupos sociais e pessoas aos espaços públicos. Esses eventos são oportunidades privilegiadas para exercitar a fé, já que reúnem um grande número de indivíduos, especialmente na Romaria, que proporciona aos moradores locais a chance de demonstrar sua devoção, encontrarem amigos e compadres, além de fazerem compras nas tradicionais barracas de setembro.

Segundo Costa (2008, p. 230):

a festividade em comemoração à padroeira do município, Nossa Senhora dos Remédios, é uma das atividades mais esperadas pelos arraianos. O fato da comemoração acontecer dia 08 de setembro, um dia depois do feriado cívico da Independência, possibilita aos muitos romeiros a oportunidade de vir de lugares distantes para participar destes festejos que duram praticamente de dez a doze dias.

A Romaria de Nossa Senhora dos Remédios, além de propiciar aos devotos a oportunidade de professarem sua fé, dá a oportunidade de reencontrar na praça da Matriz o cruzamento das bandeiras do Divino, e após percorrem as caatingas e sertões.

Figura 32 - Programação da Romaria



Fonte: Pascom (2017).

Figura 33 - Novenário da Romaria



Fonte: Pascom (2017).

Encerrando o ano, temos ainda a Festividade de Santa Luzia, celebrada em 13 de dezembro na capela localizada no setor Buritizinho. Essa celebração é marcada por uma

variedade de atividades, que incluem missas, novenas, o ritual de erguer o mastro, leilões, quermesses e dança da sússia. A missa em honra a Santa Luzia ocorre no dia 13 de dezembro, às 19h30, originalmente realizada na porta da capela, pois a mesma não comportava o número de fiéis, como retratado na Figura 35. No entanto, com a construção de uma nova capela, atualmente em fase avançada de construção, a festividade está sendo realizada em seu interior.

Figura 34 - Cartaz da programação da Festa



Fonte: Pascom (2020).

Figura 35 - Missa de Santa Luzia



Fonte: Pascom (2016).

Por fim, e não menos indispensáveis, destacaremos as tradicionais folias e danças realizadas nas regiões de Arraias. Conforme Costa (2006), a população conserva ainda as tradições da festa dos Santos Reis, as Folias do Divino, a Roda de São Gonçalo, a Catira e a Sússia. No entanto, é válido ressaltar que essas tradições religiosas são mais presentes nas regiões de Canabrava, na Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra, Comunidade Quilombola Mimoso e nos sertões.

Como havia mencionado anteriormente, o Festejo do Divino foi selecionado como o principal objeto de estudo da pesquisa devido à sua relevância social, cultural, religiosa e histórica na região. Essa celebração anual não apenas representa uma manifestação profunda de devoção religiosa, mas é um reflexo das tradições e identidade do povo arraiano. Serão explorados temas como a origem da festa, suas tradições e rituais, o papel na vida comunitária, as mudanças ao longo do tempo e o significado contemporâneo para os habitantes de Arraias. Por meio dessa pesquisa, busca-se não apenas documentar e analisar o Festejo, mas também contribuir para uma compreensão mais profunda da cultura e da religiosidade arraiana, igualmente a preservação e valorização desse influente patrimônio imaterial.



## **4.2 Festa em honra ao Divino Espírito Santo: da sua origem ao pouso rasante nas terras de Arraias**

Do ponto de vista religioso, o Espírito Santo é considerado a terceira pessoa da Santíssima Trindade, juntamente com Deus Pai e Jesus Cristo. Após o batismo, acredita-se que a divindade passa a habitar na vida e no coração daqueles que creem em Jesus Cristo como o único caminho para a salvação. E sua presença é vista como uma fonte de orientação, conforto e transformação espiritual para os devotos, capacitando-os a viver uma vida em conformidade com os ensinamentos de Jesus e a experimentar a plenitude da fé cristã. É mediante sua habitação que os devotos são fortalecidos em sua jornada espiritual e capacitados a testemunhar o amor e a graça de Deus ao mundo. A Bíblia dispõe das imagens simbólicas para representá-lo, como fogo, água viva e o símbolo da pomba. O festejo é representado visualmente pelas cores vermelho-escarlata e branco. Vermelho e branco são as cores simbolicamente consagradas a Javé, como Deus de amor e sabedoria.

O Festejo se fundamenta na utilização de diversos objetos litúrgicos, os quais dão forma concreta à fé popular. O fogo, por exemplo, é uma alusão à maneira pela qual o Espírito Santo se manifestou aos apóstolos e à Virgem Maria no cenáculo. A água simboliza a pureza, a vida. O Espírito Santo é a “água viva” descida do céu para nos lavar e purificar. Assim como a água é útil para a vida física, a divindade é essencial para a vida espiritual, nutrindo-os, fortalecendo-os e capacitando-os a viver uma vida em conformidade com os ensinamentos de Cristo.

A bandeira do Divino é um símbolo que representa a ligação entre Deus e seu povo, sendo levada em procissão por todas as fazendas e pela cidade, difundindo a fé e a religiosidade. A cor predominante na bandeira é o vermelho, essa cor simboliza o amor de Deus e faz referência ao sangue dos mártires, que deram suas vidas pela fé. O Divino é representado por uma pomba, considerada um símbolo de mensageiro, e é caracterizado como possuidor de sete dons: Sabedoria, Entendimento, Ciência, Conselho, Fortaleza, Piedade e Temor de Deus. Por isso, é comum que a pomba que o representa possua sete raias ou sete fitas, simbolizando esses dons divinos. É confeccionada manualmente, muitas vezes pelo próprio devoto, e pode ser bordada, pintada ou ter aplicativos diversos. Na sua base são pregadas fitas coloridas de tamanhos diferentes, como ex-votos de graças recebidas, conduzida pelo encarregado da folia, que a carrega durante aproximadamente 15 a 20 dias. Ela se torna um elemento crucial no festejo, representando a bandeira de Deus e de seu povo, e é carregada com devoção e reverência durante as celebrações.

Para Teske (2009, p. 176-177), “a bandeira do Divino é um dos símbolos de destaque e tem um caráter sagrado. Sempre é conduzida à frente dos foliões. Durante o Giro da Folia é usada como um abre-alas, um símbolo da benção do Divino ao ser colocado sobre os moradores”. Esses objetos litúrgicos são utilizados como símbolos vivos da presença e da ação do Espírito Santo durante as festividades, ajudando a fortalecer a devoção e a expressão da fé dos fiéis.

A história por trás da bandeira do Divino na minha família é muito apreciável, conforme ilustrada na Figura 36. Com mais de meio século de existência, a bandeira foi confeccionada manualmente em 1961 pelo senhor Zé Teles, a pedido da minha avó Bernardina, como um ex-voto de graças recebidas. A promessa associada era soltar a folia do Divino anualmente no mês de maio, caso o meu avô João melhorasse dos problemas de cabeça. E felizmente a promessa foi cumprida, demonstrando a confiança na intercessão divina e a crença no poder da oração. Após o falecimento da vovó Bernardina, a bandeira permaneceu com a minha mãe Eva, mantendo viva a tradição e o legado espiritual da família ao longo dos anos. Essa continuidade demonstra o compromisso da família em preservar e honrar as práticas religiosas.

Figura 36 - Bandeira do Divino Espírito Santos da senhora Eva Martins



Fonte: Xavier (2024).

A celebração do Divino marca a presença do Espírito Santo, destacando-se pelo Giro da Folia. Esse percurso, de caráter popular, ultrapassa fronteiras e preserva tanto a religiosidade quanto as tradições associadas ao santo. As práticas tradicionais que envolvem o festejo incluem a Folia do Divino, missas, novenas, o levantamento do mastro, leilões, quermesses, a dança da sússia e a celebração de batizados e casamentos durante o período da novena.

A Folia do Divino Espírito Santo é uma festa popular com raízes profundas no catolicismo português. Sua origem remonta ao século XIV, quando a rainha Isabel e seu marido, D. Diniz, fizeram uma promessa ao Divino Espírito Santo a procura da paz durante um período turbulento de guerra entre Portugal e Espanha. A promessa envolvia saciar os famintos e oferecer a coroa ao Divino Espírito Santo. Após receberem um milagre que atendeu sua promessa, eles cumpriram seu voto, em gratidão, mandando fazer uma cópia da coroa do reino, com uma pomba branca (símbolo do Divino) no topo. Essa coroa foi usada em peregrinações para arrecadar donativos para os pobres, como uma expressão de devoção e gratidão pela intervenção divina. Ao longo dos séculos, essa tradição se espalhou por diversas regiões de influência portuguesa, incluindo o Brasil, onde continua a ser celebrada como uma festa religiosa.

Consta que a rainha Santa Isabel prometeu ao Espírito Santo que, se a paz retornasse ao seu Reino, doaria sua própria coroa e também instituiria um dia dedicado ao culto da divindade na Vila de Alenquer. Após o atendimento do pedido, a rainha cumpriu sua promessa: no dia de Pentecostes, acompanhada de alguns nobres do reino, em procissão solene, levou sua coroa à igreja do Espírito Santo. Em seguida, foi iniciada grande celebração que exaltava a fraternidade e a caridade, instituindo assim, um “Império” naquele local (Passamani, 2019, p. 100).

De acordo com Passamani (2019), as Festas do Divino tiveram seu início intituladas como “Impérios<sup>12</sup>”, e ocorrem quase sempre em resposta a alguma promessa individual relacionada à riqueza ou a questões de saúde. Segundo a autora, a promessa se traduz como um motivo particularmente útil nesse contexto, atuando como instrumento legítimo e privilegiado de relação com Deus. É uma forma de agradecimento ao pedido atendido pela divindade, e em consequência é organizado um Império, contando com a colaboração de familiares. Passamani (2019, p. 100) reforça dizendo: “a Festa do Divino tem sua origem e seus princípios baseados na solidariedade: através de doações, acumulava-se para posterior redistribuição em forma de alimentos e outros itens doados aos pobres”.

Lopes (2004) acentua que a Rainha Santa Isabel teve um papel fundamental na tradição e na criação ao culto do Espírito Santo.

Muito se tem escrito sobre o papel desempenhado pela Rainha Santa Isabel na implementação do culto do Espírito Santo no nosso país. A tradição atribui-lhe, em absoluto, a sua criação. Correia de Lacerda, Bispo do Porto, garante que a mesma recebeu por inspiração divina a missão de construir a Igreja do Espírito Santo em Alenquer. [...] Após a construção começaram a solenidade da coroação do imperador, onde a Rainha chamou a nobreza e a pessoas de diversas hierarquias. Nessa mesma época, teria também iniciado a respectiva confraria para louvor do Espírito Santo e as doações aos pobres (Lopes, 2004, p. 75).

---

<sup>12</sup> Imperador e Imperatriz do Divino: assim eram chamados os festeiros, ou seja, o casal sorteado a cada ano para conduzir a organização da Festa do Divino em Arraias.

Ainda sobre a origem da festa, Leal (2004) enfatiza que, tendo a festividade do império uma propagação bastante abrangente no território geográfico de Portugal, as Festas do Espírito Santo se popularizaram para além do território, expandiram para os territórios povoados e colonizados pelos portugueses.

Tendo conhecido no continente uma difusão bastante ampla – particularmente no centro e no sul do país – as Festas do Espírito Santo irradiaram ainda, a partir do continente, para territórios povoados e colonizados pelos portugueses. A sua existência é conhecida na Madeira e no Brasil. Mas foi, sobretudo no arquipélago dos Açores – onde a sua origem parece remontar aos tempos iniciais do povoamento – que elas conheceram um desenvolvimento mais importante (Leal, 2004, p. 15).

Segundo Passamani (2019), embora a origem do culto ao Espírito Santo esteja enraizada na cultura portuguesa, entre o final do século XIII e o início do século XIV, foi o traço da cultura popular açoriana que desempenhou um papel significativo na disseminação desse culto nos países para os quais os açorianos migraram, incluindo o Brasil.

A Festa do Divino chegou ao Brasil com a colonização dos portugueses e foi instituída pela Rainha D<sup>a</sup>. Isabel, casada com o Rei D. Diniz, e teve sua fase de expansão por volta das primeiras décadas do século XIV. De um modo geral, as festas do Espírito Santo tiveram uma época de prática, expansão e decadência na história de Portugal.

A sua fase de implementação constituiu-se (possivelmente) no início do século XIII até a implantação do modelo ‘império’, em Alenquer, no início do século XIV, com sua fase de expansão também no início do século XIV até meados dos séculos XVI e, por fim, a fase de decadência que vai ao final do século XVI até nossos dias com maior ou menor intensidade e linearidade. Em Alenquer, Portugal, deu-se a implantação do modelo de “império” e que teve grande significância a rainha Isabel de Aragão, que espalhou o culto por todo o país nos séculos XIV e XV e, a partir do continente, chegando às ilhas da Madeira e Açores, com continuidade até os dias de hoje, além das colônias portuguesas, como o Brasil (Souza; Ertzogue, 2013, p. 104).

Para Machado (2011), a festa do Divino Espírito Santo chegou ao Brasil com os portugueses no período colonial carregada de símbolos e significados. No século XIX, uma era de crescimento urbano e forte presença de africanos, portugueses e açorianos, a festa se tornou uma das principais manifestações culturais e religiosas do país. Esse período foi marcado pela transformação da festa, que passou a incorporar elementos de diversas origens culturais, resultando em uma celebração rica e diversificada. Assim, a festa não apenas sobreviveu à transição para o Brasil, mas também floresceu e se tornou uma parte integrante da identidade cultural brasileira.

Machado (2011, p. 39) ainda afirma que a Festa do Divino era tão popular no século XIX que foi “chama de religiosidade colonial ou catolicismo barroco, ou seja, práticas católicas pomposas acompanhadas de danças músicas, mascaradas e fogos de artifício”. E que

mesmo após a chegada da Festa do Divino ao Brasil, os principais símbolos e tradições da festividade portuguesa continuaram a ser preservados. Isso incluía as folias, a coroação do imperador e o império, a abundância de alimentos, a preocupação com os mais pobres e a combinação de manifestações profanas com práticas religiosas. Esses elementos mostram como a festividade manteve sua identidade e significado ao longo do tempo, mesmo em um novo contexto cultural.

Sousa (2017) ressalta que,

Nesses momentos, as missas apresentavam músicas profanas, bem como os sermões, novenas e procissões, sem mencionar partes importantes que não poderiam faltar que escrava ou negra, na maior parte dessas missas, sempre mostrava suas músicas, danças e batuques (Sousa, 2017, p. 82).

A presença de elementos profanos nas missas, como músicas e danças, indica uma fusão entre práticas religiosas e culturais, refletindo a diversidade étnica e cultural da sociedade brasileira da época. Esses elementos também evidenciam o papel significativo da comunidade afrodescendente na configuração das festividades religiosas, contribuindo com sua própria herança cultural para a celebração. Essa interação entre diferentes tradições culturais durante a festividade ilustra a capacidade das práticas religiosas de se adaptarem e incorporarem elementos diversos, enriquecendo assim a experiência espiritual e cultural dos participantes.

As primeiras Festas do Divino registradas no Brasil datam de 1761 em Pindamonhangaba, no estado de São Paulo, ou em 1765, em Salvador, na Bahia. Logo, esse tipo de festividade se desenvolveu e disseminou pelas regiões sudeste e centro-oeste do país. As festas religiosas passaram a desempenhar um papel fundamental como instrumento de comunicação social. Essas celebrações não apenas promoviam a devoção e a espiritualidade, mas também serviam como meios de comunicação e interação entre diferentes grupos sociais. “Comemoravam os santos demonstrando suas devoções no mesmo momento em que criavam ou fortaleciam laços sociais” (Messias, 2010, p. 43). Portanto, as Festas do Divino, assim como outras festividades religiosas, desempenharam um papel significativo na formação da identidade cultural brasileira.

A Folia do Divino é uma forma de expressar devoção aos santos, e conjuntamente fortalece os laços sociais dentro das comunidades onde ocorre, sendo realizada em várias regiões do Brasil e do Tocantins, com algumas variações e características específicas. Essa manifestação cultural e religiosa envolve diversas atividades, como procissões, cânticos, danças e representações teatrais, oferecendo um espaço para os membros de a comunidade

compartilhar sua fé, memórias e tradições.

No estado do Tocantins, as celebrações em honra ao Divino estão presentes em diversas regiões. Conforme observado por Messias (2010), as festividades do Divino Espírito Santo se estendem ao longo do ano, ocorrendo de janeiro a julho, e variam com as peculiaridades de cada localidade. Essas celebrações são realizadas em várias cidades, especialmente nas regiões sudeste e central do estado. Alguns dos municípios onde as festas são tradicionalmente celebradas incluem Almas, Santa Rosa, Chapada de Natividade, Peixe, Silvanópolis, Paranã, Conceição do Tocantins, Palmas, Porto Nacional, Araguacema e Araguaçu, com destaques para Monte do Carmo e Natividade.

Conforme analisado por Teske (2009), a celebração ao Divino Espírito Santo está intimamente ligada ao período da mineração de ouro nas antigas cidades goianas do século XVII. Ele destaca que as festividades do Divino em Arraias, no interior do Tocantins, seguem esse mesmo padrão histórico e cultural. “Diante dessas observações, é plausível fazer uma analogia com os festejos do interior do Tocantins, no caso a região de Arraias, pois se enquadra nesse perfil” (Teske, 2009, p. 168).

Na cidade de Arraias, a festividade do Divino Espírito Santo é celebrada entre os meses de maio e junho, tendo a data móvel a cada ano. Por outro lado, as tradicionais folias giram na véspera da festa da Padroeira, que ocorre no mês de setembro. Essa distinção de datas e eventos reflete a diversidade e a riqueza das tradições culturais presentes na cidade de Arraias.

### **4.3 Contextos da Folia e do Festejo do Divino Espírito Santo em Arraias, Tocantins**

Segundo Paternostro (1945), a narrativa descrita por Cunha Matos precede o período do Concílio II. Cunha Matos descreve a festa em Arraias ressaltando que o ritual local seguia as normas comuns daquela época. E que apresentava uma combinação de elementos pagãos e cristãos. A celebração, conhecida como festa do "Império e do Reinado", era marcada por corridas de cavaleiros durante o dia e uma procissão à noite. Durante essa procissão, senhores e senhoras vestidos com camisolas brancas cantavam e batiam em instrumentos em homenagem à padroeira Nossa Senhora do Rosário. O evento também incluía uma missa cantada, seguida por uma celebração festiva com comida e bebida abundantes. A descrição da festa inclui a participação de um "monarca branco" e uma "do monarca preto", além de uma procissão noturna com velas e cânticos que combinavam elementos da cultura local com a prática católica. O mesmo observa que tanto a festa do Divino Espírito Santo quanto a festa de

Nossa Senhora do Rosário de Arraias ocorriam simultaneamente, no mesmo período. Essa coincidência de datas demonstra a importância e a interligação das celebrações religiosas na vida da comunidade de Arraias naquele tempo.

Segundo a narrativa da comunidade, a Festa do Divino permanece fiel às suas origens. Celebrada com as túnicas dos grandes fazendeiros e alguns coronéis, a festa reúne pessoas abastadas e devotas do Divino. Durante muitos anos, a festa foi realizada na Praça da Matriz, com todo o esplendor do imperador e grande abundância de alimentos. Na festa, uma enorme mesa era montada com bolos, biscoitos e doces servidos em porções generosas, além de bebidas armazenadas em botijas para serem compartilhadas com a população presente. Os senhores coronéis, por sua vez, participavam de uma cerimônia exclusiva na casa do Imperador ou do Rei. Essa descrição ressalta a relevância da tradição e da pompa na celebração, destacando a participação das elites locais e a generosidade demonstrada através da fartura de alimentos e bebidas oferecidas durante a festividade.

Figura 37 - Festa do Divino no Tocantins (1935)



Fonte: Frei Audrin (2007).

Segundo os relatos dos moradores de Arraias, a festa do Divino Espírito Santo, com a presença da figura do imperador, teve seu término em 1957, marcando o fim de uma tradição que perdurava há anos. A última festa foi organizada pelo senhor Domingo Santa Cruz, porém, os motivos para o fim da festa, decidido pelo então pároco da época, o Padre Pedrocílio, não são conhecidos. É mencionado que as Folias do Divino eram independentes da igreja, exceto pelo aval dado por ela. As pessoas faziam promessas para a realização das folias, que ocorriam nas fazendas e depois se dirigiam para a cidade. Durante o dia da festa do

Divino, o Imperador, o Rei e a Rainha providenciavam uma grande quantidade de alimentos e bebidas para os participantes, o que tornava a celebração ainda mais marcante e festiva.

Durante um longo período, as tradicionais folias se limitavam às fazendas, onde as pessoas faziam promessas ao Santo e envolviam uma expressão mais comunitária e festiva da devoção religiosa. Na cidade, a comemoração ao Divino se resumia principalmente à missa de Pentecostes, que proporcionava um espaço para uma devoção mais solene e litúrgica, ressaltando diferentes aspectos da espiritualidade e da prática religiosa dos moradores de Arraias.

De acordo com Oliveira (2015), as missas eram inicialmente celebradas em latim, com o padre voltado de costas para os fiéis, em conformidade com a litúrgica da época. Posteriormente, passaram a ser realizadas em português. Nessas celebrações, muitas vezes não havia homilia, e quando ocorria, era breve. As demais cerimônias religiosas também seguiam essas mesmas simplicidades.

Segundo Oliveira (2015), o Padre Pedrocílio era descrito como um simples pároco que percorria o sertão de Arraias a cavalo, dedicando-se à pregação do evangelho. Sua figura era associada à imagem de um religioso humilde e devoto, que se aventurava pelas áreas mais distantes da região para disseminar os ensinamentos da fé cristã.

Oliveira (2015) ressalta que Padre Pedrocílio da Silva Guedes, nascido em uma família de tradição em Taguatinga, Goiás (atualmente parte do Tocantins), dedicou vários anos de sua vida como pároco em Arraias. Durante esse período, ele também prestou assistência à população de Campos Belos, antes da existência de uma paróquia na região, e colaborou com os párocos locais a partir de 1963, especialmente durante as celebrações religiosas. Sua notável devoção o fez ser reconhecido como um verdadeiro cavaleiro de Deus e um missionário exemplar, seguindo os passos de Dom Alano, na região do nordeste goiano. Em 18 de fevereiro de 1978, Padre Pedrocílio faleceu em Arraias, onde foi sepultado.

Nas tradições religiosas de Arraias, o Giro da Folia mantém a mesma estrutura de tempos antigos, composta por encarregado, alfares, bagageiro e foliões, geralmente gira por 15 a 20 dias, porém, a tradicional Folia do Divino gira no período da festa da Romaria e é recolhida um dia antes da Festa de Nossa Senhora dos Remédios. O encarregado da folia gira com grupos de cantadores com a bandeira do Divino, andam a cavalos, com bagageiros, pessoas encarregadas da comitiva que fazem a frente para organizar os pousos; o alferes, pessoa encarregada de conduzir a bandeira da Divindade e a folia; e os foliões, que desempenham um papel fundamental durante o giro da folia, sendo responsáveis pelos cânticos, rezas, benditos, catiras e pela participação em rodas de celebração.



Os instrumentos utilizados na Folia em Arraias são a viola, a caixa de folia e os pandeiros, conforme representada na Figura 38. Esses instrumentos desempenham um papel fundamental na música e nas celebrações religiosas, criando um ambiente festivo e reverente simultaneamente. A viola, com seu som característico, proporciona uma melodia suave e harmoniosa, enquanto a caixa da folia, com sua batida marcante, dita o ritmo da dança e das procissões. Os pandeiros adicionam uma camada rítmica, enriquecendo ainda mais a música e incentivando a participação dos fiéis nas celebrações. Juntos, esses instrumentos criam uma atmosfera única durante a folia, reforçando a conexão espiritual e cultural da comunidade com essa célebre tradição religiosa.

Figura 38 - Os instrumentos utilizados na Folia



Fonte: Tavares (2022).

De acordo com Teske (2009), durante o giro da folia, as funções dos foliões são claramente definidas. O alferes lidera o grupo, conduzindo a bandeira do Divino à frente. Os foliões que tocam pandeiro e a caixa desempenham o papel de repentistas, destacando-se o folião de guia, responsável por dar ritmo aos cânticos. Ele improvisa versos específicos em forma de repente, enquanto os outros foliões devem responder de acordo.

Ao chegar na casa dos moradores entoam o Canto da Chegada, ou do Agasalho, dentro da casa dos moradores cantam o Canto do Divino e o Canto da Roda de Folia. No pouso da Folia, que é na casa do morador que oferece as refeições e os acolhe durante a noite, é cantada o Canto da Pousada e após a janta vem o Canto do Bendito da Mesa. Há um cantos específico na hora do café da manhã, quando beijam a bandeira e o Canto da Despedida quando saem do pouso da Folia. Ao final da janta, encerrada a parte específica que consideram ser a religiosa (Teske, 2009, p. 175).

Na partida da Folia, existe uma organização prévia realizada pelo encarregado, que prepara toda a comitiva necessária para o giro. Inclui animais, equipamentos pessoais, arreios e um cronograma detalhado de paradas ao longo do percurso, entre outros itens essenciais para a jornada.

Ao iniciar o ritual, as folias saem para o giro no sertão no meio ou final do mês de agosto, em torno de um período de 20 a 10 dias, passando de casa em casa. Ao anoitecer, tem o pouso de dormida, em que os moradores se preparam para receber a divindade com as pessoas que a acompanham. Os moradores recebem os foliões no ponto de dormida, que se caracteriza como “pouso da folia”, sendo avisados muitos dias antes para prepararem os gastos e os custos porque, uma vez que, muitas pessoas gostam de ir para assistir os cânticos e as brincadeiras (Hermogenes, 2021, p. 21).

A descrição do ritual da folia continua a revelar a riqueza e a profundidade das práticas culturais e religiosas da comunidade. O processo de marcação dos pousos pelo encarregado, seguido pela jornada da folia ao longo do dia até o pouso marcado, destaca a organização e o planejamento cuidadosos envolvidos na celebração. Ao chegar no pouso marcado, os foliões são recebidos com alegria e entusiasmo, e a noite é preenchida com música, dança e outras formas de expressão cultural, como batucadas, sússia e catiras. Esses momentos de celebração intensificam o sentido de comunidade e devoção compartilhada entre os participantes.

Figura 39 - Cronograma dos Pousos da Folia do “Sertão da Terra Nova”

POUSOS DA FOLIA	
SAÍDA	20/08 - CASA TONHÃO
20/08	→ AGUA LIMPA - ZÉ LITO
21/08	→ TABOCA - LINO
22/08	→ SERRANA - BIBI
23/08	→ PONTA DA SERRA - JOEL
24/08	→ SANTO ESTEVÃO - LIÓ
25/08	→ PATROCÍNIO - PEDRO GORGONHA
26/08	→ BOA NOVA - PROFIRO
27/08	→ BOA NOVA - PROFIRO
28/08	→ JARDIM - DOMINGOS DA COSTA
29/08	→ DIONACIO
30/08	→ IRAN - GENTIL
31/08	→ DECITINO
01/09	→ PAULINHO - CARPETÃO
02/09	→ SURUACA - MS DA GLORIA
03/09	→ BARBA - BIL
04/09	→ BELEZA - MOACIR
05/09	→ COLETA
06/09	→ IREZA GALEGO (ALMOÇO)
06/09	→ TONHÃO

Fonte: Xavier (2017).

Cronograma dos Pousos da Folia do “Sertão da Terra Nova”:

Saída da folia 20/08/17 na casa de Tonhão; Primeiro dia pouso no dia 20/08/17 na fazenda Agua Limpa, proprietário Zé Lito; Segundo dia pouso no dia 21/08/17 na fazenda Taboca, proprietário Lino; Terceiro dia de pouso no dia 22/08/17 na fazenda Serrana, proprietário Bibi; Quarto dia de pouso no dia 23/08/17 na fazenda Ponta da Serra, proprietário Joel; Quinto dia de pouso no dia 24/08/17 na fazenda Santo Estevão, proprietário Lió; Sexto dia de pouso no dia 25/08/17 na fazenda Patrocínio, proprietário Pedro Gorgonha; O sétimo e o oitavo dia de pouso ocorreram nos dias 26 e 27/08/17 na fazenda Boa Nova, proprietário Profiro; Nonoo dia de pouso no dia 28/08/17 na fazenda Jardim, proprietário Domingos da Costa; Decimo dia de pouso no dia 29/08/17 na fazenda do senhor Dionizio; Decimo primeiro dia de pouso no dia 30/09/17 na fazenda do senhor Iran Gentil; Decimo

*segundo dia de pouso no dia 31/09/17 na fazenda do senhor Deotino; Decimo terceiro dia de pouso no dia 01/09/17 na fazenda do senhor Paulinho Carretão; Decimo quarto dia de pouso no dia 02/09/17 na fazenda Suricaca proprietária Maria da Gloria; Decimo quinta dia de pouso no dia 03/09/17 na fazenda Barra do senhor Bil; Decimo sexto dia de pouso no dia 04/09 2017 na fazenda Beleza do senhor Moacir; Decimo sétimo dia de pouso no dia 05/09/17 na fazenda do senhor Domingos Coleta; Decimo oitavo dia de pouso foi realizado na cidade com um almoço no dia 06/09/17 na casa da senhora Tereza de Galego. E no mesmo dia a recolhida da folia na casa do senhor Tonhão.*

De acordo Xavier (2018), durante o giro das Folias do Divino Espírito Santo, as atividades acontecem durante o dia, com paradas à noite, em consonância com a programação determinada pelo encarregado. Enquanto nas áreas rurais os foliões percorrem o trajeto montados a cavalo, nas áreas urbanas eles o fazem a pé.

O ritual de início da folia e na residência do encarregado, onde os participantes são recebidos com um jantar, demonstra um gesto de acolhimento e comunhão entre os membros da comunidade. Esse momento inicial de confraternização e preparação marca o início da jornada festiva e religiosa que está por vir. No dia seguinte, os foliões desfrutam do café da manhã, fortalecendo-se para a celebração que se aproxima. O café da manhã compartilhado entre os participantes ressalta o valor da comunhão e do compartilhamento de alimentos como parte integrante da experiência da folia. Após o almoço, os foliões se dirigem à capela do Divino para receberem a bênção, marcando o momento em que a celebração religiosa é formalmente reconhecida e abençoada pela autoridade eclesiástica. Esse gesto de buscar a bênção antes de iniciar o giro pelas fazendas e pela cidade demonstra um compromisso com a espiritualidade e a devoção religiosa que fundamentam a Folia do Divino.

Figura 40 - Bênção do jantar



Fonte: Xavier (2017).

### Quadro 1 - Estrofes e versos do bendito da mesa

*Entre o mar céu e terra, Glória meu Deus de condão.  
Agora vamos rezar, Alfere com os foliões.  
Alfere com os foliões,  
E todos que serviu da mesa.  
Agora vamos rezar, Bandito louvado seja.*

*Bandito louvado seja, São as palavras do princípio.  
Na cabeceira da mesa, Vamos rezar o nosso bandito.*

*(...) As cozinheiras e o servente, Com sua delicadeza.  
O Divino Espírito Santo, Que conserva sua firmeza.*

*(...) O padre benzeu a hóstia, E o cálice também.  
Terminamos nosso bendito, Nas horas de amém.*

Fonte: Hermogenes (2021, p. 24).

Figura 41 - Saída da Folia



Fonte: Xavier (2017).

O encarregado da folia desempenha um papel crucial na organização e coordenação das festividades em honra ao Divino Espírito Santo. Suas atribuições incluem não apenas a definição do trajeto da folia, mas também a supervisão de todos os aspectos da celebração, desde a logística até a coordenação dos eventos. É responsabilidade do encarregado garantir que todos os detalhes estejam em ordem para que a folia ocorra de maneira fluida e harmoniosa. Ele supervisiona a preparação dos foliões, fornecendo-lhes uniformes adequados e as instruções necessárias para participar das procissões e cerimônias. Os foliões, vestindo o uniforme fornecido pelo encarregado, são reconhecidos por usar um lenço vermelho no pescoço, simbolizando sua participação na celebração, conforme ilustrado na Figura 41. Já o alferes, uma figura de destaque na folia, veste uma camisa de manga comprida e uma gravata, destacando sua posição de liderança e autoridade durante as procissões e rituais. Assim, o encarregado da folia desempenha um papel essencial na preservação e na celebração das tradições religiosas, garantindo que a devoção e a reverência ao Divino sejam honradas de maneira apropriada e respeitosa.



Figura 42 - Chegada da Folia na Igreja



Fonte: Xavier (2017).

Figura 43 - Bênção dos Foliões



Fonte: Xavier (2017).

Ao seguir o cronograma previamente estabelecido, os foliões dão início ao giro pelas fazendas e pela cidade, levando consigo a bênção da igreja e o espírito festivo da celebração, conforme ilustrado nas Figuras 42 a 45. Esse giro pelas comunidades locais não apenas promove a devoção ao Divino, mas também fortalece os laços comunitários e perpetua as tradições culturais da região. Essa sequência de eventos no início da Folia do Divino reflete a complexidade e a riqueza das práticas culturais e religiosas da comunidade, destacando sua devoção, organização e compromisso com a celebração da fé.

Figura 44 - Organização do Bagageiro



Fonte: Xavier (2017).

Figura 45 - Acendimento da fogueira



Fonte: Xavier (2017).

Hermogenes (2021) ressalta que os bagageiros têm as atribuições específicas no giro da folia.

Na folia do Divino Espírito Santo têm-se os bagageiros, que são uma ou duas pessoas, encarregados do cargueiro no cavalo onde são colocados alguns pertences da folia e dos foliões. Nas bruacas, são colocados bolos, carne passada a sol, café,

açúcar, arroz e outros alimentos para o custeio, se houver alguma falta na janta ou no almoço os bagageiros suprem os foliões. É carregada também no cargueiro alguma bolsa de roupa de algum folião. Os bagageiros também são o aviso da folia para o morador, pois aonde ele chegar com o cargueiro, será o pouso da folia. Os bagageiros saem de um pouso pela manhã depois do cântico da despedida e seguem diretamente para o outro pouso da folia.

Segundo Xavier (2018), durante o trajeto da folia, que é realizado a cavalo pelas estradas, ao chegarem a uma propriedade para pernoitar, ocorre um ritual específico. Primeiramente, os foliões buscam o curral para benzer os animais daquela propriedade, uma vez que os devotos do Divino têm fé na proteção dos rebanhos e das lavouras. Em seguida, os cavalos são alinhados no terreiro, enquanto os foliões entoam cânticos, solicitando acolhimento para o pernoite, conforme ilustrado nas Figuras 46 e 47.

Figura 46 - Chegada da Folia do “Sertão de Governo”



Fonte: Xavier (2017).

#### Quadro 2 - Estrofes e versos do cântico para saudar o morador

*Vamos pedir nossa licença, Para nos fazer essa saudação.  
Pedimos licença a Deus e o povo, Com amor no coração.*

*Saudo Deus e Nossa Senhora, Que é em primeiro lugar.  
Primeiro o amor de Deus, E agora vamos saudar.*

*Aqui nessa mesma hora, Vamos começar o canto. Vamos saudar as esmolos, Divino Espírito Santo. Divino  
Espírito Santo,  
Em sua casa chegou, Vem pedir esmola,  
Para levar para o imperador.*

*Do céu de Deus veio o retrato, Na terra nos encontrou.  
Meu Jesus eterno e puro, La no céu Jesus ficou. (...).*

*Ajoelhai filhos de Deus,  
Por cima cobrir com a bandeira.  
Para receber a bênção, La do nosso pai verdadeiro.*

Fonte: Hermogenes (2021, p. 23).

Após esse ritual inicial, a folia segue em direção à residência principal da propriedade, enquanto entoam cânticos e saúdam os moradores que surgem no hall da porta para receber a divindade. Em seguida, o alferes realiza uma bênção na porta da frente da casa, e todos adentram. Nesse momento, o alferes se posiciona à frente da família com a bandeira do Divino, enquanto os foliões entoam cânticos de louvor, pedindo bênçãos e proteção para os devotos.

Após essa etapa, é feita a coleta da "esmola do Divino", que é depositada no pandeiro do folião responsável pelo ritmo. Pouco antes do encerramento dos cânticos, todos são cobertos com a bandeira, momento em que tocam e beijam suas fitas. Em seguida, o chefe da família pega a bandeira e percorre todos os cômodos da casa para realizar uma bênção. O recolhimento das esmolas durante a Folia do Divino Espírito Santo tem a finalidade de custear as despesas relacionadas ao próprio giro da folia. Qualquer montante excedente é destinado a contribuições para a igreja ao término da celebração.

Durante o giro da folia são recolhidos donativos que, normalmente, são feitos em espécie, entretanto, pode ser qualquer outras coisa. [...] O recolhimento das esmolas ocorre ao final dos cânticos dos foliões, quando um deles sacode o pandeiro e ouve-se apenas o som das platinas de latão – é o sinal da entrega do donativo. Tudo é feito em clima de descontração e muitas vezes acompanhado de brincadeiras (Teske, 2009, p. 177-178).

Os foliões são recebidos pelos moradores e o chefe de família os convida a entrar. Depois do canto do Divino, que acontece na chegada, a bandeira é entregue a ele, que guarda em seu quarto.

Figura 47 - Bênção dos moradores



Fonte: Xavier (2017).

Figura 48 - Beijo da Bandeira



Fonte: Xavier (2017).



Montar o altar é uma parte essencial da preparação para as festividades em honra ao Divino Espírito Santo. É tradição: o dono da casa assume a responsabilidade de montar o altar, que é possível ser localizado na sala de estar ou em frente à residência. O altar é cuidadosamente decorado com uma variedade de elementos simbólicos, incluindo flores frescas, velas, a bandeira do Divino e outros acessórios significativos, conforme representado na Figura 49. Montar o altar é uma maneira significativa de demonstrar devoção e respeito ao Divino Espírito Santo, preparando um espaço sagrado onde as pessoas podem se reunir para louvar, orar e celebrar em comunidade.

Figura 49 - Altar do pouso



Fonte: Xavier (2017).

Figura 50 - A Bandeira é entregue ao morador



Fonte: Xavier (2017).

Após o jantar, conforme representado na Figura 52, os devotos presentes desfrutam de momentos de descontração, nos quais os foliões demonstram sua habilidade em criar rodas de prosa e cantorias animadas. Os foliões são verdadeiros artistas, capazes de improvisar cantos, benditos, catiras e rodas, proporcionando entretenimento e alegria para todos os presentes. As rodas consistem em cantos improvisados que refletem acontecimentos, passagens ou figuras interessantes, criando assim uma atmosfera única e cativante. Durante o ritual, cada momento é marcado por um canto específico, desde a chegada para pedir o pouso até a despedida, passando pela hora de ajoelhar para ser coberto com a bandeira e a hora das refeições, ilustrada na Figura 51.



Figura 51 - Jantar para Foliões



Fonte: Xavier (2017).

Figura 52 - Rodas e cantorias animadas



Fonte: Xavier (2017).

A oração da manhã, realizada ao amanhecer pelo caixeiro para acordar os foliões e moradores, demonstra um compromisso com a espiritualidade e a conexão com o Divino, mesmo no meio da festividade. Essa prática reflete a dimensão da oração e da reflexão espiritual como parte integrante da experiência da folia. O almoço ao meio-dia, seguido pelo cântico de despedida para seguir o giro, marca o encerramento do período de celebração no pouso e o início da próxima etapa da jornada da folia. Esses rituais de partida e despedida reforçam o senso de continuidade e movimento da folia, enquanto os participantes seguem em frente para espalhar a devoção e a alegria do Divino Espírito Santo para outras comunidades.

### Quadro 3 - Estrofes e versos da despedida ao sair de um pouso para outro

*Deus vos salve o raio do sol, Que ilumina a luz do dia.  
Deus vos salve as três pessoas, Que é Jesus José e Maria.*

*É Jesus José e Maria, Que vai saindo porta a fora.  
Convidando o povo todo,  
Arrumai e vamos embora.*

*Deus vos pague pelo agasalho, E também uma boa dormida.  
O Divino Espírito Santo, Que dê a todos,  
Muitos anos de vida.*

*Ô despedida ô despedida, Ô despedida de Belém. Despedindo do povo todo, Até o ano que vem. (...).*

Fonte: Hermogenes (2021, p. 26).

Figura 53 - 1º Bendito do Dia



Fonte: Xavier (2017).

Figura 54 - Despedida do Pouso



Fonte: Xavier (2017).

Na despedida, os participantes prestam homenagem à bandeira com beijos e votos de seu retorno no próximo ano, ao ritmo contínuo da música da caixa que anima a folia. Em cada casa visitada, os devotos apresentam suas oferendas, enquanto uma xícara generosa de café é servida em gesto de hospitalidade. Seguindo o ritual estabelecido, a bandeira é confiada ao morador, que a guarda em seu próprio aposento. Após o compartilhamento do café, o morador devolve a bandeira ao alferes, e a festividade continua com vigor.

De acordo com Costa (2008), nas comunidades sertanejas e da caatingueiras<sup>13</sup>, a celebração do Divino sempre foi uma tradição, mesmo que algumas das simbologias presentes em outras culturas não sejam adotadas. Nessas comunidades, as festividades nas fazendas têm início com os rituais de preparação dos cavalos, seguidos pela saída com bandeiras vermelhas adornadas com fitas coloridas, mesmo que o significado não seja totalmente compreendido. Mesmo assim, as bandeiras são amarradas nos mastros e as festividades seguem adiante, com cantos entoados enquanto percorrem as redondezas.

Na perspectiva de Cordeiro (1991), a folia transcende os limites da zona rural de Arraias. Segundo sua análise, essa celebração não se restringe apenas aos espaços rurais, mas também se estende a áreas urbanas. Assim, a folia é uma tradição que abarca uma diversidade de comunidades, evidenciando sua relevância cultural e social em todo o contexto de Arraias. Portanto, a folia é uma tradição que transcende fronteiras geográficas e pode ser vivenciada em diversas comunidades, independentemente de estarem localizadas na zona rural ou urbana

<sup>13</sup> "Caatingueiras" é um termo que se refere a uma região na zona rural de Arraias. O termo está associado a áreas onde há a presença de vegetação típica da caatinga, um bioma característico do sertão nordestino do Brasil. A palavra "caatingueiras" ressalta a importância do ambiente semiárido e suas características específicas na região rural de Arraias.

de Arraias, ampliando ainda mais o entendimento da importância cultural e social dessa celebração na região.

Na visão de Cordeiro (1991), às vésperas das festividades do Divino na cidade, aguarda-se ansiosamente a chegada das folias, que se dividem em três distintas: a do Sertão do Governo, a do Sertão da Terra Nova e a das Caatingas. Os alferes incumbidos de liderar cada uma delas, escolhidos por sorteio no ano anterior, empenham-se com dedicação na apresentação de suas respectivas folias. A igreja, preparada antecipadamente pelos Juízes da Festa, recebe as folias para o canto, com a participação de todos os presentes que desejam se unir à celebração.

O encontro na praça da Matriz é uma cerimônia estudada, com cruzamento das bandeiras que percorrem as caatingas e sertões e o barulhar das caixas. Violas e pandeiros completam o cerimonial. Aí estão prontos para um fim de festa feliz, deixando sempre saudades aos que tem a felicidade dessa participação (Cordeiro, 1991, p. 216).

Conforme descrito por Hermogenes (2021), no encerramento, a folia se reúne em frente à igreja Nossa Senhora dos Remédios, onde ocorrem os cruzamentos das bandeiras, um momento de intensa fé, conforme representado na Figura 55. Após essa cerimônia, todos entram na igreja, reservando um momento para fazerem suas apresentações através do canto do Divino. Com grande respeito, os foliões beijam a bandeira em busca de sua bênção e proteção, antes de o padre receber a bandeira e conceder sua bênção. Em seguida, o padre, o alferes, os foliões e a comunidade em geral se dirigem à casa do encarregado, onde são recebidos com um grande banquete. Nesse momento, o alferes entrega ao encarregado todos os donativos recebidos ao longo da celebração.

Figura 55 - Cruzamento das Bandeiras  
2018



Fonte: Xavier (2018).

Figura 56 - Chegada da Folia na Igreja  
2017



Fonte: Xavier (2017).



Quadro 4 - Estrofes e versos do encontro das folias na Igreja Matriz no dia da recolhida, o ponto final do giro das folias

*Pai, filho, espírito santo, Retratou no mundo inteiro. O cruzeiro é santíssimo,  
E os mistérios são primeiro.  
Deus formou-se a casa santa, De grande maior alegria. Que do padre a santa missa, E dos apóstolos, a  
romaria.  
Saúdo o sino e os telhados, Da casa de Deus nosso senhor. Saúdo a hóstia com reverencia, Saúdo a igreja e  
o zelador.  
Diz, o meu senhor eterno, O que de hoje foi avistado.  
Avistei em montes carvalho, Sete cruzeiros assentado. Com sete cruzeiro assentado, E Nossa Senhora  
ajoelhado.  
Chorando pelo seu filho, Que morreu crucificado. (...).*

Fonte: Hermogenes (2021, p. 26).

O encerramento da festa muitas vezes é um momento marcante, cheio de energia e devoção, onde os participantes celebram e expressam sua fé de maneira vibrante. A chegada da Folia do Divino Espírito Santo do Sertão da Terra Nova em 2017 marca o encerramento das festividades, conforme representado na Figura 56. Os participantes estão prontos para celebrar o fim da festa com fervor e devoção.

O ato de fé e devoção ao Divino Espírito Santo é uma tradição que atravessa gerações, como representado na Figura 57. É uma prática enraizada na cultura e na espiritualidade das comunidades, transmitida de pais para filhos ao longo do tempo. Essa continuidade reflete a importância e o significado profundos que essa devoção tem para as famílias e para a comunidade em geral. Essa conexão entre diferentes gerações fortalece os laços familiares e comunitários, além de manter viva a chama da fé e da devoção ao Divino Espírito Santo ao longo dos anos.

Figura 57 - Ato de Fé e Devoção



Fonte: Xavier (2017).

O Festejo do Divino Espírito Santo continua sendo uma festa tradicional em Arraias, resistindo ao tempo e perdurando ao longo dos séculos. Hoje em dia, sua organização é conduzida pelos mestreiros, responsáveis pela levantada do mastro, e também pelos festeiros, encarregados de coordenar os diversos aspectos dos festejos em colaboração com a Paróquia e toda a comunidade.

Segundo Costa (2008), a chegada do Padre Mons. Jones Ronaldo do Espírito Santo Pedreira, um devoto fervoroso do Espírito Santo, trouxe novos aspectos ao festejo na cidade, especialmente após a construção de uma capela com o mesmo nome, conforme representada na Figura 58. A construção da capela do Divino teve início em 24 de maio de 1981, através de trabalho coletivo, e foi concluída em 17 de maio de 1986, durante o sétimo dia da novena, com a inauguração realizada pelo então padre José Moreira da Silva, hoje Bispo da Diocese de Porto Nacional, conhecido como Dom José Moreira da Silva.

Figura 58 - Estrutura da física anterior



Fonte: Xavier (2016).

Figura 59 - Atual estrutura física da Igreja



Fonte: Xavier (2024).

Em demonstração de cooperação e comprometimento e o valor atribuído à preservação e ao fortalecimento da igreja como um local sagrado e central para a comunidade religiosa, hoje, a capela do Divino passa por uma reforma em sua estrutura física, uma obra que teve início em 2023 sob a liderança do então Pároco Pe. Deuslí Evangelista, o Vigário Paroquial, Pe. Mário Vieira, e com a colaboração ativa da comunidade católica, conforme representado na Figura 59. Atualmente, a Paróquia Nossa Senhora dos Remédios, representada pelo Pároco Pe. Valdemir Alves de Souza e pelos festeiros de 2024, juntamente com toda a comunidade católica, estão unidos em prol de arrecadar fundos para finalizar essa obra.

Até os dias atuais, a Festa do Divino Espírito Santo segue o calendário cristão, sendo celebrada precisamente no 7º domingo após a Ressurreição de Jesus. Símbolos, como a

pomba e a cor vermelha, representando respectivamente o Divino e o fogo, estão presentes em toda a ornamentação dessa festa, seja nas bandeiras, na decoração da igreja e até mesmo na vestimenta dos devotos e foliões. A preparação para a festa tem início um ano antes, com os novos festeiros que se disponibilizam a trabalhar em prol da celebração. Na Missa de Pentecostes, faz-se a leitura da lista dos festeiros, marcando o início de uma nova etapa de devoção e preparação para o evento.

Durante o ano, as atividades em prol da festa prosseguem: para realizar uma boa festa, é necessário começar com uma reunião entre os representantes da igreja e os festeiros. O objetivo dessa reunião é montar um plano para todas as ações que serão realizadas durante o festejo. Os festeiros começam a se organizar, convocando as pessoas que se comprometeram a ajudar, com a presença do responsável da igreja para fornecer as primeiras instruções sobre o que deve ou não ser feito no festejo. Assim, as reuniões prosseguem com o objetivo de angariar donativos, seja em dinheiro ou em produtos, para a realização da festa, além da escolha de temas e composição de músicas, entre outras atividades necessárias para o sucesso do evento.

Uma das ações planejadas é a limpeza e organização da igreja. Antes do primeiro dia do novenário, os festeiros organizadores se reúnem nas dependências da igreja para limpar e organizar o espaço da festa. A capela é decorada com flores, bandeiras e tecidos nas cores vermelho e branco, conforme ilustrado na Figura 60. Existem inúmeras formas de ornamentação, que dependem da criatividade de pessoas, como o senhor Rômulo, organizador e colaborador da paróquia.

Figura 60 - Ornamentação da Igreja



Fonte: Xavier (2018).

Figura 61 - Decoração do Mastro



Fonte: Xavier (2018).



A festividade tem início às 5h da manhã, ao som dos sinos da capela do Divino Espírito Santo. Os membros da comunidade se reúnem em frente à igreja e iniciam um cortejo pela principal avenida da cidade, acompanhando um carro de som que entoa músicas tradicionais da festa do Divino. No início da novena, o cortejo com o estandarte do Divino parte da residência dos mestreiros, acompanhado pelos festeiros e devotos. Em uma solene procissão, entoam-se louvores e cânticos do Divino enquanto segue em direção à Igreja, situada no setor Arnaldo Prieto, conforme ilustração da Figura 62.

Figura 62 - Saída da casa dos Mestreiros, 2016



Fonte: Pascom (2016).

Figura 63 - Entrada dos Mestreiros, 2016



Fonte: Pascom (2016).

Ao chegar à igreja, os participantes entram em procissão, com o estandarte à frente, conduzido pelos mestreiros, festeiros, Ministros da Eucaristia e o Pároco. Os fiéis, já agasalhados, acompanham a procissão dentro da igreja, ansiosos por esse momento, conforme retratado na Figura 63.

Na visão de Souza (2013), a procissão é entendida como um espaço profano, porém, controlado pela igreja.

a procissão simboliza o pertencimento dos fiéis à Igreja, mas é feita no espaço externo ao templo, nas ruas e não em seu interior, o que demonstra a ambiguidade inerente ao ritual: cerimônia ao mesmo tempo eclesial e profana, controlada pela Igreja e absorvendo elementos profanos. Ao mesmo tempo, a procissão afirma a autoridade da fé sobre o espaço profano, incorpora-o à autoridade da Igreja e faz com que a identidade cristã dos que dela participam seja afirmada perante eles próprios e perante quem se mantenha alheio à fé (Souza, 2013, p. 44).

Nesse sentido, Souza (2013, p. 80) acrescenta que "destaca o sentido da busca pelo profano sagrado, uma renovação e purificação de fé e devoção quando o romeiro parte de seu local de origem em busca da benção Divina".

Segundo Costa (2008), a religiosidade profana é definida pela prática dos fiéis em rezar terços, realizar novenas e estabelecer uma conexão próxima com o santo ao qual são devotos. No anseio de alcançar os milagres, eles dirigem suas preces a Deus, aos santos e a outras entidades que possam interceder entre este mundo e o divino. Essas pessoas, movidas pela fé, seguem uma expressão religiosa popular que não está limitada ou controlada por regras canônicas.

Por outro lado, Brandão (1986) destaca que o devoto busca a intervenção divina, através de milagres, ao procurar por uma solução para um problema ou realização de um feito. Nesse processo, eles fazem promessas, com ou sem a intervenção direta da igreja.

O milagre popular é amostra de efeitos simples de trocas de fidelidades entre o sujeito e a divindade, com a ajuda ou não de igreja e mediadores humanos ou sobrenaturais. Ele não é a quebra, mas a retomada da ordem natural das coisas na vida concreta do fiel, da comunidade ou do mundo, por algum tempo quebrada (Brandão, 1986, p. 131).

Pereira (2011) destaca a importância central de percepção de votos religiosos, afirmando que a promessa adquire um papel fundamental. Feitos em benefício de uma ou mais pessoas, os votos representam uma espécie de acordo, ao mesmo tempo em que são um pedido dirigido às entidades sagradas: “(‘eu faço uma promessa’), uma dívida com as divindades (‘tenho uma promessa para pagar’) e a própria efetivação do pagamento (‘a folia é uma promessa que estou pagando’)” (Pereira, 2011, p. 98).

Concordando com a ideia, Galvão (1976) esclarece que a religiosidade sagrada se manifesta por intervenção da fé, frequentemente expressa em forma de gratidão por graças alcançadas. A devoção aos santos católicos foi se desenvolvendo como uma adaptação de crenças e práticas que foram gradualmente integradas ao contexto "católico".

Uma religiosidade na qual sua principal característica é a recomposição da sensibilidade religiosa do sagrado e do divino por meio de manifestações de fé, de agradecimento por benefícios alcançados e renovação dos pedidos feitos ao santo protetor através de romarias, novenas e procissões (Galvão, 1976, p. 10).

Brandão (1978) enfatiza que o poder da fé desses devotos se revela através de homenagem ao santo de sua devoção. Isso confirma a forte crença das pessoas locais no poder do Espírito Santo.



Por esta razão ele é coletivamente festejado através de uma combinação de modos diversos de culto e homenagem – tanto religiosos, quanto profanos – através dos quais a população local comemora sua crença “seu santo”: pagando votos ao Divino e homenageando o Espírito Santo (Brandão, 1978, p. 65).

Após a novena, em uma nova procissão, os mestreiros, festeiros, ministros e o padre são acompanhados pela bandeira e o estandarte do Divino. Os devotos se curvam diante da bandeira como gesto de respeito ao Divino, conforme retratado na Figura 64.

Figura 64 - Referência à Bandeira, 2016



Fonte: Pascom (2016).

Conforme a tradição católica, após a novena, os mestreiros e os devotos do Divino realizam uma procissão ao redor da capela, dando três voltas. Durante essa procissão, eles são acompanhados pela bandeira e o estandarte do Divino, ao som dos pandeiros e da caixa, enquanto entoam cânticos religiosos, ilustrada na Figura 65. Segundo os devotos, o gesto de circundar a igreja três vezes durante a procissão após a novena tem uma série de significados simbólicos. Representa não apenas a Trindade Santa, mas também a renovação espiritual dos fiéis e sua preparação para receber as bênçãos divinas.

Figura 65 – Três voltas ao arredor da Igreja



Fonte: Pascom (2016).

Figura 66 - Levantada do Mastro



Fonte: Pascom (2016).

O momento de levantar o mastro é de grande importância durante os dias de festa, pois ele marca sua presença constante. Nesse momento, os homens são convidados a participar, visto que erguer o mastro demanda considerável esforço físico, como mostrado na figura 66. O mastro simboliza a presença de Jesus Cristo no meio de seu povo e a descida do Espírito Santo sobre os cristãos. Quando erguido, representa que o local é um território em festa dedicado ao cristianismo católico. Para Cascudo (1962, p. 469), “os mastros votivos são reminiscências dos cultos agrários, homenagem propiciatória às forças vivas da fecundação”.

O levantamento do mastro é um símbolo claro de que o local está em festa, conforme destacado por Claval (2007). Além disso, as festas são marcadas por uma variedade de elementos, como procissões, danças, músicas e espetáculos, que criam momentos de intensa emoção e promovem a união entre os participantes. Essas atividades desempenham um papel fundamental em fortalecer os laços sociais e culturais dentro da comunidade. “As festas manifestam-se por procissões, dança, músicas e espetáculos. Cada um é por sua vez ator e espectador e vive um momento de intensa emoção, de comunhão e de evasão. O sentimento do pertencer coletivo é então muito forte” (Claval, 2007, p. 131).

A dança da sússia, elemento da programação do festejo, tem uma relevância fundamental na cultura, representando uma expressão tradicional enraizada no patrimônio cultural de várias comunidades. Mais do que uma simples expressão artística, a sússia é uma forma vital de preservar e transmitir valores, tradições e identidades culturais ao longo do tempo. Frequentemente ligada a eventos festivos e religiosos, essa dança desempenha um papel essencial na celebração e na união social da comunidade.

Ao som dos pandeiros e da caixa, os devotos são convidados a participar dessa dança envolvente, onde não há distinção de classe social, cor ou idade – basta se deixar levar pelo ritmo contagiante. Segundo Teske (2009, p. 121), “com toques muito fortes do bumba e da caixa desde as rodeiras mais jovens às mais idosas, todas dançam animadamente enquanto o povo reunido aplaude, grita e ovaciona”, como ilustrado na Figura 67.

Figura 67 - Dança de Súsia



Fonte: Pascom (2016).

Figura 68 - Partilha de Alimentos



Fonte: Xavier (2016).

Após os rituais na igreja, os devotos são convidados a se dirigir à residência dos mestres, onde uma variedade de iguarias, incluindo biscoitos, bolos de arroz, petas e enroladinhos, é cordialmente oferecida. Essa prática simboliza a partilha de alimentos e reforça os vínculos de amizade entre os presentes, demonstrando o caráter de união e generosidade que marca esse momento após a cerimônia religiosa, como ilustrada na Figura 68.

Durante o novenário, diversos eventos marcam as celebrações, incluindo leilões de doações da comunidade, quermesses e bênçãos diárias direcionadas a grupos sociais específicos. Um dia é dedicado especialmente à Missa de Cura, além da celebração de batizados e casamentos ao longo desse período. Conforme observado por Brandão (1978), todos esses rituais festivos são coletivos e dependem da participação ativa e engajada da comunidade.

A festa é um compromisso coletivo da cidade para com o Divino. Ela é ao mesmo tempo; a) uma coleção de rituais de prestação de homenagens coletivas ao santo; b) uma situação propiciadora de efetivas relações simbólicas (musicas, novenas, procissões) de fiéis, com o Divino; c) uma sucessão de momento historicizados em que pela ordem em que se processam os acontecimentos festivos confirma-se a presença sobrenatural do Espírito Santo em favor da comunidade (Brandão, 1978, p. 67).

Valéria Macedo (1998) ressalta a ampla aceitação da festa, descrevendo como as contribuições se multiplicam, resultando em bolsas de moedas volumosas e preenchendo uma carroça adornada com velas para receber os leitões, frangos e doces destinados a serem leiloados durante a celebração. Essas contribuições não apenas enriquecem o evento, mas também o sustentam financeiramente. A influência da participação da comunidade nos leilões vai além do aspecto financeiro, pois também ressalta seu valor social e cultural. Essa

participação ativa é crucial para garantir o triunfo e a continuidade da celebração, conforme representada nas Figuras 69 e 70.

Figura 69 - Leilão das prendas



Fonte: Xavier (2016).

Figura 70 - Quermesse



Fonte: Xavier (2016).

A participação ativa da comunidade nas quermesses desempenha um papel crucial, pois esses eventos são essenciais para arrecadar recursos necessários para a celebração. Ao participar das quermesses, os membros da comunidade contribuem para o sucesso do novenário e de toda a Festa do Divino Espírito Santo. Assim, a colaboração da comunidade nas quermesses é indispensável para garantir a continuidade e o êxito dessa tradição religiosa e cultural.

A Missa de Cura desempenha um papel crucial no festejo para a comunidade, pois oferece um momento de fé e esperança, especialmente para aqueles que enfrentam enfermidades. Proporciona aos fiéis uma oportunidade de buscar conforto espiritual, fortalecer sua devoção e receber bênçãos para a cura tanto física quanto espiritual. Além disso, ela reforça o sentido de solidariedade e apoio mútuo entre os membros da comunidade, que se unem em oração pelos enfermos, criando um ambiente de cuidado e acolhimento, como retratado na Figura 71.

Figura 71 - Missa de Cura



Fonte: Xavier (2016).



Após 50 dias do domingo de Páscoa, às 19h30, a Missa em Honra e Louvor ao Divino Espírito Santo é celebrada na porta da capela, devido à grande quantidade de fiéis, conforme representada na Figura 72. Durante a cerimônia, são anunciados os nomes dos festeiros e mestreiros responsáveis pelos Festejos do próximo ano. Após a bênção final, o padre abençoa os pães que os festeiros trazem até o altar. Em seguida, os pães são distribuídos entre os presentes como símbolo de abundância, garantindo que o Divino sempre providenciará o sustento diário. Esses pães são armazenados em latas de alimentos por um ano, sendo substituídos na próxima celebração. Esse ritual, mantido por séculos, é considerado de grande importância pela igreja em Arraias.

Figura 72 - Missa campal, 2017



Fonte: Xavier (2017).

Os pãezinhos simbolizando a fartura são distribuídos no final da Missa, representando a abundância e a provisão divina. Esse gesto não apenas fortalece a fé dos fiéis, mas também promove o sentido de que o Divino nunca deixará faltar o sustento diário, conforme ilustrado na Figura 73.

Figura 73 - Pãezinhos Simbolizando a Fartura



Fonte: Xavier (2016).

Uma semana após o encerramento do festejo, ocorre a derrubada do mastro, uma etapa significativa do ritual que marca o fim da festa. Com a participação dos mastreiros, festeiros, devotos e da comunidade católica, o mastro é cuidadosamente derrubado por vários homens, enquanto são entoados som de vivas e aplausos. Assim como no momento de levantá-lo, a derrubada requer habilidade por parte dos homens encarregados desse serviço. Após a derrubada do mastro, o estandarte é entregue pelos mastreiros atuais aos futuros mastreiros para o próximo ano.

Portanto, consideramos que a Folia e Festejo do Divino é crucial para o patrimônio imaterial, pois preserva e transmite as tradições, crenças e valores culturais de Arraias. Enraizada na cultura popular, essa celebração reflete a identidade e a vivência do povo, incorporando aspectos religiosos, sociais e históricos. Além de promover a conexão social ao unir pessoas várias gerações, recebe reconhecimento e proteção como parte do patrimônio imaterial, contribuindo com a preservação da diversidade cultural e fortalecendo o sentimento de identidade da comunidade. Nesse contexto, a pesquisa destaca a importância de recuperar e documentar essas manifestações para enriquecer o acervo cultural do Museu Histórico Cultural de Arraias.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Arraias é mais do que uma simples localidade geográfica; é um testemunho vivo da resiliência de um povo. Ao longo de sua história, enfrentou inúmeras adversidades, mas jamais perdeu sua essência, mantendo-se firme em sua força, coragem e fé. Esses valores fundamentais são parte intrínseca da identidade arraiana, moldando não apenas seu presente, mas também seu futuro. Em cada desafio, em cada superação, a comunidade de Arraias reafirma sua capacidade de resistir e se reinventar, deixando um legado de inspiração para as gerações futuras.

A Festa em Honra ao Divino Espírito Santo tem uma origem profundamente enraizada na tradição religiosa e cultural de Portugal. Remontando à Idade Média, essa celebração era uma manifestação de devoção e agradecimento pela proteção divina, especialmente em momentos de necessidade ou calamidade. Com a colonização portuguesa, essa devoção foi trazida para o Brasil, onde se espalhou por diferentes regiões do país, adaptando-se às peculiaridades locais, como novos rostos, cores e etnias, tornando-se uma das festas religiosas mais prestigiosas e populares.

Na terra de Arraias, a Festa em Honra ao Divino Espírito Santo ganhou um significado especial, refletindo a fé e a devoção do povo arraiano. A celebração dessa festa é marcada por uma série de rituais e tradições, incluindo novenas, procissões, missas solenes, levantamento do mastro, leilões beneficentes, quermesses e apresentações culturais. O pousar dessa festa nas terras de Arraias representa não apenas a continuidade de uma tradição ancestral, mas também a incorporação desses rituais e práticas na identidade e na história local. Ao longo dos anos, a festa tornou-se um momento de união e renovação da fé, reunindo a comunidade em torno de valores religiosos e sociais compartilhados. Investigar a origem e a trajetória dessa festa em Arraias é não apenas entender sua importância religiosa, mas também reconhecer seu papel na preservação da cultura e da identidade arraianas. Essa festa representa não apenas um evento religioso, mas também uma expressão vívida da história e da espiritualidade do povo dessa região.

Com base no que foi apresentado, é possível inferir que este tipo de estudo apresenta uma nova percepção, um novo olhar acerca da manifestação em questão, pois buscou nas diretrizes da Igreja um dos motivos para compreender a popularidade do festejo. Além de valorizar os indivíduos históricos do presente, com a apresentação descritiva do festejo, o ensejo deste trabalho auxilia na compreensão da construção dessas identidades históricas, pois vai ao encontro dos fatos que repercutiram nossa atual situação. Eis um relevante passo para a

manutenção da memória local. Azevedo Junior (2007, p. 8) enfatiza que “cada sociedade possui seus próprios valores morais, religiosos, artísticos entre outros. Isso forma o que chamamos de cultura de um povo. Mas uma cultura não fica isolada e sofre influências de outras, portanto, nenhuma cultura é estática e sim dinâmica e mutável”.

Uma conclusão recorrente nesses estudos é que a adesão religiosa da população mais desfavorecida cria dimensões de experiência que aprimoram sua resistência às adversidades e injustiças sociais, proporcionando mais significado e alegria à existência. A fé que tem um lugar de identidade na sociedade com uma simples afeição pelo cristão na igreja católica pode transmitir um progresso na vida pessoal. Esse espaço sagrado, que tem uma afinidade de soberania na zona de crença, faz com que essa identidade passe por gerações, mantendo o mesmo sentido de crença e fé, um padrão de vida que sempre estará ligado à igreja católica.

As celebrações são interpretadas como uma reação à despersonalização e desenraizamento da globalização, o que nos leva a uma busca e defesa das raízes culturais e religiosas mais profundas de nossas identidades. O benefício cultural dessas festas é a sua passagem para a vida, como o exercício da justiça e do poder, o menino e a inocência, a bondade e a partilha. Assim, as celebrações religiosas do Espírito Santo podem gerar mudanças na ordem religiosa, ética, intelectual e social. Na sua simplicidade, essa festa é uma resistência crítica e profética ao poder político e econômico, e é uma reserva histórica do pensamento utópico, poético e evangélico. O culto ao Espírito Santo pode ser utilizado como ferramenta pedagógica na perspectiva do dom e da justiça. Enquanto outras manifestações estão ligadas à penitência e à dimensão individual da pessoa, neste culto as promessas são fruto do que se dá, partilha e recebe, sonhando com um mundo de abundância e justiça, sinal messiânico do Reino de Deus, sob a presença e soberania do Espírito.

No que diz respeito aos ensinamentos, práticas pastorais e questões éticas, o concílio evoluiu para controlar as celebrações religiosas católicas, o que se mostrou extremamente relevante para a Igreja ao longo da história, sobretudo em momentos de desafio e reconquista. O Concílio Vaticano II procurou enfatizar a relevância da Igreja se posicionar no contexto atual. Além de estabelecer barreiras capazes de enfrentar as mudanças provocadas pela secularização, a Igreja procurou aprimorar sua missão, voltada para o mundo e integrada nele.

Após o Concílio Vaticano II, teve início uma transformação na Igreja, com uma participação maior dos leigos nas atividades eclesiais e um envolvimento mais intenso nas questões sociais. As mudanças litúrgicas introduzidas pelo Concílio Vaticano II se refletiram diretamente nas práticas religiosas em Arraias, Tocantins. Antes do concílio, as missas eram celebradas em latim, com o padre de costas para os fiéis, seguindo a tradição da época. No



entanto, após o concílio, houve uma transição para a língua vernácula, como o português, tornando a Liturgia mais acessível e compreensível para os participantes.

Além disso, as homilias se tornaram mais frequentes e significativas, proporcionando uma reflexão mais profunda sobre os ensinamentos da fé. Essas mudanças contribuíram para uma maior participação e envolvimento dos fiéis nas celebrações religiosas, enriquecendo assim a experiência espiritual da comunidade, conforme ilustrado na Figura 74. Os papéis dos bispos e do colégio episcopal também foram fortalecidos, com uma ênfase na comunhão com o Papa e no trabalho conjunto para guiar a Igreja. Essa abordagem enfatizava mais o papel papal como um serviço à comunidade cristã, em vez de uma liderança centralizada e autoritária.

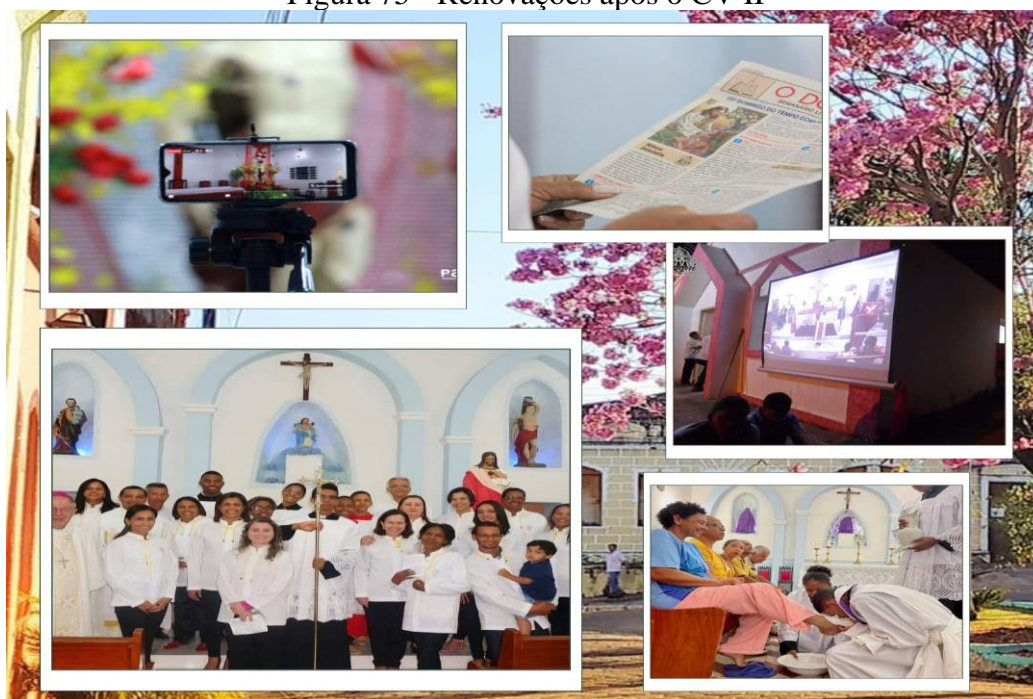
Figura 74 - Transformações Pós – Concílio Vaticano II



Fonte: Flávio (2024).

A Figura 75 ilustra algumas das transformações ocorridas após o Concílio Vaticano II, cujo impacto perdura na Igreja até os dias atuais. A integração das tecnologias do mundo moderno tem acompanhado a igreja, manifestando-se nos festejos locais, nas adaptações litúrgicas e na participação dos leigos nas celebrações das missas. Essa participação inclui os ministros da eucaristia, os coroinhas, os acólitos e outros elementos fundamentais.

Figura 75 - Renovações após o CV II



Fonte: Flávio (2024).

Na Figura 76, destaco com gratidão e em memória as pessoas que generosamente contribuíram para a minha pesquisa e para a preservação das tradições do Festejo do Divino Espírito Santo. Suas colaborações foram fundamentais para enriquecer o entendimento e a valorização desse evento tão significativo na cultura e espiritualidade local.

Figura 76 - Em memória



Fonte: Flávio (2024).

Portanto, as transformações na igreja e nos festejos em Arraias não apenas preservam as tradições ancestrais, mas também se adaptam às novas realidades e desafios, garantindo que a fé e a cultura local continuem a prosperar e a inspirar gerações futuras.

Pode-se concluir que as reflexões e reformas propostas pelo Concílio Vaticano II, aliadas às contribuições de líderes religiosos como Dom Alano Maria Du Noday, desempenharam um papel fundamental na modernização e renovação da Igreja Católica, permitindo-lhe enfrentar os desafios do mundo contemporâneo de forma mais eficaz e relevante. Acredito que a pesquisa possa ter potencial de lançar luz sobre a interseção entre a história da igreja católica, as tradições religiosas locais e as mudanças sociais e culturais que ocorreram em Arraias ao longo do tempo.

Esperamos que as descobertas contribuam não apenas para o corpo de conhecimento acadêmico, mas também para uma apreciação mais rica e contextualizada da cultura religiosa da região de Arraias, Tocantins. Consideramos que o trabalho seja capaz de ser útil para outros pesquisadores, que tratem tanto da religião quanto da celebração como uma manifestação cultural. Pretendemos, num futuro próximo, aprofundar nosso estudo, dando continuidade à pesquisa sobre as festas religiosas da comunidade arraiana.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, M. Cultura Popular, um conceito e várias Histórias. *In*: ABREU, M.; SOIHET, R. **Ensino de História, Conceitos, Temáticas e Metodologias**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- ALVES, R. B. R. Cidade Histórica de Arraias. **Scribd**, [2020]. Disponível em <https://pt.scribd.com/document/716775674/CIDADE-HISTO-RICA-DE-ARRAIAS>. Acesso em: 17 abr. 2024.
- ANDRADE, W. L. de. Religiosidade Popular e suas Práticas em Quirinópolis de 1943 a 1997. *In*: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 26, São Paulo, jul. 2011. **Anais...** São Paulo: ANPUH, 2011.
- APOLINÁRIO, J. R. Escravidão negra no Tocantins colonial: Vivências escravistas em Arraias (1739-1800). Goiânia: Ed. Kelps, 2000.
- APPOLINÁRIO, F. **Dicionário de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2004.
- AQUINO, F. O Concílio do Vaticano I foi o acontecimento de maior relevo na História da Igreja do século XIX. **Editora Cléofas**, 2023. Disponível em: <https://cleofas.com.br/historia-da-igreja-concilio-vaticano-i/>. Acesso em: 3 maio 2024.
- AUDRIN, J. M. **Entre sertanejos e índios do norte**. Rio de Janeiro: Agir, 2007.
- AZEVEDO JUNIOR, J. G. de. **Apostila de Arte – Artes Visuais**. São Luís: Imagética Comunicação e Design, 2007.
- A12 JORNAL. Santuario. **A12 Jornal**, 2019. Disponível em: [https://www.a12.com/jornalsantuario/noticias/concilio-vaticano-ii-transformou-igrejacatolica&sa=U&ved=2ahUKEwjB5MvcsPFAxVJppUCHT7wD8YQFnoECAMQAg&usg=AOvVaw1SruVSnr6EC\\_nmOJR3mhKa&arm=e&fexp=72519171,72519168](https://www.a12.com/jornalsantuario/noticias/concilio-vaticano-ii-transformou-igrejacatolica&sa=U&ved=2ahUKEwjB5MvcsPFAxVJppUCHT7wD8YQFnoECAMQAg&usg=AOvVaw1SruVSnr6EC_nmOJR3mhKa&arm=e&fexp=72519171,72519168). Acesso em: 3 mar. 2024.
- BEOZZO, J. O. Religiosidade Popular. **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 42, fasc. 168, dez. 1982.
- BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**. Tradução: Centro Bíblico Católico. 34. ed. rev. São Paulo: Ave Maria, 1982.
- BLOG HISTÓRIA COM GOSTO. Os Entrudos - Carnaval do século XVII ao século XIX **Blog História com Gosto**, 21 fev. 2017. Disponível em <https://historiacomgosto.blogspot.com/2017/02/os-entrudos-carnaval-do-seculo-xvii-ao.html> Acesso em: 17 abr. 2024.
- BOAVENTURA, D. M. R. **Urbanização em Goiás no Século XVIII**. 2007. 279f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-13052010-090028/publico/Tese.pdf>. Acesso em: 15 maio 2024.

BORGES, M. C. Da observação participante a participação observante: uma experiência da pesquisa qualitativa. *In*: RAMIRES, J. C. de L.; PESSÔA, V. L. S. (orgs.). **Geografia e pesquisa qualitativa nas trilhas da Investigação**. Uberlândia: Assis Editora, 2009.

BORGES, A. da S. **A Educação Simbólica**: o imaginário na Cantoria de Santinho em Povo Novo/ RS (Col. A Educação Simbólica, vol. 1). Porto Alegre: Mundo Acadêmico, 2022.

BRAGA, A. **Nossa Senhora da Natividade, Padroeira do Estado do Tocantins e D. Alano Maria Du Noday, Apótolos do Tocantins**. Goiânia: Cartográfica, Editora e Pap. Ltda, 1994.

BRANDÃO, C. **O Divino o Santo e a Senhora**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1978.

BRANDÃO, C. R. **Sacerdote de viola**. Petrópolis: Vozes, 1980.

BRANDÃO, C. R. **Sacerdotes de viola**: Os Rituais Religiosos do Catolicismo Popular em São Paulo e em Minas Gerais. Petrópolis: Vozes, 1981.

BRANDÃO, C. R. **Os deuses do povo** – um estudo sobre a religião popular. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 1986.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 3 jun. 2018.

BRESSANIN, C. E. F. **Entre missões, desobrigas, construções e projetos educativos**: a ordem dos pregadores nos sertões do antigo norte de Goiás. 2015. 205f. Dissertação (Mestrado em História - Cultura e Poder) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2015. Disponível em: <https://tede2.pucgoias.edu.br/bitstream/tede/3369/1/CESAR%20EVANGELISTA%20FERNANDES%20BRESSANIN.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2023.

CALDEIRA, R. C. O Concílio Vaticano I (1869-1870): Os Cardeais Respondem à Consulta de Pio IX. **Revista Caminhos**, Goiânia, v. 21, n. 1, p. 275-295, jan./abr. 2023.

CÂMARA NETO, I. de A. Diálogos sobre religiosidade popular. **Digital Mundo Miraira**, 2002. Disponível em: <http://www.digitalmundomiraira.com.br/Patrimonio/ReligiosidadeFe/dialogosreligiosidade-N2-2002.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2023.

CAMURÇA, M. Dossiê Igreja Católica e Modernidade Contemporânea. **Estudos de Religião**, v. 27, n. 2, p. 117-122, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15603/2176-1078/er.v27n2p117-122>. Acesso em: 15 maio 2024.

CANANI, A. S. K. B. Herança, sacralidade e poder. Sobre as diferentes categorias do patrimônio histórico e cultural no Brasil. **Antropol.**, v. 11, n. 23, p. 163-175, jun. 2005.

CASCUDO, L. da C. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1962.

CASTRO, A. A. N. de. **A trajetória histórica da conservação restauração de acervos em papel no Brasil**. 2008. 181f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de

Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008. Disponível em:

<https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/2840>. Acesso em: 2 maio 2018.

CESAR, W. O que é popular no catolicismo popular. **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 36, fasc. 141, mar. 1976.

CHARTIER, R. “Cultura Popular”: revisitando um conceito historiográfico. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, 1995.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1995.

CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. 3. ed. Florianópolis: UFSC, 2007.

CONSTITUIÇÃO CONCILIAR SACROSANCTUM CONCILIUM. Documentos do Concílio Vaticano II, A Santa Sé, 1963. Disponível em:

[https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19631204\\_sacrosanctum-concilium\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html). Acesso em: 3 abr. 2024.

CONSTITUIÇÃO PASTORAL GAUDIUM ET SPES. Documentos do Concílio Vaticano II, A Santa Sé, 1965. Disponível em:

[https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html). Acesso em: 3 abr. 2024.

CONTIEIRO, T. T. **O mundo na Igreja e a Igreja no mundo**: reflexões sobre o Concílio Vaticano II e a modernidade. 2017. 262f. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/20827>. Acesso em: 20 maio 2024.

CORDEIRO, R. B. de A. **Arraias**: Suas raízes e sua gente. Goiânia: editora, 1991.

COSTA, M. S. P. **Educação e Cultura de Arraias**. Palmas: Secretaria de Comunicação (Secom), 2004.

COSTA, M. A. **Patrimônio cultural e suas manifestações culturais**: um estudo de caso no município de Arraias. Arraias: Universidade Federal do Tocantins, dez. 2006.

COSTA, M. S. P. **Poder Local em Tocantins**: domínio e Legitimidade em Arraias. 2008. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008. Disponível em: [http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/1863/1/2008\\_MagdaSPCosta.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/1863/1/2008_MagdaSPCosta.pdf). Acesso em: 26 maio 2023.

DELGADO, L. de A. N. **História oral**: memória, tempo, identidades. Autêntica: Belo Horizonte, 2006.

DELGADO, L. de A. N. **História oral**: memória, tempo e identidades. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.



DIAS, M. Suça: manifestação cultural folclórica do Tocantins. **Secretaria de Comunicação do Tocantins - Secom**, 2021. Disponível em: <https://www.to.gov.br/secom/noticias/suca-manifestacao-cultural-folclorica-do-tocantins/3gfpuzdy2043>. Acesso em: 19 abr. 2024.

DIOCESE PORTO NACIONAL. Dom Alano Maria Du Noday, OP (1936-1976). **Diocese Porto Nacional**, [2020]. Disponível em: <https://dioceseportonacional.org.br/dom-alano-maria-du-noday-op-1936-1976/>. Acesso em: 3 maio 2024.

DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II. A Santa Sé. Disponível em: [https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/index\\_po.htm](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/index_po.htm). Acesso em: 3 abr. 2024.

FUNARI, P. P.; PELEGRINI, S. C. A. **O que é patrimônio cultural imaterial**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2008.

GALVÃO, E. **Santos e Visagens**. Um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

GAZETA DO CERRADO. Tradição: Caretas saem nas ruas de Arraias. **Gazeta do Cerrado**, 2022. Disponível em: <https://gazetadocerrado.com.br/tradicao-caretas-saem-nas-ruas-de-arraias-veja-fo/>. Acesso em: 3 abr. 2024.

GHIRARDELLO, N.; SPISSO, B. (coords.). **Patrimônio histórico**: como e por que preservar. Bauru: Canal 6, 2008. Disponível em: [https://www.creasp.org.br/arquivos/publicacoes/patrimonio\\_historico.pdf](https://www.creasp.org.br/arquivos/publicacoes/patrimonio_historico.pdf). Acesso em: 29 mar. 2024.

GUALBERTO, R. D. **O Lugar Contado**: Narrativas em Torno a Chapada dos Negros em Arraias TO. 2017. 125f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura e Território) – Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11612/949>. Acesso em: 26 mar. 2024.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

HERMOGENES, J. L. **Folias do Divino Espírito Santo**: tradições e religiosidade de Arraias/TO. 2021. 39f. Monografia (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal do Tocantins, Arraias, 2022. Disponível em: <http://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/4599>. Acesso em: 27 mar. 2024.

HOBSBAWN, E. **A Era dos Extremos**: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

HORTA, M. L. P. *et al.* **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: IPHAN/Museu Imperial, 1999.



INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). População no último censo. **IBGE**, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/arraias/panorama>. Acesso em: 9 dez. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Amostra Religião de Arraias Tocantins - censo 2010. **IBGE**, 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/arraias/pesquisa/23/22107?detalhes=true>. Acesso em: 18 mar. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). História de Arraias TO. **IBGE**, [2010]. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/arraias/historico>. Acesso em: 18 mar. 2024.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). Iphan realiza encontro sobre Patrimônio Imaterial em São Luiz do Paraitinga. **Iphan**, 23 jul. 2012. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/936>. Acesso em: 29 jul. 2023

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). Educação Patrimonial. **Iphan**, 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/343>. Acesso em: 18 mar. 2024.

ISAMBERT, F. A. **Le sensdu sacré: fête et religion populaire**. Paris: De Minuit, 1992.

LARAIA, R. de B. **Cultura: um conceito antropológico**. 18. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LEAL, J. **As Festas do Espírito Santo nos Açores: um Estudo de Antropologia Social**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1994. Disponível em: [https://research.unl.pt/ws/portalfiles/portal/33856170/Jo\\_o\\_Leal\\_As\\_Festas\\_do\\_Espirito\\_Santo\\_nos\\_A\\_ores\\_Um\\_Estudo\\_de\\_Antropologia\\_Social.pdf](https://research.unl.pt/ws/portalfiles/portal/33856170/Jo_o_Leal_As_Festas_do_Espirito_Santo_nos_A_ores_Um_Estudo_de_Antropologia_Social.pdf). Acesso em: 26 maio 2024.

LINDBERG, C. **Uma breve história do cristianismo**. São Paulo: Loyola, 2008.

LOPES, A. **Devoção e poder nas Festas do Espírito Santo**. São Paulo: Edições Cosmos, 2004.

LOPES, H. Arraias: Uma cidade que respira história, cultura e tradição. **Governo do Tocantins**, 6 ago. 2021- Disponível em: <https://www.to.gov.br/secult/noticias/arraias-uma-cidade-que-respira-historia-cultura-e-tradicao/3398aalfvr7>. Acesso em: 3 abr. 2024.

MACEDO, V. **Os Impérios da Festa: a festa do Divino no Rio de Janeiro do XIX**. São Paulo: Pletora, 1998.

MAIA, F. A. Direito à memória: o patrimônio histórico, artístico e cultural e o poder econômico. **ONG Carreiro de Tropa**, 2011. Disponível em: <https://carreirodetropa.wordpress.com/2011/04/03/direito-a-memoria-o-patrimonio-historico-artistico-e-cultural-e-o-poder-economico/>. Acesso em: 28 jun. 2023.

MARTINS, M. F. **A opção pelos pobres em Gustavo Gutiérrez**: contribuições teológicas para uma "Igreja em Saída". 2018. 110f. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <https://faculdadejesuita.edu.br/wp-content/uploads/2022/07/A-OPCAO-PREFERENCIAL-PELOS-POBRES-EM-GUSTAVO-GUTIERREZ-E-NA-EXORTACAO-APOSTOLICA-EVANGELII-GAUDIUM.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2024.

MATOS, J. S.; SENNA A. K. de. História Oral Como Fonte: problemas e métodos. **Historiæ**, Rio Grande, v. 2, n. 1, p. 95-108, 2011. Disponível em: <http://www.repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/3264/Hist%C3%B3ria%20oral%20como%20fonte%20%20problemas%20e%20m%C3%A9todos.pdf?sequence=1>. Acesso em: 28 ago. 2023.

MESSIAS, N. C. **Religiosidade e devoção**: as festas do Divino e do Rosário em Monte do Carmo e em Natividade – TO. 2010. 352f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010. Disponível em: [http://portais.ufg.br/uploads/113/original\\_Tese\\_Noeci\\_Carvalho\\_Messias.pdf](http://portais.ufg.br/uploads/113/original_Tese_Noeci_Carvalho_Messias.pdf). Acesso em: 23 ago. 2023.

MESSIAS, N. C. **Porto Nacional**: patrimônio cultural e memória. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2012.

MENDES, V. H. Vaticano II: a modernidade da Igreja em um contexto de mudanças. **Encontros Teológicos**, ano 27, n. 62, p. 139-163, 2012. Disponível em: <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/download/192/183>. Acesso em: 9 abr. 2024.

MENESES, U. B. Educação em Museus: sedução, riscos e ilusões. **Revista Ciências e Letras**, n. 27, jan/jun. 1979.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento científico**: pesquisa qualitativa em saúde. 2. ed. São Paulo: Hucitec – Abrasco, 1994.

MOURA, S. A. T. **Nas palmas da capoeira**: Resistência Cultural pela Chapada dos Negros em Arraias/TO (1984 a 2012). 2013. 179f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas e da Terra) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2013. Disponível em: <https://tede2.pucgoias.edu.br/handle/tede/3314>. Acesso em: 13 nov. 2023.

MURGUIA, E. I.; YASSUDA, S. N. Patrimônio histórico-cultural: critérios para tombamento de bibliotecas pelos IPHAN. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 3, p. 65-82, set./dez. 2007.

NEVES, R. N. Uma entrevista com o presidente da Sociedade São Jorge da Goméia, Entrevistadores: Jorge da Silva Maurício et al. In: IPAC. **Estudo para o tombamento estadual – Monumento**. Salvador: Terreiro São Jorge Filho da Goméia, set. 2003.

OLIVEIRA, P. A. R. *et al.* A Religião do Povo. **Cadernos Studium Theologicum**, Curitiba, ed. 5, 1976.

- OLIVEIRA, F. S. de. **Campos Belos: suas histórias, suas memórias**. 2015. 89f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2015. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=2977448](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2977448). Acesso em: 5 abr. 2024.
- OLIVEN, R. G. Patrimônio intangível: considerações iniciais. *In*: ABREU, R.; CHAGAS, M. (orgs.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.
- PASSAMANI, M. F. **A Festa do Divino em Viana no século XXI: memórias afetivas na construção de uma açorianidade capixaba**. 2019. 318f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ifes.edu.br/handle/123456789/645>. Acesso em: 23 nov. 2023.
- PATERNOSTRO, J. **Viagem ao Tocantins**. São Paulo: Companhia editora nacional, 1945.
- PAULA, T. R. F. de. *A mediação em museus: um estudo do projeto “Veja com as mãos”*. 2012. 129f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2012. Disponível em: [https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/De\\_Paula\\_T\\_R\\_F\\_mestrado\\_CI\\_2012.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/De_Paula_T_R_F_mestrado_CI_2012.pdf). Acesso em: 29 mar. 2024.
- PELEGRINI, S. C. A; FUNANI, P. P. **O que é patrimônio imaterial**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2008.
- PEREIRA, L. P. Promessa, consideração e trato nas festas de folia em Urucuia – MG. **Antropolítica**, n. 15, p. 97-122, 2011.
- PIAGEM, P. P.; SOUSA, C. J. de. **Dom Alano: o missionário do Tocantins**. Goiânia: Ed. dos Autores, 2000.
- PORTELLA, V. P. de. **Difusão virtual do patrimônio documental do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul**. 2012. 115f. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Patrimônio Cultural) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012. Disponível em: <https://www.apers.rs.gov.br/upload/arquivos/202003/09184834-1360344101-6-dissertacao-versao-final-difusao-apers.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2023.
- PROVÍNCIA SANTA CRUZ. Disponível em: <http://www.ofm.org.br/cidadania/religiosidade-popular>. Acesso em: 28 jun. 2023.
- RESENDE, J. F. B. A. Arraias, à luz das Candeias, o Altar que a Fé continua iluminando. *In*: BRESSANIN, C. E. F.; ZITZKE, V. A. (orgs.). **Religiosidades no Tocantins**. v. 2. Curitiba: CRV, 2021. p. 15-28.
- REVISTA DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS- IHU ON-LINE, ano XII, n. 401, 3 set. 2012. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/401>. Acesso em: 18 mar. 2024.

RIBEIRO, A. A. **Potenciais Turísticos Naturais e Culturais de Arraias/TO: Levantamento, Formas e Processos do Patrimônio Local.** 2021. 217f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, 2021. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/2915>. Acesso em: 29 mar. 2024.

RODRIGUES, J. C. **A inevitabilidade do relativismo e a secularização: a situação da Igreja Católica, segundo Paul Valadier.** 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

RODRIGUES, M. De Quem é o Patrimônio? Um olhar sobre a prática preservacionista em São Paulo. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 195-203, 1996.

SANTANA, R. M. **Particularidades, narrativas e práticas diocesanas no norte de Goiás (1936 -1966).** 2021. 136f. Dissertação (Mestrado em História das Populações Amazônicas) – Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, 2021. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br/bitstream/11612/3718/1/Rafael%20Machado%20Santana%20Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2024.

SANTOS, J. L. dos. **O que é cultura.** 12. reimpr. 16. ed. (Coleção primeiro passos: 110). São Paulo: Brasiliense, 2006.

SANTOS, M. S. dos. Museu Imperial: a construção do império pela república. *In*: ABREU, R.; CHAGAS, M. (orgs.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SARAIVA, A. L. Religiosidade popular e festejos religiosos: aspectos da espacialidade de comunidades ribeirinhas de Porto Velho, Rondônia. **Revista Brasileira de História das Religiões**, ANPUH, ano III, n. 7, maio 2010. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao>. Acesso em: 28 jun. 2023.

SOUSA, P. M. de. **A festa do divino Espírito Santo: memória e religiosidade em Natividade-Tocantins.** Porto Alegre: Editora Fi, 2017. Disponível em: <https://umbu.uft.edu.br/bitstream/11612/1348/1/A%20festa%20do%20divino%20Esp%C3%ADrito%20Santo%20-%20mem%C3%B3ria%20e%20religiosidade%20em%20Natividade-Tocantins.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2024.

SOUZA, R. L. de. **Festas, procissões, romarias, milagres: aspectos do catolicismo popular.** Natal: IFRN, 2013. Disponível em: <https://memoria.ifrn.edu.br/bitstream/handle/1044/1090/Festas%20Procissoes%20Romarias%20Milagres%20-%20Ebook.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 1 jun. 2023.

SOUSA, P. M.; ERTZOGUE, M. H. Histórias, memória e religiosidade na festa do Divino Espírito Santo em Natividade-TO. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, 2013. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/18877/209209214808>. Acesso em: 26 maio 2024.

SÜSS, G. P. **Catolicismo popular no Brasil: tipologia e estratégia de uma religiosidade vivida.** São Paulo: Loyola, 1979.

TAVARES, C. F. **Representações da Cultura popular na Folia de Reis de Arraias**. 2022. 54f. Monografia (Licenciatura em Educação do Campo) - Universidade Federal do Tocantins, Arraias, 2022. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/4841>. Acesso em: 26 jul. 2023.

TESKE, W. **A Roda de São Gonçalo na comunidade quilombola da Lagoa da Pedra em Arraias (TO)**; um estudo de caso de processo folkcomunicacional. 3. ed. Goiânia: Kelps, 2009.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TRIVINIOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TYLOR, E. B. A ciência da cultura. *In*: CASTRO, C. (org.). **Evolucionismo cultural**: textos de Morgan, Tylor e Frazer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005. p. 67-99.

TURNER, J. H. **Sociologia conceitos e aplicações**. São Paulo: Ed Markon, 2000.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE TOCANTINS (UFT). **Projeto Pedagógico (PPC) do Curso Superior de Tecnologia de Turismo Patrimonial e Socioambiental**. Resolução n.º 6, de 15 de abril de 2015. Câmpus de Arraias: UFT, 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE TOCANTINS (UFT). Edital n.º 001/2021 – PPGHISPAM / processo de seleção para aluno regular / entrada 2º semestre de 2021. Disponível em: <https://docs.uft.edu.br/share/proxy/alfresco-noauth/api/internal/shared/node/RxhR2aMPQ3OThjZXNefmtA/contente/Edital%20PPGHISPAM%20aluno%20regular%202021.pdf>. Acesso em: 9 maio 2023.

VENARD, M. **História dos Concílios Ecumênicos**. 4. ed. São Paulo: Paulus, 1995.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 3. ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2000.

VOVELLE, M. **Ideologias e Mentalidades**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

XAVIER, A. P. M. **Museu e Educação Patrimonial**: A experiência das práticas educativas no Museu Histórico e Cultural de Arraias Tocantins. 2018. 38f. Relatório Técnico Científico (Tecnólogo em Turismo Patrimonial e Socioambiental) - Universidade Federal do Tocantins, Arraias, 2018. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br/bitstream/11612/2522/1/RTC%20-%20Monografia%20-%20Ana%20Paula%20Martins%20Xavier.pdf>. Acesso em: 26 maio 2024.

XAVIER, F. A. M. **Memória, Identidade e Fé**: Festejo do Divino Espírito Santo em Arraias Tocantins. Arraias: UFT, 2018.

**APÊNDICE A – PRODUTO FINAL**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PORTO NACIONAL - TO  
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM HISTÓRIA DAS POPULAÇÕES  
AMAZÔNICAS (PPGHISPAM)**

**FLÁVIO ALEXANDRE MARTINS XAVIER**

**PRODUTO FINAL:**  
FOLDER DESTACANDO OS PRINCIPAIS ASPECTOS CULTURAIS DO FESTEJO DO  
DIVINO ESPÍRITO SANTO EM ARRAIAS TOCANTINS.

Porto Nacional, TO

2024

## INTRODUÇÃO

Diante da perspectiva de elaboração de um produto final do Mestrado Profissional em História das Populações Amazônicas da Universidade Federal do Tocantins em Porto Nacional, optou-se por fazer uma contribuição na área da Educação não formal. Como produto final foi confeccionado um folder, aportando as Festividades Religiosas presentes na Cultura Religiosa de Arraias, Tocantins, destacando os principais aspectos culturais do Festejo do Divino Espírito Santo. Salienta-se que o museu, como espaço de educação não formal, contribui para divulgar, valorizar e fortalecer as manifestações da religiosidade popular promovendo o diálogo inter-religioso e o respeito à diversidade cultural.

Segundo Fávero (2007, p. 614), “a terminologia formal/não formal/Informal, de origem anglo-saxônica, foi introduzida a partir dos anos de 1960. A explosão da demanda escolar que passou a ocorrer após o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945”.

Para uma melhor compreensão dos conceitos de educação formal, informal e a não-formal, Gohn (2006) salienta que

a educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados; e a educação não formal é aquela que se aprende "no mundo da vida", via processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas (Gohn, 2006, p. 2-3).

O folder é um material impresso de divulgação que se destaca por sua organização visual em dobras e pela eficiência em promover produtos, serviços e ideias. O nome vem do verbo "*to fold*" do inglês, que significa "dobrar". Almeida (2017) ressalta que folder tem uma linguagem visual que auxilia a compreensão de uma mensagem ao agregar texto e imagens, podendo ser estáticos, animados e interativos. Com recurso de comunicação, utiliza elementos visuais aliados a textos verbais, reduzidos e objetivos, para facilitar a comunicação de informações aos leitores. Segundo Paula (2012), há várias formas e alternativas de divulgação científica: dentre elas, temos o museus, entrevistas, saídas de campos, internet, vídeos e teatros. Entretanto, o autor destaca os folders educacionais sendo proveitosos na divulgações científicas:

O folder é um termo em inglês que foi acrescido ao dicionário português atribuindo significado similar a um veículo de informação utilizado em muitas áreas: pela publicidade, pelos órgãos governamentais, ONGs, institutos, escolas, empresas, conscientizações sócios-ambientais, entre muitos outros. De acordo com Dicionário Houaiss da Língua portuguesa, Folder é um “impresso de pequeno porte, constituído



de uma só folha de papel com uma ou mais dobras, e apresenta conteúdo informativos ou publicitário; folheto” ou ainda “prospecto dobrável” Num exame etimológico da palavra folder, de origem inglesa, aparecem referência como “folheto dobrado”, “o que dobra ou ainda a derivação deste vocábulo do verbo *to fold*, ou seja, dobrar [...] No folder podemos encontrar tabelas, que podem ilustrar: datas de eventos, lugares para entretenimentos, entre outros; mapas, os quais têm a função de facilitar a locomoção no local; fotografias e figuras. Os folders comunicam de forma objetiva e explicativa informações que divulgam produtos, ideias, projetos ideologias. São dobráveis, utilizam imagens dão destaque às ideias mais importantes com quadros ou palavras em fontes maiores (maiúsculas, coloridas ou de diferentes formatos). Seu propósito é comunicar ideias sem cansar os leitores [...] O folder como material de Divulgação e Popularização Científica contribui no enriquecimento cultural/científico em todos os setores da sociedade, pois é um dos materiais mais versáteis, podendo ser direcionado apenas para um público especializado como cientistas, artistas ou médicos; para escolas e universidade, e ao público em geral é um material que dispensa as formalidades exigidas em outros suportes de divulgação, como periódicos, rádio e TV, através de sua fácil elaboração. O folder pode apresentar a identidade de um grupo de estudo, bem como transcrever com muitas ou poucas palavras a produção científica em questão (Paula, 2012, p. 14-18).

Para Paula (2012), o diferencial do folder como material de divulgação científica está na acessibilidade para qualquer pesquisador, sendo de maneira fácil e direta na elaboração do material em curto prazo de tempo, diminuindo os espaços-tempos entre o pesquisador e os diversos públicos sujeitos de sua divulgação.

## **OBJETIVO GERAL**

O produto final tem por objetivo propor reflexões sobre fundamentos, costumes e valores das diferentes religiões existentes em Arraias, TO, com intuito que estimulem o diálogo e o respeito entre elas, valorizando a diversidade de formas de vida e as tradições religiosas, reconhecendo-se como parte de determinada comunidade.

## **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- ✓ Proporcionar aos cidadãos conhecimentos sobre questões religiosas;
- ✓ Conhecer as manifestações religiosas da comunidade;
- ✓ Ter liberdade de crença;
- ✓ Laicidade;
- ✓ Respeito à diversidade.

## **MUSEUS COMO ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL**

Os museus, portanto, são especialmente relevantes para desenvolver dimensões como a de formar cidadãos éticos, críticos e tolerantes em relação às diferentes crenças presentes na sociedade brasileira.

A educação não-formal não se limita a um momento particular da vida. Está disponível para todos, desde crianças até idosos. Os museus são ambientes bastante interessantes para o crescimento dessa interação entre diferentes públicos e gerações, sendo um espaço de descoberta, improviso, movimento e construção de novos padrões de ensino. Cada visitante do museu traz consigo uma série de conhecimentos e experiências que serão comparados com os conhecimentos, fatos e objetos sobre os quais o espaço convida a refletir e também com os saberes e experiências de outros indivíduos com os quais se relacionará.

### **ALGUNS PONTOS QUE PODEM SER DISCUTIDOS**

O tema religiosidade popular é uma forma de promover o entendimento sobre o direito de liberdade de consciência e de expressão da crença, bem como desenvolver habilidades e competências.

- ✓ Conhecer e respeitar as manifestações e/ou eventos sagrados através da recuperação de registros de tradições religiosas presentes em sua comunidade e na cidade;
- ✓ Identificar e respeitar as práticas celebrativas (cerimônias, orações, festividades, peregrinações, dentre outras) das diversas tradições religiosas presentes na comunidade;
- ✓ Relacionar os diferentes saberes, memórias, lembranças, demonstrando respeito pelas tradições religiosas de sua comunidade (ritos, crenças, divindades);
- ✓ Apreciar rituais e experiências interculturais, a partir da convivência com as diferentes manifestações religiosas, distinguir e respeitar símbolos religiosos de diferentes formas, tradições e instituições religiosas;
- ✓ Conhecer e respeitar as leis que asseguram o direito à liberdade de consciência, crença, filosofia e convicção religiosa, comparando-as com as suas atitudes;
- ✓ Reconhecer e adotar princípios éticos, morais e religiosos que auxiliam na diminuição de discursos de ódio e atos violentos.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, D. M. Disciplina Ações Educativas na Prática de Enfermagem. Escola de Enfermagem. **Universidade de São Paulo**, São Paulo, 2017. Disponível em [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4412041/mod\\_Resource/content/1/ELABORA%C3%87%C3%83O%20MATERIAL%20EDUCATIVO.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4412041/mod_Resource/content/1/ELABORA%C3%87%C3%83O%20MATERIAL%20EDUCATIVO.pdf). Acesso em: 6 abr. 2024.

FÁVERO, O. Educação não-formal: contextos, percursos e sujeitos. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 99, p. 614-617, maio/ago. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/PXffv6zx3gFXmwN3wpydDpr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 6 abr. 2024.

PAULA, F. A. de. **Folder Ambiental**: Um suporte educativo à divulgação científica focado na conservação da biodiversidade. 2012. 68f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Biológicas) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/72339>. Acesso em: 08 abr. 2024.

**O FESTEJO DO DIVINO ESPÍRITO SANTO, EM ARRAIAS-TO, E A INFLUÊNCIA DO CONCÍLIO VATICANO II.**

**Origens e Significado**

A Festa do Divino é uma celebração tradicional do catolicismo, tendo como símbolo principal uma pomba branca que representa o Espírito Santo. Esta festividade é celebrada 50 dias após o Domingo de Páscoa, correspondendo ao dia de Pentecostes, e está intrinsecamente ligada ao calendário oficial católico. Originária de Portugal no século XIV, a tradição mantém-se viva como patrimônio histórico no Brasil. Em alguns Estados, a Festa mescla várias manifestações folclóricas, giro da folia e representações teatrais. Na questão religiosa, são feitas novenas, missas e procissões.

**Celebrações no Tocantins**

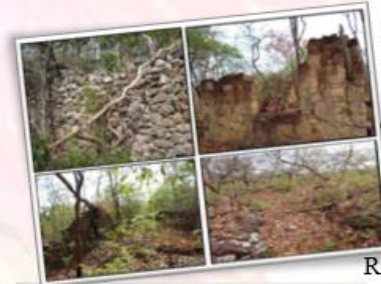
No estado do Tocantins, as comemorações ao Divino são marcadas por festividades que ocorrem de janeiro a julho, especialmente nas regiões sudeste e central. Esta tradição está intimamente ligada ao período da mineração de ouro nas antigas cidades goianas do século XVII. Em Arraias, no interior do Tocantins, as festividades do Divino seguem esse mesmo padrão histórico e cultural, enraizando-se na identidade local.



**Tradições em Arraias**

A cidade de Arraias, fundada em 1740 durante o ciclo do ouro, testemunhou o florescimento de uma cultura vibrante. Cujos vestígios podem ser encontrados nos muros de pedra construídos pelos escravos e nas

festividades populares que perduram ao longo dos anos.



cidade, testemunhando o passado e presente de Arraias.

O crescimento do povoado foi entrelaçado com a presença imponente da igreja Nossa Senhora dos Remédios. Este santuário, além de ser o epicentro da devoção religiosa, é também o guardião do rico legado arquitetônico da cidade.

**Eventos Religiosos**



Explorar um ano de práticas religiosas em Arraias é como embarcar em uma jornada espiritual, onde cada evento e celebração oferece uma oportunidade única de conexão e reflexão, convidando o observador a mergulhar em um caminho de devoção e oração.

**Festividades em Honra ao Divino**

A celebração do Divino Espírito Santo é um dos eventos mais significativos de Arraias, profundamente enraizada na história da cidade. Realizada entre maio e junho, com uma data móvel a cada ano, esta festa preserva tradições seculares que remontam ao período da mineração de ouro no século XVII.

**Rituais e Tradições da Folia**

O Giro da Folia é uma tradição que dura cerca de 15 a 20 dias. Os foliões, montados a cavalo ou a pé, percorrem fazendas e áreas urbanas, levando a bandeira do Divino, realizando bênçãos e coletando esmolas. A folia inclui cantos, rezas, catiras e rodas de celebração, com instrumentos como viola, caixa e pandeiros.



Durante o giro, os foliões são recebidos com hospitalidade nas fazendas, onde realizam bênçãos nos currais e entoam cânticos. As noites são marcadas por jantares e momentos de descontração, com improvisações musicais e rodas de prosa. A oração da manhã e os cânticos de despedida marcam a continuidade da folia, que leva a devoção e a alegria do Divino a diversas comunidades.

O encerramento da folia ocorre com o cruzamento de três bandeiras distintas: a do Sertão do Governo, a do Sertão da Terra Nova e a das





Caatingas em frente à igreja Nossa Senhora dos Remédios, seguido por uma cerimônia de bênçãos. Este evento desempenha um papel fundamental na composição e vivacidade da festa, tornando-se ainda mais expressivo com o passar dos anos e a dedicação dos últimos padres que chegaram à região.

### Renovação das Tradições



Com o passar do tempo, a celebração do Divino adquiriu novos contornos, especialmente após as Influências do Concílio Vaticano II e com a construção da Capela do Divino Espírito Santo, inaugurada em 1986, adicionou novos elementos à celebração.

As festividades, antes restritas às comunidades rurais, agora percorrem várias residências da cidade, onde são entoados cânticos em louvor ao Divino. Essa mudança trouxe uma centralização das celebrações religiosas em torno da capela dedicada ao sagrado, oferecendo um espaço exclusivo para essas práticas de devoção. O Festejo do Divino permanece sendo uma celebração tradicional em Arraias, organizada pela Paróquia e pela comunidade.



### Preparações e Rituais:

A festa segue o calendário cristão, sendo celebrada no 7º domingo após a Páscoa. A preparação envolve a ornamentação da

capela, cortejos, novenas. Durante os nove dias que antecedem a festa, acontecem novenas, procissões, alvorada festiva 5h da manhã, as três voltas arredor da capela, levantada do mastro e a tradicional dança da sùssia. Inclui missa de cura, com grande participação da comunidade, quermesses com comidas regionais, leilões de prendas oferecidas pela comunidade e celebrações de batizados e casamentos. A festividade é marcada por momentos de partilha e união, reforçando os laços comunitários e a devoção ao Divino Espírito Santo.

### Missa em Honra e Louvor ao Divino Espírito Santo



Realizada 50 dias após o domingo de Páscoa, a missa é um evento central das festividades.

Devido ao grande número de fiéis, a missa ocorre na porta da capela às 19h30. Após a missa, os festeiros recebem a bênção dos pães, que são distribuídos aos presentes como símbolo de fartura e proteção divina.

### Venha Participar!

Junte-se a nós em Arraias para celebrar a tradição e a fé do Divino Espírito Santo. Descubra a história, participe das festividades e vivencie a cultura vibrante dessa cidade única.

### Apoio:



Produto elaborado a partir da dissertação do Mestrado Profissional em História defendida no Programa de Pós-Graduação em História das Populações Amazônicas (PPGHISPAM) da UFT – Campus de Porto Nacional.

Flávio Alexandre Martins Xavier

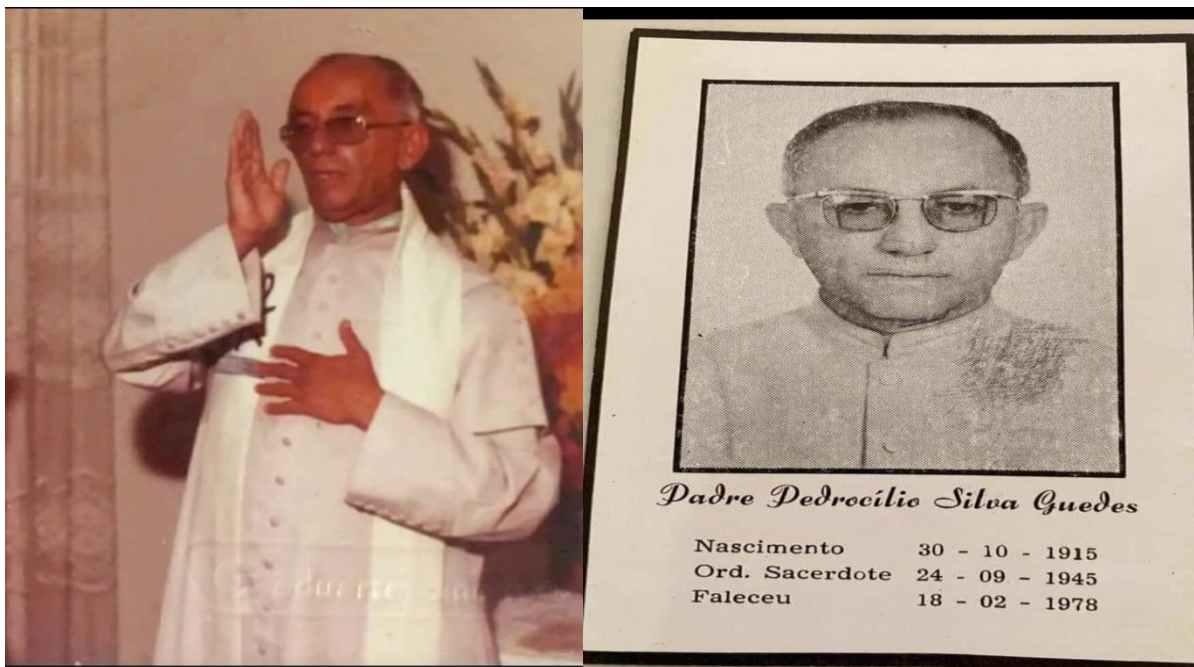
**ANEXO A - O TRABALHO PASTORAL DE DOM ALANO REALIZADO EM  
ARRAIAS E CAMPOS BELOS**



Fonte: Facebook Memórias Fotográficas de Arraias – TO e Memórias Fotográficas Campos Belos – GO.



**ANEXO B - PADRE PEDROCÍLIO SIVA GUEDES, VIGÁRIO DE ARRAIAS E  
REGIÃO**



Fonte: Facebook Memórias Fotográficas de Arraias – TO e Memórias Fotográficas Campos Belos – GO.





## ANEXO D - ARRAIAS: UMA CIDADE QUE RESPIRA HISTÓRIA, CULTURA E TRADIÇÃO<sup>15</sup>

30/03/2024, 09:43 Arraias: Uma cidade que respira história, cultura e tradição

SECRETARIA DA CULTURA GOVERNO DO TOCANTINS TRABALHANDO E CUIDANDO DE TODOS AGENDA DE CONTATO DOS ÓRGÃOS SISTEMAS S

Secretaria da Cultura

INÍCIO > NOTÍCIAS > TURISMO

### Arraias: Uma cidade que respira história, cultura e tradição

Município com cerca de 10 mil habitantes, Arraias respira história e tradição sendo um dos roteiros culturais para quem busca descobrir a região de Serras Gerais.

por Henrique Lopes / Governo do Tocantins  
publicado: 06/08/2021 14:04:00 - atualizado: 06/08/2021 14:34:22



Com forte influência cultural, Arraias preserva ritos seculares. - Foto: Henrique Lopes / Governo do Tocantins

<https://www.to.gov.br/secult/noticias/arraias-uma-cidade-que-respira-historia-cultura-e-tradicao/3398aaelfvr7>

Fonte: Governo do Tocantins (2021).

<sup>15</sup> Disponível em: <https://www.to.gov.br/secult/noticias/arraias-uma-cidade-que-respira-historia-cultura-e-tradicao/3398aaelfvr7>. Acesso em: 22 mar. 2024.

## ANEXO E - “ARRAIAS 280 ANOS DE HISTÓRIA, CULTURA E TURISMO”<sup>16</sup>

30/03/2024, 09:35

Arraias: 280 anos de história, cultura e turismo

GOVERNO DO  
**TOCANTINS**  
TRABALHANDO E CUIDANDO DE TODOS

AGENDA DE CONTATO DOS ÓRGÃOS SISTEMAS SERVIÇOS T

### Arraias: 280 anos de história, cultura e turismo

Município a cerca de 420 km de Palmas é uma das referências culturais, turísticas e econômicas do Estado

por Seleucia Fontes/Governo do Tocantins

publicado: 31/07/2020 12:36:00 - atualizado: 15/05/2021 11:22:13



Igreja de Nossa Senhora dos Remédios em Arraias - Foto: Adilvan Nogueira/Governo do Tocantins

Há 280 anos, nascia oficialmente Arraias. A data de 1° de agosto de 1740 foi marcada oficialmente pela transferência, assinada pelo governador da Capitania de São Paulo, Dom Luís de Mascarenhas, do povoado de Chapada dos Negros para uma área distante a poucos quilômetros. O povoamento da região havia iniciado quatro anos antes para exploração de ouro.

<https://www.to.gov.br/noticias/arraias-280-anos-de-historia-cultura-e-turismo/42br6w0n8cnp>

16

Fonte: Governo do Tocantins (2020).

<sup>16</sup> Disponível em: <https://www.to.gov.br/noticias/arraias-280-anos-de-historia-cultura-e-turismo/42br6w0n8cnp>  
7. Acesso em: 22 mar. 2024.



## ANEXO F - SHOW DE PRÊMIOS DO DIVINO ESPÍRITO SANTOS 2023

**Paróquia Nossa Senhora dos Remédios - Arraias/TO**  
*apresenta*  
**DE 19 a 28 de Maio de 2023**

# Show de Prêmios do Divino Espírito Santo 2023

*show de prêmios do DIVINO ESPÍRITO SANTO*  
**ARRAIAS-TO**

*“Espírito Santo, fortalecei nossa família, iluminai nossa fé e aumentai a nossa devoção.”*

**19/05** Conjunto de 02 poltronas + mesa de centro  
 Doador: **Unceito** Formosa-GO

**20/05** Vassoura Elétrica e Aspirador Portátil Britânia 1000w  
 Doador: **Regis Marques** Formosa-GO

**21/05** Ventilador Oscilante, Parede, Tron.  
 Doadora: **Celeste Formosa - Goiás**

**22/05** Ferro De Passar Roupas a Vapor e a Seco Electrolux 220v Azul  
 Doadora: **Regina Maria da Fonseca** Formosa-GO

**23/05** Samsung Galaxy A03s Dual SIM 64 GB - preto 4 GB RAM  
 Doador: **IPANEMA** Formosa-GO

**23/05** Air Fryer Electrolux Efficient EAF1 de 3.2L, cor preto, 220 W  
 Doador: **Regis Marques** Formosa-GO

**24/05** Cafeteira Três Corações Passions automática vermelho-brilhante para cápsulas monodose 220V.  
 Doador: **Rena do Fórum** Arraias-TO

**25/05** Micro-ondas Panasonic NN-ST27LWRU branco 21L 220V  
 Doador: **FAZENDA REALEZA** Formosa-MG

**25/05** Lava Louças Brastemp.  
 Doador: **Alvaro Arraias-TO**

**26/05** Fritadeira Elétrica sem Óleo/Air Fryer Philco  
 Doador: **Devotos**

**27/05** R\$ 4 mil Reais  
 Doadores: **Patrocinadores das pedras do Bingo.**

**28/05** R\$ 6 mil Reais.  
 Doadores: **Patrocinadores das pedras do Bingão.**

**Uma Bezerra**  
 Doador: **Eduardo Freire**

**Kit Especial Britânia**  
 Liquidificador + Batedeira + Esprededor BKT03P - Preto  
 Doador: **MIL PLANO** Formosa-GO

**Smart TV Philips 6900**  
 Série 43PFG6917/78 LED Full HD 43" - 110V/240V  
 Doadores: **Edna Braz e Capitão Wilson Batista** Arraias-TO

*Imagens meramente ilustrativas*

Fonte: Pascom (2023).

**ANEXO G - BANDEIROLAS PARA ORNAMENTAÇÃO DO FESTEJO DO DIVINO  
ESPÍRITO SANTOS 2023**



Fonte: Pascom (2023).

## ANEXO H - CONVITE PARA O FESTEJO 2024



Fonte: Pascom (2024).



## ANEXO I - LEILÃO VIRTUAL



Venha Participar!  
Arraias -TO

A partir das 9h da manhã

07.04.2024

**1º LEILÃO VIRTUAL**

**Festa do Divino Espírito Santo**

DIVERSOS PRATOS  
DOCES E SALGADOS 🍌

pix/CPF  
02161201107  
Núbia Ramalho.

Paróquia Nossa Senhora dos Remédios.  
Pároco Pe. Valdemir

The poster features a central image of a plate of food, likely a traditional dish from the event, with a white dove icon and a starburst graphic. The background is dark with yellow and white text and graphics.

Fonte: Pascom (2024).



## ANEXO J - CAMPANHA EM PROL DO PISO

PORTANTE IMPORTANTE IMPORTANTE

PORTANTE IMPORTANTE IMPORTANTE

JUNTOS PELA REFORMA DA CAPELA



**Campanha em prol do piso para a Capela do Divino Espírito Santo**

Nossa comunidade tem trabalhado arduamente para restaurar esse espaço sagrado, e agora chegou o momento crucial de finalizar o piso.

Qualquer contribuição será extremamente valiosa e apreciada. Se você puder ajudar de alguma forma, por favor, entre em contato conosco. Juntos, podemos tornar a Capela do Divino Espírito Santo um local ainda mais acolhedor e especial para nossa comunidade.

Agradecemos antecipadamente por qualquer apoio que puderem oferecer.

**Chave PIX**

**63992039776**

DIOCESE DE PORTO NACIONAL- STONE IP S.A



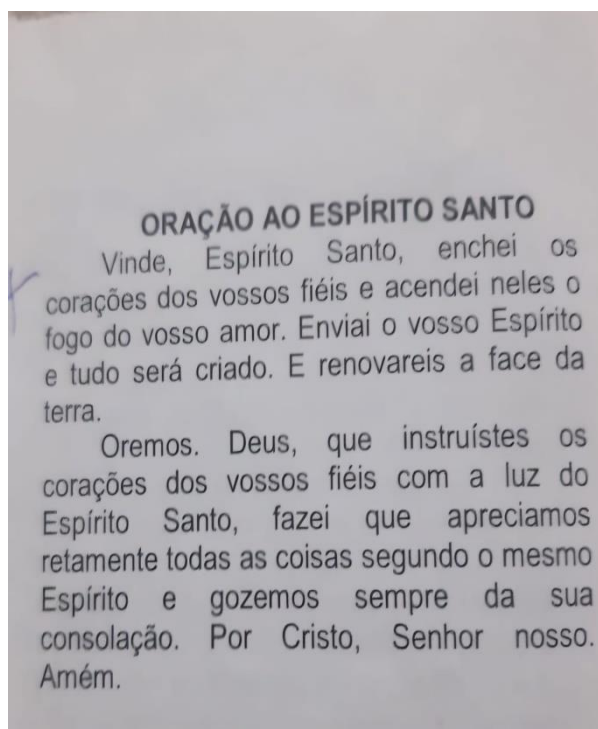
Fonte: Pascom (2024).

## ANEXO K - CAMPANHA SOU ADORADOR DO ESPIRITO SANTO



Fonte: Pascom (2024).

## ANEXO L - ORAÇÃO AO ESPÍRITO SANTOS



Fonte: Folheto de músicas (2010).

**ANEXO M - COVINTE PARA ALVORADA E LEVANTADA DO MASTRO**

**Festejos do Divino Espírito Santo**  
Arraias - Maranhão

**ALVORADA  
FESTIVA  
5H DA MANHÃ**

**FESTA EM HONRA E LOUVOR AO  
DIVINO ESPÍRITO SANTO**

10 À 19 DE MAIO/ARRAIAS-TO  
**Saindo da Igreja Matriz em  
procissão para Capela do  
Divino Espírito Santo .**

*Org. Festeiros do Divino Espírito Santo.  
Paróquia N.S. dos Remédios.  
Pároco Pe. Valdemir Alves de Sousa.*

**LEVANTADA DO MASTRO**

**10/05/2024**

18h - Saída da casa dos Masteiros 2024

**Zé Soneira e Meirinha**

Contamos com a sua presença e  
de toda sua família!

Fonte: Pascom (2024).